PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM GERONTOLOGIA

Maria Antonia Demasi

A máquina de fazer velhos: A literatura como objeto de reflexão sobre o envelhecer

MESTRADO EM GERONTOLOGIA

SÃO PAULO

2016

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM GERONTOLOGIA

Maria Antonia Demasi

A máquina de fazer velhos: A literatura como objeto de reflexão sobre o envelhecer

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Gerontologia, inserida na área de concentração Gerontologia Social, linha de pesquisa Gerontologia: Processos Político-Institucionais e Práticas Sociais do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia, vinculado à FACHS-Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Prof.ª Dr.ª Elisabeth Frohlich Mercadante.

SÃO PAULO

2016

Banca Examinadora:

_____

_____

_____

Ao meu pai, que assim como o pai de Valter Hugo Mãe, não viveu a velhice.

Ao amor de minha vida, com quem junto estou a envelhecer.

A meu tio-avô Cleso, velho-criança que me levou pelas mãos para conhecer o seu mundo.

A minha vó, razão de minha velhice de sempre.

AGRADECIMENTOS

A Fernanda Fávere por enquadrar o meu impossível.
Ao Gabriel Demasi por revisar todos os meus sub-textos.
A Elisabeth F. Mercadante pela liberdade e confiança.
A CAPES, pelo financiamento aos presentes estudos de mestrado.

"uma incrível epifania do que a literatura tinha de vida real.

a nossa impressionante vida real."

(Valter Hugo Mãe. (2011, p. 75). **A máquina de fazer espanhóis**).

RESUMO

DEMASI, Maria Antonia. A máquina de fazer velhos: A literatura como objeto de reflexão sobre o envelhecer. Dissertação de Mestrado (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia). São Paulo, 2016, 197 páginas.

Esse trabalho é uma análise do romance A máquina de fazer espanhóis de Valter Hugo Mãe. Situada no campo da Gerontologia Social, a autora articula conceitos de Friedrich Nietzsche, Michel Foucault, Gonçalo M. Tavares, Fernando Pessoa, Silvana Tótora e Angela Mucida para construir um painel ilustrativo da diversidade de velhices e maneiras de experimentar o longeviver. À luz desses pensadores, discute-se a possibilidade de encontros e afetos positivos na velhice, a potência desse tempo, a institucionalização, a fabulação criativa e a finitude.
A obra literária como objeto de reflexão traz, portanto, uma perspectiva rica e pertinente ao contexto do campo emergente da Gerontologia Social.

Palavras-chave: Gerontologia Social; Institucionalização; Finitude; Velhices.

ABSTRACT

DEMASI, Maria Antonia. The Making Old machine: A Reflection As Object literature About Aging. Master thesis (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – postgraduate program in Gerontology). São Paulo, 2016, 197 pages.

This work presents an analysis of "A máquina de fazer espanhóis", a novel by Valter Hugo Mãe. From within the field of Social Gerontology, the author mobilizes concepts from Friedrich Nietzsche, Michel Foucault, Gonçalo M. Tavares, Fernando Pessoa, Silvana Tótora and Angela Mucida to build a vision of the diversity of agings and ways of experiencing longliving.
The possibility of positive encounters and affects in old age, the potential of this lifestage, institucionalization, creative novelization and finitude are discussed in light of these thinkers. The literary work as object of study alows for a perspective enriching and pertaing to the emerging field of Social Gerontology.

Keywords: Social Gerontology; Institutionalization; Finitude; Old age.

SUMÁRIO

Onde tudo começou. 11

O meu asilo. 17

Apresentação. 20

Introdução. 24

Os caminhos percorridos. 25

Capítulo I O contorno dos medos. 27

Capítulo II Confuso e apoucado. 34

Capítulo III Assim é lhe se parece. 45

Capítulo IV Nem uma coisa nem outra. 54

Capítulo V Testemunhas do tempo. 71

Capítulo VI Libertar a vida onde ela é prisioneira. 75

Capítulo VII O medo e o mal de mãos dadas. 81

Capítulo VIII Polifonia dos afetos. 83

Capítulo IX Breve como tudo. 90

Capítulo X Pia Fraus. 96

Capítulo XI Como se estivéssemos para morrer. 101

Capítulo XII Como se nada fosse. 105

Capítulo XIII De onde tudo vem e onde tudo acaba. 110

Capítulo XIV Uma leveza muito grande. 119

Capítulo XV Fugir de nada. 126

Capítulo XVI Como se uma pedra chorasse. 137

Capítulo XVII A máquina de fazer espanhóis. 144

Capítulo XVIII Sozinhos da maneira errada. 146

Capítulo XIX Ainda um lugar de vida. 150

Capítulo XX A maioria da gente é outra gente. 167

Capítulo XXI Ir para o outro lado da cabeça. 180

Capítulo XXII Hoje. 186

Epílogo. 194

Considerações Finais. 195

Referências Bibliográficas. 196

ONDE TUDO COMEÇOU

Relatar fatos é sempre um desafio e o maior deles me parece ser o de conseguir olhar para trás e entender o complexo trajeto percorrido em 18.980 dias, ou seja, 52 anos. A boa notícia é que a capacidade de refletir sobre os caminhos escolhidos se torna mais aguçada com a maturidade.

Uma matéria publicada no *The New York Times* discutia um estudo que mostrava que "pessoas mais velhas têm muito mais informação em seus cérebros que as mais jovens e que a qualidade da informação no cérebro mais velho é mais nuançada." Venho experimentando a validade prática da afirmação acima prática da afirmação acima.

São mudanças sutis e, até agora, surpreendentemente agradáveis: ter maior clareza em relação a episódios vividos é uma experiência estimulante à medida que nos incita a olhar para trás com a segurança necessária para suportar "descobertas" muitas vezes adiadas.

"Você não sossega. Cada hora quer uma coisa. Assim não vai chegar a lugar algum!". Cresci ouvindo essa frase, cujo único objetivo era fazer-me assentar e seguir em frente, nos moldes da educação pretendida por meus pais. Tanta instabilidade colocava em risco o projeto de sucesso para a filha mais velha.

Mas se as intenções eram nobres a forma era um desastre. Precisei de muitos e muitos anos para entender que não me tornava desqualificada apenas por ter vontade de conhecer mundos diversos, pessoas diferentes, outras crenças, outras possíveis verdades, frustrando assim, o projeto de vida estável oferecido por minha família de classe média campineira.

O fato é que exatamente tudo que acreditei ser importante para minha vida foi vivido. Da paixão pela vida da heroína francesa Joana D'Arc, do desejo de ler em voz alta para os fiéis na missa de domingo, passando pelas brigas com meu pai por não me permitir ler livros sobre a ditadura, passando também pela desistência, seis meses antes da formatura, e o fim do sonho de ter uma filha advogada, pelos amigos desajustados", a saída repentina e autossuficiente de casa, o casamento com um homem e casado e bem

mais velho, a profissão escolhida sem muito preparo... Um caminho na contra mão do esperado.

Esse repertório imenso de experiências vividas expressam boa parte da construção de minha identidade, e dele tenho hoje grande orgulho. Mas existem também circunstâncias nas quais estive implicada e que acabaram por forjar um outro tanto de mim.

Minha primeira infância foi passada junto a minha avô paterna, de quem fui a neta primogênita. Desse convívio herdei características importantes de minha personalidade. Por pertencer a uma família numerosa – de 12 irmãos –, minha avó era dedicada a certo gerenciamento fraterno emocional dessa configuração familiar.

Sempre cercada de tios-avôs, cresci num universo afetivo de velhos com mais de 60 anos e suas idiossincrasias. Minha vida de criança acontecia nos cenários mais improváveis, e invariavelmente, uma vez por semana, durante muitos anos, passávamos a tarde no Lar dos Velhinhos de Campinas, onde morava meu tio-avô querido, Cleso.

Lá, cercada de senhores e senhoras ávidos por respirar um pouco de criancice, aprendi a ouvir longas e intermináveis histórias de tempos que desconhecia e a inventar tantas outras para poder assim, trocar tempos não vividos.

De então guardo os cheiros dos velhos pobres amontoados na ala dos indigentes, os sons dos achados do Tio Cleso sendo despejados invasivamente no lixo por minha vó, as cores pastéis das paredes dos quartos e as memórias mais doces de um envelhecer do meu tio, e um velho criança, vítima de uma meningite que o deixou para sempre o menino de sete anos que era.

Os velhos sempre me acompanharam. E demorei para entender que aquelas pessoas, referências de minha vida, eram velhas. Foram os outros ao meu redor, jovens adultos, que inscreveram essa noção em mim através de não ditos de toda ordem. Mas deles nunca me afastei.

Com o tempo, aqueles que eram velhos, ficaram mais velhos. E foram adoecendo. E foram morrendo. E eu entendendo o ciclo da vida até perceber que sim, dos velhos eu gostava muito, porque, de certa maneira, os conhecia bem. Sem

precisarem falar. Tinha desenvolvido uma maneira de estar com eles. E “eles”, são muitos e diversos.

Quando já adulta comecei a trabalhar como repórter, percebi que contar histórias era o que eu gostava. E que nessas histórias, o outro fosse o centro a partir de onde o resto se justificaria. Histórias prontas para serem divididas, e eu, pronta para contá-las.

Iniciava-se então, um processo de construção de uma narrativa que pretendia ser uma crônica possível dentro de um telejornal. Para melhor esclarecer, tirei do fundo da estante uma monografia de três alunos da Faculdade de Comunicação Social da Universidade de Londrina, cujo tema era “Transposição de Gêneros do Jornalismo Impresso para a Linguagem Audiovisual no trabalho da repórter Maria Antonia Demasi”. Três jovens jornalistas mobilizados pela minha narrativa que afirmavam expandir-se por “diversas áreas do conhecimento: Arte, Literatura, Cinema, Música, Estilística e até mesmo a Educação.” E mal sabiam eles – e na verdade, naquela altura, nem eu –, o quanto eu me aproximava da Gerontologia.

Meus personagens eram arautos de memórias abafadas, relegadas ao segundo plano pelas famílias e pela sociedade, velhos que dançavam, que namoravam, que se candidatavam a Miss e Mister Beleza, velhos adoecidos vagando por uma metrópole surda a seus apelos, à procura de atendimento médico e psiquiátrico. E naquele momento, o começo das campanhas de esclarecimento sobre uma doença até então negligenciada pela Saúde Pública: a doença de Alzheimer.

Foram muitas reportagens com portadores e seus familiares. A luta por suporte, medicação e informação. A minha luta era conseguir falar dessa realidade de maneira digna, verdadeira, sem ser piegas, sem cair no lugar comum, e principalmente, que pudesse tocar aqueles que assistissem ao noticiário e de alguma maneira fizesse a diferença na vida daqueles que já viviam esse drama.

Para conseguir estabelecer e manter esse espaço como cronista em um telejornal, busquei sustentação no que acredito ser o porto mais seguro para se conhecer o território das paixões, medos, conquistas e desafios do ser humano: a Literatura. Entendi que seria nos livros que encontraria respostas e inspiração para emplacar um mostrar, questionar e refletir questões da contemporaneidade de maneira séria e comprometida com o meu papel social, ou seja, de uma profissional que tem nas mãos a possibilidade

de acrescentar de maneira generosa alguma profundidade ao que usualmente é tratado de forma mecânica, fria e distanciada.

Definitivamente, só poderia avançar se assim fosse. E foi. Com parcerias preciosas dos livros e de uma equipe que aceitou junto comigo esse desafio, conseguimos. Sete anos depois desse trabalho ainda encontro velhos e velhas que se lembram com alegria de minhas reportagens.

Alegria que por um tempo curto e ironicamente precioso, abandonei. Adoeci e tive então meu primeiro e profundo encontro com a finitude, que, até então, não fazia parte de minha vida (sempre, só na do outro...).

O câncer foi um marco em minha vida. Senti-me vulnerável como nunca antes havia me sentido, e ao mesmo tempo, forte como um urso. Tudo passou depressa; o medo e as dúvidas deram lugar a uma decisão: eu iria mudar o rumo de minha vida. Não queria mais exigir de meu corpo uma energia que optara usar para um fluir mais ameno da vida. Diminui o ritmo de trabalho e logo avaliei que já não cabia exercer a função de repórter de qualquer telejornal diário. Era hora de ir ao encontro de meu mais profundo desejo. A Literatura. Não mais como leitora, e sim como escritora.

Para isso procurei uma especialização em Escrita Literária. Foi um encontro com autores conhecidos ou não que trouxe lembranças de puro fascínio e cumplicidade: parecia que éramos amigos de longa data e que eles todos esperavam que eu, finalmente, escrevesse.

Assim comecei a contar a história de minha avó, misturando realidade e ficção. Esse trabalho foi, e ainda é, altamente mobilizador e complexo. Adentrar nos recônditos da história da família é tarefa árdua e muitas vezes doída. Esse é um trabalho em progresso, sem prazo para término, que caminha lado a lado com o avançar de minha maturidade.

O fato é que depois de dois anos ininterruptos trabalhando com o universo do envelhecer que sempre permeou minha vida, decidi que era hora de buscar conhecimento teórico para melhor decifrar e estruturar essa minha história. Não poderia ser um programa que se aproximasse da Geriatria. Meu interesse, como parece já estar

claro, é a interdisciplinaridade. Chegar à Gerontologia da PUC/SP, foi apenas uma questão de tempo.

Desse encontro abriram-se inúmeras portas que deram vazão e respostas a perguntas que até então eu nem sabia que estavam sendo formuladas matreiramente, no meu inconsciente mais profundo: o entendimento do envelhecer como parte de um processo, a finitude como algo a ser encarado de frente, com a realidade nua e crua dos cenários que temos hoje para o longeviver e o entendimento de que não existe uma velhice, mas várias velhices possíveis.

Essa ideia de uma multiplicidade de possibilidades de vivenciar a velhice é trabalhada justamente pela professora Elisabeth F. Mercadante, minha orientadora. E esse encontro também é algo que se insere na perspectiva de uma rede de afetos, para mim, fundamental: pesquisadoras que são muito mais que tal. São ativas pensadoras das possibilidades de criar perspectivas mais modernas sobre o assunto, discussões que deixem de lado o senso comum e consigam dar contornos mais claros aos quadros já delineados sobre o tema.

Foi nesse ambiente de trocas e construção conjunta de novos saberes que o objeto de minha dissertação ganhou corpo.

Em 2010 tive a oportunidade de fazer a cobertura jornalística da Festa Literária Internacional de Paraty. Na ocasião, um dos convidados era o ainda desconhecido escritor português Valter Hugo Mãe, que estava no Brasil para lançar seu romance *A máquina de fazer espanhóis*. Nas vésperas do evento li o livro, e essa leitura impressionou-me sobremaneira. Uma história contada à flor da pele, sem brechas para sentimentalismo barato e escamoteamentos para agradar o leitor. A dura realidade de um envelhecer experimentado inesperadamente num asilo português e os acertos de contas impostos pela percepção do fim próximo.

Essa história parece ser a síntese de muitas e muitas outras histórias, portanto, refletir sobre elas, com a ajuda de teóricos das ciências sociais, significa abrir um campo vastíssimo para formulação de muitas premissas interessantes. Da união de todos esses elementos expostos cheguei ao tema de meu estudo: **A máquina de fazer velhos: a literatura como objeto de reflexão sobre o envelhecer.**

Seguir refletindo tão bem acompanhada por professores, autores e personagens ficcionais faz-me sentir privilegiada e ávida por avançar nos estudos da Gerontologia.

O MEU ASILO

Quando menina, de cabelo loiro e escorrido, me acostumaram a um passeio delicado. Íamos a um asilo visitar o Tio Cleso.

Ele era o irmão de minha avó. O irmão que aos sete anos teve meningite e parou no tempo. Beirando os 70, era uma criança simpática, educada, inteligente e surda.

Ele, um homem grande, bonito e parado no tempo. Eu, uma menina pequena, bonita, que corria com o tempo.

Uma vez por semana. Essa era a frequência de nossas visitas. Íamos, minha avó e eu, de ônibus, cheias de sacolas cheias de doces, frutas, roupa de cama limpa e jornais velhos.

Tio Cleso era um homem bem informado. O fato de os jornais conterem notícias com uma semana de atraso não era um problema.

Ele se ocupava por horas a fio lendo e comentando cada uma delas com os colegas e funcionários do asilo. Aprendeu a ler antes de a doença o atingir, e depois aprimorou sua escrita. Orgulhava-se de escrever rápido e corretamente de trás para frente.

Nossa chegada ao asilo era um evento, uma farra. Quando nos avistava descendo a alameda de entrada, vinha ao nosso encontro falando, cantando marchinhas sem ritmo e, ao mesmo tempo, fazendo peripécias com as mãos grandes de dedos finos.

Falava meu nome alto, como que anunciando uma ilustre convidada, e abraçava desajeitadamente a irmã enquanto tirava as sacolas de suas mãos.

Esperar minha avó fazer a limpeza e a arrumação do quarto era uma delícia. Eu ficava conversando com vários senhores, sentados em roda, me deixando no centro de suas cadeiras e, por apenas alguns minutos, no centro de suas vidas.

Tinha um velho que eu adorava: o Seu Carlos. Inteligente. Bondoso. É disso que me lembro dele. Sempre tinha algo pra me contar, e eu para ouvir. Até a hora em que minha avó me chamava para dentro.

Entrar no corredor que levava ao quarto era a preparação para o quarto em si. O cheiro de xixi era forte e incômodo, mas ao vencer esses 10 ou 12 metros chegava ao quarto firme e pronta para lá ficar.

Tio Cleso era um colecionador, hoje sei. Colecionava o que a vida lhe dava, usando um especial critério que definia o que era bom ou não. E o critério dele era bastante elástico. Útil e desejável poderia ser um elástico mesmo.

Quando minha avó abria a porta do armário e sua vasta coleção despencava no chão, eu sentia uma mistura de constrangimento e responsabilidade Ficava constrangida por ela disparar palavras duras, ralhar com o irmão, fazer acusações que iam de apropriação indébita passando por manutenção em cativeiro de pequenos insetos, e ela não raro tinha a arrogância de lançar dúvidas sobre a qualidade dos objetos colecionados.

E não tinha choro nem vela. Ela catava o que não passava por seu crivo estético e utilitário e jogava fora. Ele ficava uma fera. Ele era sim um velho-criança, mas não era bobo e sabia que aquilo era uma invasão de privacidade.

Mas eu achava muita graça daquela cena protagonizada por dois irmãos-crianças. Naqueles momentos, eu era a adulta que apartava a briga, contemporizava colocando de volta no armário os itens que conseguia tirar do foco de minha avó e depois de a coisa toda se acalmar, pegava o tio pela mão e saía para dar uma volta.

Eram voltas pelo Asilo. Uma vez, ele me levou à parte pobre. Muito pobre. Onde o cheiro de xixi ganhava a área externa do pavilhão e atingia quem passava por perto. Ali se via o que deveria ser invisível para a menina loira e boazinha. Vi tudo em preto branco. E ele, como um tio convencional que precisa proteger a sobrinha, apressava o passo meio avexado, e me tirava dali. Obedecia ao seu comando, mas virava o pescoço até não poder mais para poder ver. Vi tanto e com tanta dor que nunca me esqueci.

Na descida para a ala em que morava, ia catando coisas no chão. Tudo. Nada. Coletava para poder rapidamente preencher o vazio de sentidos que a irmã lhe impusera roubando, isso mesmo, roubando pedaços de suas horas, seus dias, sua vida.

Ele era uma figura elegante. Quando usava calça e paletó brancos de linho era um evento. Fazia charme para todos e todas.

Uma vez, Tio Cleso pediu à minha avó uma camisa vermelha. Ela nem deu tempo para ele argumentar e lançou um sonoro não! Disse que jamais o deixaria passar ridículo, que um homem naquela idade não usava vermelho, que ele não era palhaço. Disse. E ele calou. Mas a história da camisa vermelha pulou o muro do Asilo e ganhou a família inteira.

Minha mãe, que tinha um carinho genuíno pelo tio de seu marido, atravessou a autoridade da sogra e deu para o Tio Cleso a tal camisa vermelha. Foi uma alegria. Ele ria sozinho e minha avó cedeu, feliz por outra pessoa fazer o que desejava, mas que de seu lugar de guardiã, não poderia permitir.

Edith, a irmã do Cleso, sogra da Regina, avó da Maria Antonia, amava de um jeito particular o irmão. Por contingências da vida, ficou para ela a missão de zelar por Cleso, apesar de ter mais dez irmãs.

Lutou para que o marido o aceitasse em temporadas estratégicas e necessárias em sua casa, o fez entender que as “bobajadas” que dizia deviam ser relevadas, afinal “era uma criança grande”.

E assim, numa luta de vida inteira, foi a melhor e mais amorosa amiga que Cleso poderia e merecia ter.

E eu fui a Toninha. A neta da Edith que aprendeu a velhice com o tio-avô criança.

APRESENTAÇÃO

"O acaso não escolhe, propõe."

José Saramago.

Qual será a estrutura que liga dois jovens escritores portugueses, uma curiosa intelectual brasileira, alguns filósofos, uma psicanalista, dois mestres da literatura universal e uma jornalista?

Quando em 2010 deu-se meu encontro com o texto de Valter Hugo Mãe, soube que não se tratava de uma acaso.

Era o começo de uma importante mobilização interna cujo desfecho ainda me era desconhecido.

Os autores portugueses sempre me encantaram pela maneira de abordar assuntos profundos quanto a morte, a saudade, o amor e os medos.

Misto de uma ingenuidade nada ingênua e uma profundidade camuflada por imagens simples e palavras diretas, o que encontramos são verdadeiros convites para aprofundarmos nossos pensamentos nas mais refinadas reflexões sobre temas fundamentais de nosso tempo.

Assim, a máquina de fazer espanhóis, foi um ponto de inflexão na minha vida profissional fazendo-me entender que havia sim um tema do qual não poderia mais fugir, qual seja, o envelhecimento.

Nas páginas escritas por Valter Hugo Mãe estão presentes inúmeros conteúdos caros a Gerontologia Social.

A viuvez, o asilamento, a solidão, as demências, as descobertas, os encontros, a morte... Por esse temas circulam personagens que conhecemos, que amamos, que perdemos.

Velhos que passam o dia a resistir e a esperar. Jovens que de longe, lamentam o acaso dessas vidas que já não cabem em suas vidas.

Uma história comum. A banalidade do tempo escancarada na rotina de um velho português que, como todos nós, carrega uma narrativa atrás de si que se mostra definidora de sua identidade.

O leitor que avança os olhos pelas palavras, frases, páginas, capítulos desse livro é antes de tudo alguém desejoso de encarar a própria velhice.

Dando um salto temporal, encontrei-me finalmente no espaço por natureza de reflexão e construção de um saber e assim pude finalmente mergulhar na obra de Valter Hugo Mãe com profundidade, minucia, de forma relacional e interdisciplinar.

Um jovem escritor português que José Saramago (1922-2010) definiu como um "tsunami linguístico".

E o Prêmio Nobel de Literatura não parou aí: estendeu elogios que estão registrados na edição brasileira do livro.

Valter Hugo Mãe nasceu em Angola em 1971. Vencedor do Prêmio Literário José Saramago em 2007, Valter arrancou elogios do grande escritor português, que comparou a experiência de lê-lo a “assistir a um novo parto da língua portuguesa”.

Publicou os romances o nosso reino (2004), o remorso de Baltazar serapião (2006, Prêmio Literário José Saramago); a máquina de fazer espanhóis (2010, Prêmio Portugal de Melhor Livro do Ano e Prêmio Portugal Telecom de Melhor Romance); O apocalipse dos trabalhadores (2011), o filho de mil homens (2012) e A desumanização (2014)

Os seus poemas reuniram-se, em Portugal, no volume Contabilidade. Recebeu o Prêmio de Poesia Almeida Garret. Também foi reconhecido com a Pena de Camilo Castelo Branco e com o Troféu Figura do Futuro.

Escreveu alguns livros infanto-juvenis, entre os quais O paraíso são os outros, em parceria com o artista plástico Nuno Cais. Esporadicamente dedica-se ao desenho e à música. Escreve as colunas “Autobiografia Imaginária”, no jornal de Letras, e “Casa de Papel”, no jornal Público. Apresenta um programa de entrevistas num canal de televisão português.[1]

Um escritor que se encaixa perfeitamente na ideia de interdisciplinaridade!

[1] Informações extraídas do livro “a máquina de fazer espanhóis”.

Mas não cheguei de malas vazias para esse encontro. Trouxe comigo autores queridos e a vontade de ampliar essas parcerias.

Logo no primeiro ano do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, tive a oportunidade de participar em Porto Alegre de um curso com o escritor português Gonçalo M. Tavares.

Para minha surpresa, o tema não foi literatura ficcional e sim a apresentação do livro "Atlas do Corpo e da Imaginação. Teoria, Fragmentos e Imagens", resultado da Tese de Doutoramento por ele defendida na Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa.

"Ora, pois, de que raios se trata tal obra?", pensei eu!

A resposta estava na apresentação do livro:

"Atlas do Corpo e da Imaginação" é um livro de Gonçalo M. Tavares que atravessa a literatura, o pensamento e as artes, passando pela imagem e por temas como os da identidade, tecnologia; morte e ligações amorosas; cidade, racionalidade e loucura, alimentação e desejo, etc.. Revisita ainda a obra de alguns dos mais importantes pensadores contemporâneos, partindo de Bachelard e Wittgenstein, passando depois por Foucault, Hannah Arendt, Roland Barthes, mas também por escritores como Vergílio Ferreira, Llansol ou Lispector, entre muitos outros. Arquitetura, arte, pensamento, dança, teatro, cinema e literatura são disciplinas que atravessam, de forma direta e oblíqua, o livro[2].

Estava posto meu segundo encontro com um autor português que marcaria profundamente minhas reflexões sobre o envelhecer!

A leitura desse trabalho clareou pensamentos ainda enevoados sobre o tema, modificou outros que, agora sei, já estavam ultrapassados, ampliou o universo de referências possíveis e principalmente, agregou engrenagens mais refinadas a nossa máquina de fazer velhos.

E ainda depois, já no segundo ano do Programa, o privilégio de ter compiladas e editadas pela Edusc as mais surpreendentes e provocativas ideias e opiniões sobre a velhice formuladas pela nossa Professora, Silvana Tótora em sala da aula.

[2] Informações extraídas do livro "Atlas do Corpo e da Imaginação".

A antropóloga Elisabeth F. Mercadante, também docente da Gerontologia Social PUC/SP, afirma na apresentação da obra que Tótora [...] desenvolve em seus cursos uma produção bibliográfica extremamente original, fundamentada nos escritos dos filósofos Nietzsche, Foucault e Deleuze e, neste livro, além desses filósofos, acrescenta os poetas Manoel de Barros e Hilda Hilst[3].

Não poderia começar a produção dessa Dissertação estando em melhor e mais conceituadas companhias!

Acrescentemos a essa lista as reflexões da Psicanalista mineira Angela Mucida que com sua vasta experiência no atendimento aos velhos, iluminou interpretações essencialmente delicadas sobre o processo de envelhecimento.

Mucida também trabalha com a literatura para a ampliação dos universos psíquicos por ela interpretados.

José Saramago está mesmo correto: o acaso chegou propondo caminhos. A nós restou trilhá-los com cuidado, atenção e criatividade.

Afinal, o que nos liga a tantas pessoas, a tantas experiências parece ser a vontade de colaborar para construção de mentes mais criativas e generosas. E para isso, não tem idade. Tem desejo.

[3] Informações extraídas do livro "Velhice: Uma estética da existência".

OS CAMINHOS PERCORRIDOS

"[...] só é digno de ser questionado, só é digno de ser investigado, o que ainda não tem fórmula, o que ainda não tem solução; e mais: o que nunca terá solução. Errar, circular, hesitar em redor do que não tem solução: um método."

Gonçalo M. Tavares.

A Gerontologia é um campo da ciência em processo de construção. Nesse sentido, a interdisciplinaridade é a palavra chave para o desenvolvimento de perspectivas que possam consolidar esse saber.

A produção de um conteúdo capaz de fomentar reflexões necessárias para uma melhor e mais atualizada compreensão dessa etapa de nossas vidas passa, sem dúvida, por um trabalho de interpretação que dê voz a modos singulares de envelhecer.

O antropólogo americano Clifford Geertz, fundador da Antropologia Interpretativa, no livro *A interpretação das Culturas* defende um conceito de cultura essencialmente semiótico e, portanto, [...] ***"acreditando como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assume a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado"***. (1989, p. 15).

Portanto, o desafio metodológico implicado na escolha do livro A máquina de fazer espanhóis é permear o longeviver engendrado por Valter Hugo Mãe, esgarçar as teias tecidas para cada personagem, para assim avistar as várias possibilidades de envelhecer fabricadas por essa máquina de fazer velhos.

Geertz afirma que ***"uma boa interpretação de qualquer coisa – um poema, uma estória, um ritual, uma instituição, uma sociedade – leva-nos ao cerne do que nos propomos a interpretar"***. (Ibid., 1989, p.28). Partimos da seleção de fragmentos significativos do livro, no qual múltiplas dimensões do envelhecer estão entrelaçadas, uma vez que trabalhamos na perspectiva da diversidade. Para garantir o entendimento da narrativa, os fragmentos escolhidos respeitaram a edição da história de tal maneira que o leitor poderá, sem conhecimento prévio da obra, acompanhar linearmente o transcorrer dos fatos e as reflexões levantadas.

As experiências repletas de significados vividas pelo personagem principal, o velho Silva, nos são apresentadas pelo autor do livro analisado. Valter Hugo Mãe é, portanto, o intérprete de primeira mão. Nós e os autores com os quais trabalhamos somos os intérpretes de segunda mão, e os leitores, de terceira.

Através da compreensão dos significados atribuídos e das conexões com campos do saber distintos como a gerontologia, a psicologia, a literatura, a geriatria e a filosofia, avançaremos, pois por uma teia de significados da velhice que pretendemos cada vez mais profundos, singulares e potentes.

O caminho percorrido através das duzentas e cinquenta páginas dessa obra literária nos remete à afirmação de Geertz de que ***"o impulso de retirar um sentido da experiência, de dar-lhe forma e ordem, é evidentemente tão real e tão premente como as necessidades biológicas mais familiares."*** (Ibid., 1989, p. 158).

Pensar a velhice é uma necessidade da contemporaneidade. Que possamos juntos, com a ajuda da Gerontologia, avançar na descoberta de múltiplos modos de envelhecer.

Capítulo I O contorno dos medos

"*Porque aquele homem pareça não querer nunca mais usar o pensamento nem para combater outro pensamento – foi fisicamente que de súbito se rebelou em cólera [...] e com a voracidade ele todo tentou se tornar apenas orgânico*."

Clarice Lispector.

No primeiro capítulo encontramos o senhor António Jorge da Silva, 84 anos, na recepção de um hospital português. Permanecia ali a esperar pelo retorno ou notícias de sua esposa Laura, que estava sendo atendida depois de sentir-se mal em casa.

No mesmo local, trabalhava um funcionário do pronto atendimento, outro Silva, esse Cristiano Mendes da Silva, 65 anos, às vésperas da aposentadoria.

Ambos Silva.

o homem interrompeu o silêncio para me explicar que também se chamava silva. cristiano mendes da silva, e eu imediatamente pensei em nós dois como frente e verso, eu antónio jorge da silva, e ele, o silva da europa, o peito inchado de orgulho como se tivesse conquistado tudo sozinho. continuou, somos todos silvas neste país, quase todos. crescemos por aí como mato, é o que é. como as silvas somos silvestres, disse eu, obrigado a sorrir como quem suplica uma trégua. (MÃE, 2011, p.12)[4].

Silva. Um sobrenome ordinário para designar o cidadão português comum, aquele que é a síntese da história recente um Portugal envelhecido[5], um, a metáfora utilizada para dizer de todos os milhões de velhos portugueses que grassam pelo país desconfortáveis com a herança social com a qual têm que lidar e a consequente falta de perspectivas para se fiarem.

---

[4] Como forma de manter uma leitura clara, e o caráter poético-literário, foi escolhida a cor preta (em cor cinza – realce, negrito e itálico) pela autora (aluna), para grifar as citações na íntegra retirada do livro que serve como norteador das discussões do presente estudo, e em preto (sem realce, negrito e itálico) àquelas que foram extraídas de obras de outros autores.

[5] Portugal é o **quarto país** da União Europeia **com maior percentagem de idosos**, logo a seguir a países como Itália e Grécia. Desde os anos 60, o número de pessoas com mais de 65 anos aumentou de cerca de 700 mil para mais de dois milhões, acompanhando a diminuição do número de nascimentos. Na década de 70, por cada idoso com mais de 65 anos, existiam duas crianças com menos de 10. Atualmente, as estatísticas mostram exatamente o oposto — por cada criança com menos de 10 anos, existem cerca de dois idosos.
Ver "Como são e como vivem os idosos em Portugal". 30/09/2014. Disponível em: < http://observador.pt/2014/09/30/quem-sao-e-como-vivem-os-idosos-em-portugal/>. Acesso em: 27 nov. 2015.

Habilmente constrói-se uma voz representativa de uma parcela dos portugueses que viveram a experiência de um regime autoritário, o salazarismo, subjugados pelo poder e sem conseguir exercer a força necessária para operar mudanças.

Encontramo-nos, pois, com a representação de dois entendimentos do processo político pelo qual passou Portugal: a entrada do país na Comunidade Europeia conferindo ônus e bônus aos portugueses. Posturas antagônicas em relação aos benefícios e vantagens dessa inclusão que, para um é sinônimo de avanço e orgulho, para outro, mais do mesmo engodo que acredita serem todas articulações políticas e sociais.

De saída, nos é apresentada a síntese, as ambiguidades sociais que permeiam a vida dos velhos portugueses.

O Senhor Silva não teve força para enfrentar os 40 anos do Salazarismo (1933-1974), já o outro Silva, o Silva da Europa, suportou uma vida submetida a estruturas hierarquizadas para se manter e manter aos que ele está submetidos. O regime acabou por imprimir nos cidadãos marcas indeléveis, sujeitos amortizados pelo medo, vigiados, apequenados.

estou mais farto destas tarefas. sou o rabo desta máquina. o cú da máquina, entende. a porcaria que ninguém quer fazer, esta porcaria, vem toda aqui parar à minha mesa. e, enquanto olho por quem entra ou deve entrar, despacho a vida como se tivesse vontade de a despachar à pressa. [...]mas para nós, os mais velhos, já é uma tristeza vir para cá ver quem adoece e quem morre[...]. (Ibid., 2011, p.15).

Entre os dois Silvas, a percepção da realidade atual de Portugal é antagônica. Para o Silva da Europa, fazer parte da União Europeia é a síntese de um projeto de integração apto a conceder a cada cidadão português um alvará para elevação da autoestima nacional. O senhor Silva aceita essa configuração político-social imposta, mas sua experiência não permite que seja extinta, mais uma vez, o que acredita ser sua individualidade. Silva da Europa, porém, passa seus dias entusiasmado e imerso nessa configuração de nação.

e a mim ninguém me apanha diminuído como outrora, somos europeus, eu sou um silva da europa, isso é que ainda há muitos que não o são, só porque ainda não aceitaram ou não o perceberam. mas sabe o que lhe digo, é inevitável. vai chegar

a todos. é tempo. é tempo. um dia seremos cidadãos de um mesmo mundo. iguais, todos iguais e felizes nem que seja por obrigação. (Ibid., 2011, p. 13).

Um octagenário tomado pelo medo do pior estar por acontecer, acompanhado de um sexagenário solitário, ideológico e anestesiado pela rotina de conviver com situações limites de dor e angústia.

subitamente um médico entrou na pequena sala e veio ao meu encontro. senhor antónio silva. respondi que sim. a sua mulher encontra-se bem, estamos ainda à espera do resultado de alguns exames. agora encontra-se apenas a dormir. foi sedada. pelo que não acordará tão cedo e nós vamos querer que ela passe cá essa noite. eu sorri como uma criança perdida a quem se dá a mão. não posso ficar também, perguntei. O médico, já afastado de mim, disse que não e desapareceu, neste serviço não. (Ibid., 2011, p.13).

A criança perdida que habitava naquele momento senhor Silva, não teria efetivamente a capacidade de captar a real dimensão do que estava acontecendo. Já o velho que era, pressentia a ameaça que o espreitava, ou seja, que a morte estava lá e sempre esteve em todos os lugares, em todos os minutos de sua existência.

O amor maduro do senhor Silva por Laura correspondia a uma antipatia quase natural que nutria pelo resto das pessoas.

Roland Barthes (2003) elabora uma ideia bastante apropriada ao personage: a de que o mundo está num aquário e quem ama está de fora. A rotina de Laura e senhor Silva se encaixa perfeitamente nessa construção: para ambos, só fazia sentido o outro e, por consequência, acalentavam a ilusão de que, por exemplo, uma ocorrência que eventualmente levasse um dos dois à morte não fazia sentido, portanto, não era algo a ser considerado.

Quando o médico apareceu e comunicou friamente o que estava acontecendo, foi como se dissesse: “Caro senhor Silva, eu, que não amo Laura, não tenho condições de ficar com sua dor. Tentarei no máximo, eliminar a dela.”.

A normatização da medicina padroniza os procedimentos: não há espaço para movimentos e ações percebidas como inúteis. Qual utilidade há em um velho chorão de 84 anos permanecer ao lado de sua moribunda velha mulher? E mais: qual a razão para acolher uma pessoa em profundo sofrimento?

A súbita doença de Laura colocou em causa o projeto de uma velhice a dois construída pelo casal. E lá ficou o senhor Silva a sentir a fragilidade infantil e a solidão senil numa imensa tristeza.

mas não posso voltar para casa sem ela. não a posso deixar aqui sozinha. não estaria sozinha. estaria sozinha de mim que é a solidão que me interessa e a de que tenho medo. (Ibid., 2011, p. 14).

O escritor polonês Witold Gombrowicz, no livro *Pornografia* (2009), externaliza suas impressões sobre a solidão ao afirmar que ***"quando estamos sós, nunca podemos ter a certeza de que não perdemos, por exemplo, a razão. A dois há uma garantia, e uma garantia objetiva. A dois deixa de haver loucura"***. (p.65)

Todas as ferramentas emocionais conhecidas pelo senhor Silva não deram conta de estancar o medo que crescia dentro dele. Não havia naquele momento nenhuma experiência a ser resgatada nos seus 84 anos de vida, da qual pudesse lançar mão para lastrear uma reação, pois como nos alerta o sociólogo polonês Zygmunt Bauman:

[...] a morte é a encarnação do 'desconhecido'. E, entre todos os desconhecidos, é o único total e verdadeiramente incognoscível. Independentemente do que tenhamos feito como preparação para a morte, ela nos encontra despreparados. Para acrescentar o insulto à injúria, torna nula e vazia a própria ideia de 'preparação' – essa acumulação de conhecimento e habilidades que define a sabedoria da vida. Todos os casos de desesperança e infelicidade, ignorância e impotência poderiam ser, com o devido esforço, curados. Não esse. (2008, p.45).

Ferido de morte. Portanto, eis a tristeza do senhor Silva alterando seu corpo, extinguindo a experiência amorosa na qual se reconhecia, assegurava-se e vivenciava seu envelhecer.

Naquele momento, à luz das reflexões de Gilles Deleuze e Claire Parnet sobre os afetos não serem sensações paradas, e sim, estarem o tempo todo mobilizadas, os devires, ***"ora nos enfraquecem na medida em que diminuem a nossa potência de agir, e decompõem as nossas relações (tristeza), ora nos tornam mais fortes na medida em que aumentam nossa potência e nos fazem entrar num indivíduo mais vasto ou superior (alegria)"***. (1998, p. 149).

a laura rir-se-ia de mim, sem dúvida. do modo como eu me deixava perder sem ela ao pé. precisas de uma mãe, dizia-me.eu queria pouco saber se aos oitenta e quatro anos via minha própria mulher como a mãe necessária para uma sobrevivência equilibrada. era certo que me atrapalhavam todas as coisas que enfrentava sozinho. já há tanto estávamos no tempo da reforma, tão habituados a depender um do outro para o gasto dos dias, a alegria dos dias, e a gestão ainda de uma certa nostalgia dos filhos. (MÃE, 2011, p.16).

Tantas emoções enlaçadas pelo medo de que num piscar de olhos tudo pudesse ruir e a velhice de ambos, até então vivida a dois, fosse interrompida pela ausência de Laura.

tornava-se engraçada. apertava os lábios numa tremura ligeira e não queria conversas. eu ia tomar chá sozinho, adorando nossas brigas de namorados. tão imaturos quanto os mais jovens. tão feitos um para o outro quanto possível. já conhecedores do caminho das pedras que, ao fim de uma ou duas horas, nos levaria novamente ao coração um do outro com mimos e promessas de eterno amor. (MÃE, 2011, p.17).

Estamos diante de uma verdadeira declaração de amor à moda antiga. Algo que Zygmunt Bauman reflete na perspectiva do que vem apreendendo de suas observações das relações humanas na contemporaneidade. No livro *Amor Líquido Sobre a fragilidade dos Laços Humanos*, ele afirma que:

[...] o amor, é a vontade de cuidar, e de preservar o objeto cuidado. [...] Um impulso de expandir-se, ir além, alcançar o que 'está lá fora'. Ingerir, absorver e assimilar o sujeito no objeto, e não vice-versa. [...] Amar diz respeito à auto sobrevivência através da alteridade. E assim o amor significa um estímulo a proteger, alimentar, abrigar; e também a carícia, ao afago.

E ao mimo, ou a - ciumentamente - guardar, cercar, encarcerar. Amar significa estar a serviço, colocar-se à disposição, aguardar a ordem. (2004, p. 24).

O amor entre velhos causa espanto. Parece ser impossível continuar amando depois de tanto e tanto tempo juntos. Traz espanto aos que não conseguiram chegar à maturidade ao lado do objeto do amor. Mas principalmente causa admiração.

o senhor silva, o da europa, olhou-me quieto. tinha parado de preencher formulários e estava embevecido diante do meu ar sonhador. desculpe-me, senhor silva, disse-me ele a mim, é que aos oitenta e quatro anos já não é comum ouvir um marido falar assim de sua esposa. eu sei que é comum que se tornem os homens mais vulneráveis, já medricas e mijões, mas consigo é diferente, não é igual, sabe, não é. e eu respondi que entendia perfeitamente o que me dizia. ele inclinou-se para onde eu estava e acrescentou grave e ponderado, é mais do que um bom homem, é alguém superior porque soube ganhar idade da melhor maneira, retribuindo. sim, sim não me venha dizer outra coisa porque uma paixão nessa idade, depois de tanto tempo juntos, é coisa de quem sabe dar. (MÃE, 2011, p. 17).

Senhor Silva recebeu, então, a notícia repentina da morte de Laura e com a percepção da precariedade e vulnerabilidade de sua própria existência, sucumbiu a dor.

a chuva, senhor silva. disse-me o outro homem, não pode trazer-lhe a dona laura de volta. mas posso dizer-lhe eu que muito bela há de ser a alma de quem parte no momento em que o amado expõe o seu amor desta maneira. não entendi imediatamente o que quis dizer com aquilo. tombei no chão, e por um tempo, a consciência foi-se e eu pude ser ninguém, como as coisas deviam ser sempre nestas alturas. só depois gritei, imediatamente sem fôlego, porque aquela teoria de que existe oxigênio e usamos os pulmões e fica feito também não é cem por cento verdade. (Ibid., 2011, p. 18).

A dor sentida pelo senhor Silva se sobrepôs a qualquer possibilidade de reação outra. Tão intensa, tão profunda que o fez perder a consciência, sentir-se atacado pelas pessoas que o acudiram e ter no grito a única possibilidade de se manter conectado com o mundo dos vivos.

O escritor português Gonçalo M. Tavares, em seu "*Atlas do Corpo e da Imaginação",* trabalhando com os conceitos de sensações e linguagem de Wittgenstein, propõe uma abordagem interessante do *grito:*

[...] a forma menos verbal que existe; ou, se quisermos, o verbo grotesco, o verbo animalizado: o grito, eis que afinal se pode também constituir como descritivo.

O grito descreve uma dor, relata uma dor. Podemos assim dizer que uma sucessão de gritos constitui uma narrativa, uma história contada pela boca de

alguém, trabalhada pelos mesmos órgãos que trabalham a palavra. Uma narrativa de gritos poderá até, no limite, ser mais explícita do que uma narrativa de palavras. (2013, p. 348).

entrei em convulsões no chão e as mãos do homem e da mulher que ali me assistiam eram exatamente iguais às bocas dentadas de um bicho que me vinham devorar e que entrava por todos os lados do meu ser. fui atacado pelo horror como se o horror fosse material e ali tivesse vindo exclusivamente para mim. (MÃE, 2011, p. 18).

E assim, o senhor Silva experimentou a morte de Laura e o amor que sentia se esvaeceu, como nos alerta Zygmunt Bauman:

[...] não se pode aprender a amar, tal como não se pode aprender a morrer. E não se pode aprender a arte ilusória – inexistente, embora ardentemente desejada – de evitar suas garras e ficar fora de seu caminho. Chegando o momento, o amor e a morte atacarão – mas não se tem a mínima ideia de quando isso acontecerá. Quando acontecer, vai pegar você desprevenido. (2004, p.17).

E o senhor Silva foi pego desprevenido.

Capítulo II Confuso e apoucado

"Eu me abismo, eu sucumbo".

Roland Barthes

Quando finalmente o senhor Silva pode encontrar-se com a mulher morta, tinha dúvidas se, agora sozinho, desejava continuar vivendo. Teria que enfrentar as perdas que ainda viriam - sua saúde, as fragilidades, a dependência - e não vislumbrava a possibilidade de ganhos.

estávamos escondidos de todos. eu e minha mulher morta que não me diria mais nada, por mais insistente que fosse o meu desespero, a minha necessidade de respirar através do seu sorriso. eu e minha mulher morta que se demitia de continuar a justificar-me a vida e que, abraçando-me como podia, entregava-me tudo de uma só vez. (MÃE, 2011, p. 21).

Experiência impartilhável. Wittgenstein dizia sentir-se ***"envergonhado por dizer a uma pessoa que a minha experiência é a única experiência real e sei que ela me replicará que poderia dizer o mesmo sobre a sua experiência".*** (1933-1934, p.70).

Em que consistia então o sentido da vida do senhor Silva se ele afirmava que Laura era quem a justificava?

A resposta certamente passa pelo exame da totalidade da vida desse velho português.

A parceria de décadas com Laura parece ter funcionado como o escudo necessário para não entrar em contato com questões que determinariam a qualidade da velhice de ambos.

Diversos fatores se associaram à trajetória de vida do casal e durante esse percurso houve a recusa ou, simplesmente, a impossibilidade de lidar com as consequências de escolhas equivocadas e a necessidade de mudar o rumo da vida da família Silva.

Ao desabafar, o senhor Silva explicitou a insegurança de ter que doravante viver sozinho com esse "tudo" insuportável que todos logramos a carregar vida adentro, postergando o temido encontro com os não ditos acumulados nos recônditos de nossas rotinas.

Assim sendo, ele passa a encarar sua velhice como ocaso da vida, algo temido e, portanto, almejava que essa fosse uma fase breve.

com a morte, também o amor devia acabar. ato contínuo, o nosso coração devia esvaziar-se de qualquer sentimento que até ali nutria pela pessoa que deixou de existir. pensamos, existe ainda, está dentro de nós, ilusão que criamos para que se torne todavia mais humilhante a perda e para que nos abata de uma vez por todas com piedade. e não é compreensível que assim aconteça. com a morte tudo que respeita a quem morreu devia ser erradicado, para que aos vivos o fardo não se torne desumano. esse é o limite, a desumanidade de se perder quem não se pode perder. foi como se me dissessem, senhor silva, vamos levar-lhes os braços e as pernas, vamos levar-lhe os olhos e perderá a voz, talvez lhes deixemos o coração, mas lamentamos muito, mas não lhe será permitida qualquer felicidade de agora em diante. (MÃE, 2011, p. 21).

A ausência de Laura é percebida pelo senhor Silva como algo desumano e que, portanto, tal desumanidade deveria ser estendida a tudo que diz respeito ao ausente, ou seja: se Laura morreu, deveria também morrer o passado que construíram juntos, e principalmente a experiência do amor.

[...] fica-se muito zangado como pessoa. não se criem duvidas acerca disso. fica-se zangado e deseja-se aos outros pouco bem, e o mal que lhes pode acontecer é-nos indiferente ou, mais sinceramente, até nos reconforta, isso sim [...] nunca nos preparamos para a realidade [...]. e só não nos tornamos perigosos porque envelhecer é tornarmo-nos vulneráveis e nada valentes, pelo que enlouquecemos um bocado e somos só como feras muito grandes sem ossos, metidas dentro de sacos de pele emprestáveis que já não servem para nos impor verticalidade nem nas pequenas batalhas [...] que se fodam os discursos de falsa preocupação dessa gente que sorri diante de nós mas que pensa que é assim mesmo, afinal, estamos velhos e temos de morrer, um primeiro e depois o outro depois e está tudo muito bem [...]. (Ibid., 2011, p.22).

A psicanalista Ângela Mucida em sua pesquisa sobre a velhice e a psicanálise, observa que ***"para muitos, não é fácil reinventar a vida após certa idade na qual muitos laços sociais anteriores são desfeitos [...] Nessa direção, para alguns idosos o ódio chega como um primeiro tratamento ao insuportável [...]".*** (2014 p. 146).

A perspectiva de uma vida esvaziada de sentido o faz encontrar na imagem de mutilações a metáfora perfeita para sua dor.

Um homem velho que não reconhece seu corpo como espaço onde forças vitais podem operar: esse é o senhor Silva impotente, que usa seu potencial criativo para forjar imagens cruéis e utilizar-se delas para um autoflagelo impiedoso.

O tempo gasto com tais emoções acaba por esvaziá-lo, deixando-o entregue ao rancor.

Porém, nesse momento da narrativa, já podemos observar uma nuance indicativa de que ainda resiste nos senhor Silva uma força vital. Trazida pela imagem de "feras muito grandes" e, apesar de desqualificar essa fera, conferindo-lhe atributos desprezíveis, podemos perceber que a ideia de força e potência estão como que infiltradas nessa manifestação aparentemente negativa.

laura morreu, pegaram em mim e puseram-me no lar com dois sacos de roupas e um álbum de fotografias. foi o que fizeram. depois, nessa mesma tarde, levaram o álbum porque achavam que ia servir apenas para que eu cultivasse a dor de perder minha mulher. (MÃE, 2011, p. 23).

Analisando a construção desse trecho, salta-nos aos olhos a maneira com a qual o senhor Silva nos comunica sua visão sobre o tratamento dispensado a ele usando os verbos *pegar* e *pôr* com os respectivos sujeitos ocultos.

Quando usa a terceira pessoa do plural -"*levaram o álbum*"- ele afasta e torna impessoais os que levam.

Um conjunto de não pessoas, cuja função é tratar de um procedimento burocrático, qual seja, formalizar sua entrada no asilo.

Mas quem seriam essas pessoas? Nessa ficção os filhos e os funcionários do asilo, na vida real, idem, com algumas diferenças de parentesco.

O velho então como ser coisificado, apresenta-se claramente.

Nada melhor para ilustrar a afirmação acima do que recuperar a referência jocosa ao tratamento dispensado aos velhos moradores de algumas Instituições de Longa Permanência: *"põe no sol, tira do sol"*.

Põe quem? Tira quem? A ausência do sujeito que tem a vida nas mãos é inequívoca.

Todos os sujeitos envolvidos parecem, pois, impessoalizados.

A imagem de um saco persegue o senhor Silva: ao afirmar sobre os velhos "*somos só como feras muito grandes sem ossos, metidas dentro de sacos de pele imprestáveis"* e quando nos conta que sua vida ficou reduzida a dois sacos de roupas.

Saco sem fundo, saco cheio, encher o saco, viola no saco... Expressões que pertencem ao mesmo campo lexical, pois todas contêm "saco". Podemos ainda afirmar que estão no mesmo campo semântico, pois, traduzem as sensações enumeradas acima e também a exasperação, o insuportável, o que deve ser eliminado, subjugado, descartado.

E ainda: a fotografia, forma consagrada, aceita e assimilada popularmente como conservadora de momentos e emoções, também foi "sequestrada", no que foi uma aposta reducionista da instituição, uma tentativa de apagar o sujeito para que esse pudesse rápida e adequadamente inserir-se no novo ambiente.

Por mais irônico que em um primeiro momento pudesse parecer, a rudeza dessa entrada no Lar da Feliz Idade acabou por colaborar com o total rompimento do senhor Silva com sua vida até então.

Subtraído - inclusive materialmente - de qualquer vínculo com o passado ele estava pronto para experimentar uma nova história cujo tema principal seria construído a partir de afetos.

A instituição asilar por sua vez colocou em cena um fragmento de sua visão sobre a velhice: a crença da religião como garantidora de sentido ao que possa restar da vida de um homem, que de outro modo, seria uma experiência vazia.

O filósofo - poeta Friedrich Nietzsche, no livro "*Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*" traz uma reflexão que se aplica perfeitamente à lógica mobilizadora da instituição. Ao apostar que para os velhos e, ***[...] por fim ao homem comum, a maioria que existe para servir e para o uso geral, e apenas nessa medida***

pode existir, a religião oferece uma incalculável satisfação com sua situação e seu modo de ser, renovada paz no coração, um enobrecimento da obediência, uma felicidade e um sofrimento a mais com seus iguais e alguma transfiguração e embelezamento, alguma justificação de todo o cotidiano, de toda sua baixeza, de toda a pobreza semianimal de sua alma. (2014, p.87).

depois, ainda nessa mesma tarde, trouxeram uma imagem da nossa senhora de fátima e disseram que, com o tempo, eu haveria de ganhar um credo religioso, aprenderia a rezar e salvaria assim minha alma. (MÃE, 2011, p.23).

O novo morador não foi consultado sobre se desejava ou não ter uma imagem de uma santa católica em seu quarto. Naturalmente, esse desejo foi presumido, assim como também o desejo de lá residir, de deixar a casa na qual vivera com Laura e seus dois filhos e seus planos para vencer o luto, enfim: entrava, pois, o senhor Silva numa instituição que afirma Erving Goffman, é "criada para cuidar de pessoas que, segundo se pensa, são incapazes e inofensivas, neste caso estão as casas para cegos, velhos, órfãos e indigentes".

O senhor Silva não era incapaz (foi capaz de sobreviver à experiência da morte repentina da mulher) e, até aqui, mostrava-se inofensivo. Não era cego (Gonçalo M. Tavares, 2013, propõe que ***"uma primeira função da visão seria a função da sobrevivência, uma função que surge no meio de um organismo que tem medo, organismo que sabe que os outros, as outras coisas, podem ser perigosas, podem ser a causa de"***.). Era velho, "órfão" de uma mulher morta e como cidadão, pôde experimentar uma suposta "indigência civil". (p.80)

Portanto, o senhor Silva passa agora a ser morador, segundo definição de Goffman (2010), de uma "instituição total".

disseram que era bom que me dessem uns minutos para sentir o quarto, ganhar corpo naquele espaço, ir à janela e perceber que a vista não é grande mas existe um jardim, uma pequena praça e, como era verão a começar, algumas pessoas paravam por ali e havia ainda os tais pássaros e até as criancinhas podiam brincar com suas bicicletas nas imediações. os quartos da ala esquerda deitam sobre o cemitério. (MÃE, 2011, p.24).

O Lar da Feliz Idade foi uma aproximação a um espaço imposto, sem prévia negociação. Valter Hugo Mãe, com as ferramentas de escritor, faz um corte brusco na narrativa, permitindo assim que o leitor experimente o mesmo impacto sentido pelo personagem.

Não sabemos o que aconteceu nos quatro meses que separa a morte de Laura da chegada de senhor Silva ao asilo, desconhecemos as razões que levaram os filhos a decidirem pelo pai, ignoramos o que foi feito da casa do viúvo.

Em contrapartida, a ausência de respostas nos aproxima da sensação de estar perdido que o senhor Silva experimentou: muitos acontecimentos e pouco tempo Kairós para digeri-los.

E agora, o que vamos fazer com nossos velhos? Assim colocada, a velhice ganha status de problema, algo indesejado que deve ser removido de nossas vidas.

Esse atropelamento do tempo imposto aos velhos pelos mais jovens é uma realidade que encontramos cada vez mais frequente.

Situação limite na qual pressionados pelas demandas do dia a dia acabam "escolhendo" a solução que, ao final, avaliam ter mais ganhos do que perdas.

Certamente o custo emocional para a família é alto: não há alternativa em que não esteja implicado o lidar com sentimentos profundos, mágoas e dúvidas.

Porém, o sujeito que é despido de seu livre arbítrio pode resistir e, essa resistência que leva à superação pode acontecer de maneiras surpreendentes e criativas.

Senhor Silva é esse homem. Tem força suficiente para acionar sua potência vital e reinventar a vida.

a elisa ainda estria no lar, talvez a reconfortar-se com o médico pela decisão difícil de deixar ali o pai, e eu sabia que voltaria para se despedir, com um beijo traidor, e seguiria sua vida chorando na viagem de regresso a casa [...] disse-me que ali eu ficaria bem. vai gostar de aqui estar, com novos amigos, pessoas que lhe farão companhia todo o dia [...]. (Ibid., 2011, p.24).

A decisão de institucionalizar o senhor Silva foi tomada pela filha Elisa. O outro filho morava na Grécia e, para horror do velho, não participou do funeral da mãe, apenas concordou com a irmã sobre o destino que seria dado ao pai.

Definitivamente, todos os laços afetivos do senhor Silva foram rompidos e ele teria pela frente o desafio de conviver com desconhecidos, homens e mulheres com histórias distintas das dele, vindos de outras paragens, outras experiências.

Ainda sob a perspectiva da psicanálise, Ângela Mucida nos traz uma síntese do que significa para um velho a institucionalização. A partir da ideia de apagamento das diferenças, ***a mesma comida, horários predeterminados para as refeições, banho e outras atividades. Enfim, a rotina é a mesma para todos como em toda instituição asilar ou hospitalar. A demanda é de que os sujeitos apaguem seus traços particulares a favor do bom funcionamento da rotina [...] os sujeitos devem deixar para trás todas as lembranças, todos os hábitos, todos os gestos e escolhas para se adequarem ao grupo.*** (2014, p. 87).

disseram-me que o jantar seria dali a três horas e que, até lá, poderia descansar para conhecer os colegas que, como eu, caminhavam para o pó com maior ou menor ansiedade. decidi ficar sozinho, incapaz ainda de enfrentar o meu problema multiplicado por todos os lados. [...]. era notório que entendia o que me diziam e poderia corresponder a alguns chamados com atenção e respeito mas não se começavam grandes conversas porque eu não proferia palavra alguma. tinha a voz afundada no húmido dos órgãos e não havia modo a secar ao cimo do hálito. (MÃE, 2011, p.27).

Naquele momento, a resposta primeira foi não.

Não desejava nenhum tipo de socialização, desprezava por princípio todos os outros asilados, não estava destruído, e assim sendo, para deixar bem marcado que era diferente de todos os outros que, portanto, não ficaria ali para todo o sempre, escolheu o silêncio.

Tal comportamento é bastante comum e a psicanálise entende esse silêncio ***"como forma de manter - sob alguma proteção - vestígios de seus desejos [...] resistem ao apagamento de seus próprios traços mesmo que seja pela via do ódio ou de pirraça"***. (MUCIDA, 2014, p.87).

no entanto, o que o senhor pereira me disse naquela primeira noite, foi decisivo para o modo que vejo o lar até hoje. acercou-se de mim, soletrou o seu nome e deu-me as boas- vindas. depois apercebeu-se que eu não verbalizava coisa alguma e

entendeu. acrescentou que, por vezes, entravam uns assim. não queriam falar e criar afeto pelos outros. (MÃE, 2011, p.27).

Entra em cena outro velho, o senhor Pereira, morador antigo do Lar da Feliz Idade que já domina o código de conduta, as normas não explícitas, as reações dos que chegam sem nunca terem imaginado um dia ali estar.

É essa voz que traz a ideia de afeto não desejado.

Para os escritores, o afeto é matéria prima para construção de suas histórias: Valter Hugo Mãe é mestre na arte de espalhar afeto pelas páginas de seus livros e, afortunadamente, não está sozinho nessa jornada.

Gonçalo M. Tavares é outro escritor português cuja obra é repleta de cruezas da vida real que afetam a todos, sem exceção.

Mas é no livro *Atlas do Corpo e da Imaginação* (2013) que o autor mergulha nas articulações possíveis entres filósofos, escritores, dramaturgos, cientistas, artistas e todos aqueles que já pensaram o corpo e suas implicações.

Ao tratar dos afetos e das ligações, pondera que **[...]** ***os afectos não são sensações paradas, são sensações que se movem, aliás, são movimentos que sentem; eis talvez a formulação mais próxima da realidade: os afectos são movimentos que sentem; movimentos: isto é, alterações corporais, modificações do corpo no espaço. Os afectos "são devires" - diz Deleuze na sua linguagem habitual - ora nos enfraquecem na medida em que diminuem a nossa potência de agir, e decompõem as nossas relações (tristeza), ora nos tornam mais fortes na medida em que aumentam a nossa potência e nos fazem entrar num indivíduo mais vasto ou superior (alegria).*** (TAVARES, 2013, p.56).

E na trama de movimentos que aconteciam no Lar da Feliz Idade, a chegada do senhor Silva marcava a saída de uma moradora. Dona Lurdes morrera de susto: não aguentou o foguetório da romaria que passava em frente ao asilo. Para o senhor Silva, uma morte causada pelo medo, para os moradores, uma perda que seria esquecida mais brevemente em função da novidade da chegada de outro velho.

eu era um intruso ainda no luto que faziam às pressas para se atemparem para os lutos que se seguiriam. era um intruso que não choraria pela dona lurdes, que não conheci, e não entendia ainda o quanto a minha posição podia ser arrogante,

sem querer falar, sem querer grandes contatos, e o quanto a posição deles era já a de iguais, ligados uns aos outros pelos destinos tão inevitáveis e tão equiparados que agora cumpriam. (MÃE, 2011, p. 28).

Antes de acostumarem-se a perder aqueles com os quais dividiam o espaço chamado Lar da Feliz Idade, os velhos já conheciam o que podemos chamar de *perdas sociais.*

Na condição de aposentados, perdas financeiras, afastados do comando de seus negócios, e de suas próprias vidas, homens e mulheres tratados como improdutivos, longe de suas famílias, à margem da sociedade.

Esses são os destinos que o senhor Silva considera inevitável, mas, ainda não conseguia vislumbrar a possibilidade de se equipararem por outro viés.

A confrontação de seu luto particular com o do grupo mobilizou pela primeira vez no senhor Silva, reflexões mais ampliadas sobe o que estava começando a vivenciar.

[...] que paisagem de velhos tão nítida era aquela, pouco importava que o orgulho lhes trouxesse ao de cima o passado profissional, mais ou menos brilhante, mais verdadeiro ou mentiroso, porque muitos mentem sem pudor para não se deixarem humilhar, pouco importava tudo isso porque tão na extremidade da vida eram todos a mesma coisa, um conjunto de abandonados a descontar pó ao invés da areia na ampulheta do pouco tempo. (Ibid., 2011, p.28).

O senhor Silva encapsulado em sua dor era um corpo em sofrimento. Abrindo-se para o grupo teria a chance de perceber nuances de uma vida possível. E a isso ele não se furtou.

Além da aceitação do senhor Pereira, outro ponto de inflexão da experiência asilar do senhor Silva foi o cuidador Américo que com sua presença respeitosa conseguia aos poucos vencer a resistência dolorida do novo morador.

Na primeira noite no asilo, imerso numa solidão atroz e nas lembranças de Laura, o velho Silva atirou o candeeiro no chão.

o bom américo veio acordar-me para me encontrar já acordado e desculpou-me sem sermão a queda do candeeiro. [...]depois percebi uma delicadeza muito rara

naquele home. uma sensibilidade tão grande que, mesmo não me conhecendo, podia resultar num carinho genuíno. (Ibid., 2011, p.29).

Depois da fala do senhor Pereira, ponto de inflexão da jornada do velho Silva, é o cuidador Américo que irá aumentar essa rede de afetos já iniciada. Na primeira noite em no asilo, imerso numa solidão atroz e nas lembranças de Laura, senhor Silva, num rompante, atirou no chão o candeeiro. Norbert Elias, ao tratar de aspectos do envelhecimento, afirma que **[...] "*talvez seja útil lembrar que algumas das coisas estranhas, estão relacionadas a seu medo de perder a força e a independência, e especialmente de perder o controle de si mesmo*"** (2001, pp.79-82).

Américo é o personagem síntese de um cuidar genuíno. Algo que vai além das normas balizadoras, dos limites corporativos, da relação econômica: uma relação cuja chave de entendimento se encontra no afeto.

O teólogo Leonardo Boff ao refletir sobre o saber cuidar, afirma que: ***[...] no modo de ser-cuidado ocorrem resistências e emergem perplexidades. Mas elas são superadas pela paciência perseverante. No lugar da agressividade, há a convivência amorosa. Em vez de dominação, há a companhia afetuosa, ao lado e junto com o outro.*** (1999, p.96).

Américo tampouco era um enfermeiro. Era um antigo funcionário do asilo que o tempo transformara naquele que tudo sabia, entendia e mais, previa.

A conexão estabelecida entre os dois homens foi imediata. Senhor Silva entendeu que seria capaz de abandonar sua "casmurrice" e estabelecer uma relação que pudesse ajudá-lo na experiência do luto e na adaptação a uma nova e desafiadora rotina.

as portas dos outros quartos começaram a abrir-se e todos apareceram espreguiçando-se e bocejando ainda a caminho dos elevadores que nos descem aos salões do rés do chão. eu escolhi novamente as escadas e não diria nada. de boca calada punha-me a jeito de não ser notado, queria que fizessem de conta que não estava ali. era só um ponto escuro nas paredes que haveria de ser limpo com a lixívia de qualquer limpeza. (MÃE, 2011, p. 30).

Não haveria maneira desse novo morador do Lar da Melhor Idade não ser notado. Seu silêncio, espaço em branco, estava prestes a ser rompido pelos afetos dos

outros moradores. Inevitável construção de uma nova rede capaz de sustentar e ressignificar velhices que não poderiam passar em branco.

Capítulo III Assim é se lhe parece

"Nem mesmo o medo mais, nem mesmo o susto mais.

Eu havia vomitado meus últimos restos humanos?"

Clarice Lispector

Uma vez que morar no Lar da Feliz Idade era fato consumado, senhor Silva dá início então a uma série de reflexões sobre a velhice, nas quais ninguém é poupado, nem ele mesmo, seu pior inimigo.

um problema com o ser-se velho é o de julgarem que ainda devemos aprender coisas quando, na verdade, estamos a desaprendê-las, e faz todo o sentido que assim seja para que nos afundemos inconscientemente na iminência do desaparecimento. (MÃE, 2011, p. 33).

A percepção do senhor Silva da existência de uma pressão para que os velhos aprendam coisas é bastante precisa. A ideia norteadora desse imperativo é que, se estamos vivendo mais, que aproveitemos cada minuto dessa vida em excesso de maneira produtiva.

Nesse sentido, é bastante ilustrativo o surgimento de programas para a chamada terceira idade, oficinas para se aprender o que até então não foi aprendido, propostas de redescoberta do corpo, de suas possibilidades; aprender a viver só, apender a viver com os filhos, aprender a se medicar, aprender, aprender... Prender o velho a um projeto ativo de envelhecimento.

Nesse contexto, portanto, a ideia de *desaprender*, nos parece libertadora: esvaziar-se para poder viver o desconhecido.

A essa altura dos acontecimentos, a percepção do senhor Silva sobre as possibilidades com as quais poderia seguir em frente ainda está embaçada: ele é um homem ressentido consigo mesmo e com o resto do mundo, logo, escancarar a morte como a única saída vislumbrada atendia às necessidades emocionais do momento.

a inconsciência apaga as dores, claro, e apaga as alegrias, mas já não são muitas as alegrias e no resultado da conta é bem-visto que a cabeça dos velhos se destitua da razão para que, tão de frente à morte, não entremos em pânico. (Ibid., 2011, p. 33).

Senhor Silva aposta todas as fichas na perda da razão como anestésico para a morte e, ao insistir nessa ideia, parece intuir que o que trata genericamente como razão, talvez já não o seja.

Bombardeados que somos pelo discurso médico, pela quantidade e qualidade de informações que pululam a todo o momento, podemos inferir que senhor Silva esteja também imerso nesse contexto e padeça do temor constante de ser mais um velho a perder a razão.

Dentro dessa perspectiva, a cientista social Silvana Tótora afirma:

Hoje, uma vida, para receber o selo de qualidade, exige dos viventes os cumprimentos dos protocolos de saúde, especialmente ditados pelos saberes da biomedicina. Nada em excesso, traduzido na linguagem médica por nenhum estresse. Com isso quero dizer nenhum envolvimento com a vida, seja para afetar-se por ela, seja para afetar a de outros, isto é, nada de doenças e mortes, intensidades... Por sua vez, muito consumo de tudo que possa eliminar esses ditos incômodos: a morte, a doença, e as intensidades da vida. Reina a estupidez de existências acomodadas, temerosas como algo que ameace a segurança projetada. (2015, p.96).

Com essa referência clareamos ainda mais o cenário no qual se encontra senhor Silva: a vivência do luto, o medo e o imenso desafio de sobreviver no seu novo contexto social.

Ora, dentro da lógica acima exposta, podemos concluir que perder a razão seria a saída perfeita para não ser afetado pela vida.

Frente a essa equação cruel, senhor Silva poderia estruturar toda suposta sintomatologia que o colocasse no centro de uma existência incomodada e passiva.

nós sabemos que erramos e sabemos que, na distração cada vez maior, na perda de reflexos e da agilidade mental, fazemos coisas sem saber e não as fazemos por estupidez. fazemos por descoordenação entre o que está certo e o que nos parece

certo e até sabemos que isso de certo ou errado é muito relativo. é tudo mais forte do que nós. (MÃE, 2011, p. 33).

Relativizar o certo e o errado fruto de suas ações. Essa parece ser a ainda incipiente resistência do senhor Silva.

Ainda sem ter encontrado a sua potência de vida, ele considera que tudo é mais forte que ele e seus iguais, os velhos.

Porém, havia sim algo mais forte que ele: o afeto.

E numa situação em que foi tocado por uma gentileza de Américo, ele agradece seus cuidados para, logo em seguida, odiar-se.

odiei-me e não estava preparado para ser tão fraco, anuindo como uma pessoa de confiança como alguém sem um plano de ataque, como quem desistira. e não era isso. não podia ser isso. estava só confuso, pensei então. era uma confusão. um impasse. como um caminho bifurcando-se antes do objetivo e eu na contingência de reiterar os meus intentos. ser implacável, continuar. (Ibid., 2011, p. 34).

Sim, o velho Silva estava confuso.

Deixar-se afetar por um gesto carinhoso de Américo não entregava sua falta de plano, ou a desistência de algum objetivo, e sim era um atalho rumo ao autodomínio e à superação de sua mais legítima tristeza.

Mas o processo seria lento e cheio de reveses.

Comunicado pelo médico da instituição que sua filha, genro e netos desejavam visitá-lo, senhor Silva ainda sucumbiu ao ressentimento ao dizer que não, não gostaria de vê-los.

Imaginemos o peso dessa negativa para um velho apartado da família, sem se sentir pertencendo ao grupo em que estava inserido: esse *não* foi a comunicação de uma existência insatisfeita, contrariada o suficiente para sufocar afetos na tentativa de dizê-los.

eu disse ao doutor bernardo que estava num profundo choque e ele confirmou. vai ter que soltar sua raiva, senhor silva, estamos aqui para ajudá-lo. (Ibid., 2011, p. 35).

O senhor Silva, dentro da lógica que definira para sua sobrevivência no asilo, certamente não iria delegar ao médico da instituição a missão de fazê-lo novamente um homem feliz.

Podemos colocar a questão da seguinte maneira: ***se eu hoje tenho menos possibilidades de ação, menos alternativas do que ontem, então é porque hoje estou mais triste, o meu corpo entristeceu: posso fazer menos.*** (TAVARES, 2013, p.157).

e se fosse possível, que me matasse só assim, pensava eu, aqui sentado entre velhos a perderem o juízo e sem sinal de alarme. (MÃE, 2011, p.36).

Entre manifestações de cólera e prostração, seguia senhor Silva firme no propósito de, simplesmente, morrer.

Até então, seu único porto seguro era Américo, que soube traduzir seu silêncio como pedido de socorro: ***no lugar da agressividade, a convivência amorosa. Em vez de dominação, a companhia afetuosa, ao lado e junto com o outro.*** (BOFF, 1999, p. 96).

segurava na mão dele e era ínfimo o gesto mas tremenda a energia [...] américo depois largava-me a mão e dizia, não se preocupe, senhor silva, vai ficar bem [...]. (MÃE, 2011, p. 37).

Se, em vigília, conseguir dar conta de si mesmo já era um tremendo desafio, dormir era a certeza de que seria visitado pelos fantasmas de seus temores mais profundos.

Senhor Silva carregava a morte em sua imaginação. ***Sem ela, insistimos, o Homem não teria consciência da morte, pois seria desprovido dessa deslocação essencial no tempo e no espaço.*** (TAVARES, 2013, p.409).

durante os meus pesadelos imaginava-me num dos quartos da ala esquerda a babar os lençóis e a ver dezenas de abutres voarem no céu diante da janela. a máscara de oxigênio tapava-me a boca e eu não podia gritar. queria pedir que fechassem as portadas antes que os pássaros entrassem e me tomassem por morto. subitamente debicavam-me o corpo e eu ia permanecendo vivo e, até não ter corpo nenhum a consciência não me abandonava. eu agoniava por achar que a morte não dependia do corpo, condenando-me padecer daquela espera para todo o sempre. o estupor do corpo já desfeito e a morte sem o perceber, sem fazer o que lhe competia por uma crueldade perversa que eu nunca previra. (MÃE, 2011, p. 37).

Senhor Silva não era capaz de lidar com todas as nuances da realidade em alternância com seus devaneios. Assim, vestiu-se de coragem e decidiu perguntar a Américo se, por ventura, as portadas do seu quarto não estariam ficando abertas durante a noite. Ao receber a resposta negativa, tergiversou.

tive a impressão de que ficaram apenas encostadas, as portadas, digo. mas não me fez diferença. o que era mentira. uma horrível mentira para me deixar mais sozinho com meus medos e alucinações. (Ibid., 2011, p.38).

Algo havia se quebrado dentro do senhor Silva. Aceitava a companhia do medo e nomeava seus temores: eram alucinações.

Instaura-se nesse ponto o início da percepção de que além de sua tristeza iria conviver com sensações que não vinham do mundo exterior, eram produzidas por ele, por seu corpo, e o mais grave: ele era o único viajante desse roteiro, o que, ao final, acabava deixando-o ainda mais sozinho.

Parte integrante daquele microuniverso da velhice, senhor Silva vai paulatinamente se integrando à rotina do Lar da Feliz Idade.

As situações mais corriqueiras eram as que acabavam por acionar eventos emocionais e assuntos que embalariam os próximos encontros fortuitos no pátio central da instituição.

Os velhos retroalimentavam a produção de fatos e assuntos numa dinâmica pobre e vazia. Prova disso é a comoção que causava a chegada do carteiro que, confirmando a expectativa dos moradores, nunca trazia a carta tão esperada por dona Marta.

A história dessa velha é a síntese de tantas que conhecemos.

O marido, muito mais jovem que ela, consegue asilá-la, torna-se gestor de seus bens e desaparecer: em dois anos, nenhuma visita, nenhuma carta.

Como num capítulo muito esperado de uma novela, os velhos aguardam as quartas-feiras ansiosamente com a pergunta cuja resposta sabem de antemão: será que tem carta para dona Marta?

Atentos assistem dona Marta levantar e caminhar com dificuldade em direção ao Américo, encarregado de fazer a distribuição das missivas. Sempre, e mais uma vez, não havia nenhuma para ela.

Senhor Silva havia dito não aos filhos que desejavam visitá-lo, mas, intimamente, torcia para que ao menos, por carta, pudesse perceber se sua ausência era genuinamente sentida.

Quando, aturdido com essa possibilidade, confundiu-se ao achar que havia ouvido seu nome ser chamado, sentiu-se humilhado.

Naquele momento imaginou-se tal qual a parva dona Marta, ludibriada, abandonada por seu amado, enganadora de si mesma.

Assim é o amor, uma estupidez intermitente mas universal, conclui senhor Silva antes de adormecer no pátio, exausto pelas noites mal dormidas.

Mas a noite profunda chegou e com ela, importante não esquecer, as alucinações.

eram três da manhã e os abutres já haviam disseminado o meu corpo pelos seus estômagos azedos. acendi o candeeiro e limpei o suor da minha cabeça. acedi ao corredor e não hesitei. no quarto dezesseis dormia a dona marta, a mesma de sempre, magoada e triste, velha e um pouco histérica para suportar o abandono e a morte. não queria assustá-la, eram três da manhã, e eu já não tinha corpo porque os abutres mo haviam comido e estava no corredor sabendo perfeitamente qual o quarto da mulher. abri a porta e sentei-me ao seu lado, apenas a luz de presença que vinha lá de fora me fazia notar o alto sob as mantas onde a respiração pesada de dona marta se escutava. não devia estar ali, tão tarde e assustadoramente sem motivo, mas eu achava que seria menos que uma pluma, sem corpo, sem nada senão uma urgência qualquer. eu achava que o vazio de pensamento, aquela ilusão, acabaria por explicar-se, como se o tempo de um impasse, só por si, levasse ao seu desenlace. um impasse não pode durar a vida inteira, talvez pensasse. alguma coisa teria o efeito de aclarar o meu gesto, justificando-o, tornando-o normal, aceitável. foi como ela me pressentiu e, no quase ressonar contínuo, abriu uma pausa para me fitar. eram brilhantes aqueles olhos apavorados no escuro, definindo perfeitamente as minhas feições e reconhecendo-me. eu podia não ter dito nada e simplesmente ter voltado ao meu

quarto. eu devia ter voltado ao meu quarto sem qualquer tentativa de me explicar, porque estava sem corpo e não havia explicação nenhuma apara aquilo, mas não me deu tempo para lhe falar dos abutres. já estava eu levantando a dar um passo em direção à dona marta, um passo mais cerca de sua cabeça, quando ele [a descobriu um palmo e disse]., sai daqui demónio. eu respondi-lhe, vinha falar do amor e, ela soltou um guincho abafado. um som aflito que entrou para debaixo das mantas com que escondeu o rosto e desatou a dizer algo que eu não podia entender. estava a perder o sentido e a entrar em pânico. afundava-se como podia nos cobertores e ia pedindo socorro quase mudamente mas aumentando de intensidade. eu tinha de fazer alguma coisa. repetia aquele apelo louco, venho falar-lhe do amor, preciso de lhe falar do amor, da minha mulher, de como fiquei sozinho e me quero ir embora. e ela gemia sempre, gritando sob os cobertores coisas abafadas que ficavam em surdina e serviam para me deixar confuso e com medo.

parecia que o impasse se adensava pelo lado mais impossível de resolver. como se viesse a ser mais complexo, mais exigente para com a minha dificuldade em pensar, em estar certo de que existia justiça naquele meu desespero de a procurar e querer trazer do silêncio uma pacificação. e sem saber o que fazer, fiz o pior. bati-lhe três vezes com a mão através dos cobertores. três pancadas fortes que se amorteceram na espessura das roupas da cama, e que foram suficientes para que ela ficasse imóvel. petrificada com a agressão. o silêncio foi profundo de seguida, como casmurramente recusando-se a permitir um diálogo satisfatório. o silêncio tombou sobre nós como pedra sepultando para sempre a oportunidade de nos entendermos. não havia ninguém acordado, não estava ninguém no corredor nem na parte visível do salão lá embaixo. não comecei logo a perder o fôlego. regressei ao meu quarto, sentei-me na cama e aí os pulmões começaram a disparar como se fossem de navio a afundar e eu pensava no ar, nas nuvens, pensava de cair sobre as nuvens como vomitado aos milhares pelos pássaros negros que me haviam enganado. os pulmões afundavam, como um navio partindo para um labirinto. e eu afogarei, pensei eu, afogarei pelo amor, pelo amor neste labirinto. (MÃE, 2011, pp. 39 – 41).

Uma existência assoberbada pelo medo: essa parecia ser a sina de senhor Silva, frente ao desamparo emocional que se encontrava, em um ambiente não preparado para

a percepção mais refinada de um velho a viver embotado em si mesmo e a problematizar a mecânica rotina da instituição.

O relato de como foi tomado de assalto pelos abutres, imagem síntese de todos os medos, nos parece um excelente exemplo de como a literatura consegue abarcar vivências limite do ser humano, nos transportando, assim, para esse frágil espaço entre a lucidez e a loucura.

Eram três da manhã. Hora de gente velha estar a dormir. Mas o senhor Silva foi acordado por abutres e já não tinha corpo.

Despiu-se de si mesmo para poder dar vazão aos seus desejos e, como uma presença-ausência, partiu rumo ao quarto de dona Marta.

Não seria a caracterização que nos faz de dona Marta a mesma percepção que senhor Silva tem dele próprio: o mesmo de sempre, magoado e triste, velho e um pouco histérico por suportar o abandono e a morte?

Um velho transitando entre dois mundos e ávido para que essa experiência terminasse de maneira fugaz. Mas não deu tempo. Os olhos brilhantes e apavorados da velha no escuro transmutaram-se em um espaço de perigo e, antes mesmo de poder balbuciar as palavras que o redimiriam, "vim falar-lhe do amor", ouviu "sai daqui, demônio".

Como se uma senha tivesse sido dada, o senhor Silva encarnou sua pior faceta, pois, Diabo é sempre o símbolo do inesperado e não apenas, diga-se, da maldade inesperada. ***Tudo o que não se espera, tudo o que não é habitual, assusta. Uma das caras do mal é o imprevisível.*** (TAVARES, 2013, p. 269).

Não bastando o que havia dito, dona Marta ainda ficou a gritar coisas abafadas que ficavam em surdina. Não seria também essa a angústia urgente de dizer do senhor Silva? Abafado, sem saber como, para quem, quando dizer?

Então o corpo atuou. Senhor Silva desferiu três pancadas fortes em dona Marta e seguiu-se o silêncio profundo. ***"O silêncio – ausência de linguagem, ou de ruídos explícitos – é um espaço em branco, não ocupado, por definir. Neste espaço por definir surgem naturalmente acontecimentos como o de falar interiormente"***. (Ibid., 2013, p. 445).

E o espaço em branco do senhor Silva fez-se nuvens. Delas desejou ser vomitado pelos abutres negros que o haviam enganado.

Acordou no dia seguinte sem mesmo o medo mais, nem mesmo o susto mais. Havia vomitado seus últimos restos humanos e disso não se lembrava mais.

Mas abaixo quando diz que não devia estar ali, tão tarde assustadoramente sem motivo.

Na pressa vomitamos palavras.

Talvez alucinando o senhor Silva tenha dado início a conhecer-se melhor, preocupar-se com esse conjunto de sintomas que as alucinações carregavam não confiava mais no seu corpo, conteúdos que sua racionalidade não daria conta de entender.

o silêncio tombou sobre nós como pedra sepultando para sempre a oportunidade de nos entendermos. (MÃE, 2011, p. 40).

Quando senhor Silva percebeu que dona Marta não estava mais consciente, trouxe uma imagem do universo da morte para ilustrar o final do que pretendia ser um resgate de sua história.

Capítulo IV Nem uma coisa nem outra

"A existência não tem sentido, mas a imaginação não se esquiva de fabricá-lo."
Rogério de Almeida.

Dona Marta não sucumbiu à agressão do senhor Silva, e voltou para o Lar da Feliz Idade ainda mais desconectada da realidade.

Assim como ela estava seu agressor. O velho Silva não se lembrava do acontecido e seguia fazendo pouco da compaixão dos colegas pela senhora. Era imperioso alimentar sua dor, pois, não havia ainda encontrado substituto para ela.

Foi concomitante à chegada do carteiro e à ida surpreendente de dona Marta ao lugar da distribuição das cartas por Américo que o senhor Silva, de súbito, lembrou-se do que tinha feito.

Assustado, calou-se e teve medo de ser descoberto.

A partir daí, todo o esforço vital de senhor Silva estava concentrado em duas ações: conviver com as consequências de seu desejo incontido de falar do amor para dona Marta e lidar com a saudade enrustida que tinha de sua família.

Vinte e três dias passados da tentativa frustrada da família em visitá-lo, eis que senhor Silva concorda em recebê-los. O rancor foi a tônica do encontro.

verifiquei que estavam de gala, todos adomingados para me verem e eu imaginava bem a elisa a dar ordens precisas sobre isso. [...] e eu senti-me um idiota por ter julgado algum dia que as suas visitas iriam ser constantes, coisa do quotidiano, para que eu acreditasse ainda na união da família [...] que idiota fui, de facto, assumindo ali diante deles que se punham embonecados no disparate de acharem que assim devia ser para irem ver quem outrora viam todos os dias. (MÃE, 2011, p. 46).

Até onde o senhor Silva nos permite apreender, até aqui, qualquer gesto da filha, qualquer manifestação de amor por parte de algum membro da família, seria recebido como exercício de obrigação.

A família era a sua referência de socialização e, paradoxalmente, apesar da ausência do convívio familiar, era nessa estrutura que acreditava estar sua última possibilidade de ser feliz.

Senhor Silva vive numa instituição fechada e [...] ***"quando a sociedade esvazia seu tempo de experiências significativas, empurrando-o para a margem, a lembrança de tempos melhores se converte num sucedâneo da vida. E a vida atual só parece significar se ela recolher de outra época o alento."*** (BOSI, 1994, p. 82).

estávamos ali completamente desocupados e a visita de alguém, como era para os outros já mais habituados, significava sempre uma oportunidade de algum entusiasmo. sim, um entusiasmo que começava por ser só pela animação, pela diferença, e depois passava pelo interesseiro aspecto de nos poderem trazer alguma coisa que quiséssemos [...] e por último, lá mais para o fim das razões de entusiasmo, havia um ou outro velhote que gostava mesmo de rever os seus, apaziguados com as sortes e os azares e administrando as saudades e o amor com uma leveza que, para mim, parecia um paradoxo e uma falta grande de amor próprio, como mendigos sobretudo de quem haviam sido. (MÃE, 2011, p. 47).

Parece ficar perfeitamente claro que o senhor Silva preocupava-se sobremaneira em não ser enganado pelo outro, pelas aparências, pelos discursos, e perseguindo esse escopo distanciou-se da percepção de [...] ***"que a vida é um jogo complexo atuando e se chocando, se confrontando e dominando".*** (TÓTORA, 2015, p. 129). Tudo, assim, acabava sendo reduzido a um fatalismo senil.

fiquei na minha cadeira a fazer parte de velhinho cansado [...] sentiam vergonha pelo que me faziam, tenho a mais absoluta certeza de que tinham a consciência perfeita de que me faziam mal pondo-me ali e era essa consciência que tornava seu ato inaceitável e merecedor de toda reprovação [...]. (MÃE, 2011, p. 47).

Apesar de anteriormente ter feito a crítica do que chama de "velhotes", o senhor Silva, sem nenhum pudor, nos conta que incorporou a pior imagem estereotipada da velhice e emitiu juízo de valor sobre os sentimentos que permeavam sua institucionalização pela família.

Nesse contexto, podemos afirmar que o velho viúvo é um ressentido que tal como colocado por Nietzsche, vive a afirmar: [...] ***"eu sofro: disso alguém deve ser culpado".*** (NIETZSCHE, 2009, p. 117).

Nessa matemática afetiva do senhor Silva, a operação básica é a subtração.

O filho, que há três anos morava na Grécia e não tinha comparecido ao funeral da mãe, também foi alvo da ira do pai.

diz-lhe que está tudo muito bem e que vamos morrendo devagar, mais devagar do que parece. [...] dizes ao teu irmão que é um porco, e que das poucas coisas que me dariam gozo nesta vida uma era desfazê-lo à paulada até lhe arrancar a cabeça[...] diga a teu irmão que se mate, mas que nunca se atreva a aparecer aqui. (MÃE, 2011, p. 47).

Como no episódio de dona Marta, em que o desejo represado de falar do amor deságua em um ato violento, o mesmo aconteceu em relação ao desejo contido de estar com o filho e poder compartilhar a dor sentida pela morte de Laura.

Nessas situações, há uma troca de papéis: o desejo passa a ser o sujeito das ações e nós, o objeto. ***"O nosso desejo fala e nós ouvimos. O nosso desejo age, nós assistimos. É uma força mais forte que o proprietário da força; "é ele que experimenta", isto é: é ele que doseia, que põe, mais ou menos, que diminui a intensidade [...]".*** (TAVARES, 2013, p. 153).

A cada encontro com situações custosas demais para senhor Silva lidar, aumentava a intensidade com a qual seu corpo reagia.

e eu gritei, vão-se embora. vão-se embora daqui todos. o américo veio acudir-me e, mais uma vez, viu-me furioso atirando o candeeiro novamente ao chão e disposto a finalmente enlouquecer. estou aqui senhor silva, estou aqui. (MÃE, 2011, p. 48).

O acolhimento proporcionado por Américo mostra-nos que ele entendia que para o senhor Silva, por via da imaginação, o irreal tornava-se concreto, físico, tocável e real.

não me deixes sozinho, rapaz, acho que estou a ser atacado, alguma coisa me ataca, querem fazer-me mal. acreditei que vinha gente desconhecida pelos meus ouvidos adentro, cabendo pelos meus ouvidos adentro. e o américo quase me

abraçava, eu repetindo, estão a entrar pelo som, andam nas vozes das pessoas e depois não temos como impedir que nos invadam. e ele dizia, é só o medo, senhor silva, não é gente, é o medo que se põe com maneiras de o apanhar, não vamos deixar que isso aconteça. (Ibid., 2011, p. 48).

A perplexidade produzida pela leitura desse trecho é delicadamente acolhida pelo autor. Em apenas duas frases, Valter Hugo Mãe explicita a reflexão que nós leitores estamos a formular à medida que avançamos no texto.

sabe que não é fácil imaginar o que aqui vai. [...] e nós é que o sabemos. [...] que quem vive lá fora e tem saúde não fica à espera que uma coisa destas lhe aconteça. (Ibid., 2011, p. 48).

Por mais que nos aproximemos da ideia de uma vida institucionalizada, esse parece ser um exercício vão.

Ao afirmar que só quem está dentro sabe exatamente do que se trata tal experiência, o senhor Pereira usa o repertório que constituiu ao longo dos quatros anos em que por lá estava.

Para ele, o que garante estar fora ou dentro é ter ou não saúde.

Mas, do que se trata exatamente ter ou não saúde? [...] ***"Saúde a qualquer custo significa eliminar os riscos de envelhecer. A população de velhos torna em nossa sociedade um grupo de risco, como já dito, risco de morrer, risco de adoecer. Em qualquer momento de nossa existência, desde o nosso nascimento, temos de evitar o envelhecimento, com a ajuda dos especialistas, é claro! Mas não estamos todos nós virtualmente sujeitos a esse risco? Ora, só não envelhece que não está vivo. Viver implica em envelhecer".*** (TÓTORA, 2015, p. 47).

Até então, o senhor Silva estava exteriorizando seus mais difíceis sentimentos de maneira a esvaziar-se de todo o veneno que trazia, e assim, fortalecido, ultrapassar sua própria condição de velho asilado.

Em *Além do Bem e do Mal,* Nietzsche nos oferece um aforismo que sintetiza, até esse ponto da narrativa, o processo pelo qual passava o senhor Silva. O filósofo afirma [...] ***"que as grandes épocas de nossa vida são aquelas em que ganhamos a coragem de rebatizar o nosso mal como o nosso melhor".*** (2014, p. 99).

O melhor do senhor Silva era a *ideação*, palavra relacionada à imaginação e que, nesse contexto, é capaz de traduzir a capacidade que o personagem manifesta frente a acontecimentos que o perturbam, desiquilibram e o colocam num estado de sofrimento.

Ao chegar ao asilo, o senhor Silva recebeu uma imagem de Nossa Senhora de Fátima, síntese da crença da instituição de que a religião salvaria seus velhos e, principalmente, apaziguaria comportamentos não desejados.

Mas, para o velho Silva, a santa era apenas um objeto destituído de sentido e que afrontava seus princípios, trazendo à tona a relação trágica que tivera com a Igreja Católica.

fui procurar o senhor pereira e fizemos uma brincadeira juntos. arranjámos um pedação de papel, um pouco de fita-cola e pusemos na estatueta da senhora de fátima um letreiro a dizer, mariazinha, rodeada de pombinhas. ficou perfeita, com aquele ar de parva aflita sem saber o que fazer. uma santa toda mãe de deus e não sabe nada, não faz nada, perde-se na mesma brancura das paredes em que nos perdemos todos. (MÃE, 2011, p. 49).

Gonçalo M. Tavares, no *Atlas do Corpo e da Imaginação,* traz a reflexão de Jean Baudrillard ao salientar que [...] ***"sem as necessidades do homem o objeto seria sempre, e apenas, matéria. Um sistema dos objectos, escreve Baudrillard, revela, afinal, um sistema de necessidades".*** (2013, p. 417).

Naquela altura dos acontecimentos, para o senhor Silva, a santa já não era uma santa e sim a representação de uma mulher que tinha aos pés algumas pombinhas, ambas merecedoras de serem libertas do peso da santidade, e objetos à serviço de uma necessidade: lidar com a dor de maneira lúdica.

senhor pereira, que até acreditava nuns quantos santos e temia deus às vezes, divertiu-se, como a pecar num frenesi impossível de conter, para sentir, afinal, essa coisa da alma ainda viva. a alma viva, repetia eu, que burrice tão grande para nos enganar e pôr como carneirada a cumprir ordens e atender a medos. e não tem medo de nada, perguntou ele. tenho. tenho medo de ficar para aqui ainda mais sozinho do que estou. você não está só, homem, que aqui somos muitos e sentimos todos exatamente aquilo que você sente, respondeu-me. (MÃE, 2011, p. 49).

Na velhice, a aproximação ou reaproximação com alguma religião é uma realidade incontestável. Verificamos o crescimento do número de seguidores de programações religiosas na televisão, de consumidores de literatura produzida por padres, pastores e similares encontrados nas diversas crenças que, assim como o mercado, percebem no "segmento idoso" uma boa maneira de aumentar sua influência e poder na sociedade.

Em Portugal, a presença da Igreja Católica é, ainda hoje, enorme: os tentáculos dessa instituição deixaram marcas profundas durante os 40 anos do Salazarismo, regime que contou com a colaboração velada do clérigo e a disseminação de um discurso que reforçou a passividade dos portugueses crédulos enganados pelo Estado e pela religião.

Disso, como veremos no desenrolar da narrativa, bem sabia o senhor Silva: para ele, a Senhora de Fátima não passava de mais uma representante de um engodo do qual, como tantos outros portugueses, fora vítima.

Troçar com a santa, portanto, era exorcizar o que ainda restava do catolicismo em sua vida, um acerto de contas tardio e cuja efetivação só era possível através da imaginação.

Nesse contexto, a sensação de uma "alma viva" externalizada pelo amigo Pereira, é imediatamente rechaçada pelo senhor Silva, para quem a tradução para tal fruição é a de que, ao tratar a santa como um brinquedo, estava sim se apartando de um rebanho de cegos, surdos e mudos a vagar submisso e amedrontado.

Medo. O fantasma que insistia em assustar o velho Silva e que, ao ser dividido com o senhor Pereira, encontrou guarida. Afinal, todos ali tinham medo. E a solidão era apenas mais um dos medos que os acompanhavam.

Todavia, a vida seguia permeada por acontecimentos banais, eventos protagonizados por velhos com comportamentos menos desejados, por visitas e ocorrências típicas de ambientes asilares.

Nesse delicado quadro, havia entre os moradores do Lar da Feliz Idade um de quase cem anos, considerado uma personalidade do lugar, o senhor Esteves.

sabe quem é este esteves. torci os lábios com algum desinteresse e confirmação de ignorância. e ele disse, é o esteves sem metafísica, sim, o do fernando pessoa, é uma coisa do caraças. está a ver. e eu abri a boca de espanto inteiro. o que diz você,

perguntei. ó homem, é verdade, é o esteves sem metafísica da tabacaria do fernando pessoa. (Ibid., 2011, p. 50).

Todos os velhos reverenciavam Esteves, como a lenda viva portuguesa e com o senhor Silva, nãos seria diferente pois[...] ***"as ligações com os outros determinam o nosso modo de ver o mundo (de um ponto de vista restrito ou alargado); se queremos manter-nos dentro de um grupo não poderemos ver algo de significativamente diferente".*** (TAVARES, 2013, p. 131).

Aceitar como verdade a presença de um personagem da ficção no asilo pode ser considerado uma atitude fora do gráfico da normalidade, pois [...] ***"estar saudável, para algumas pessoas, é ver o que existe e não o que não existe. Ou, reformulando: saudável seria o homem que não perderia tempo a olhar o que não existe".*** (Ibid., 2013, p. 291).

Ao incorporar esse personagem ficcional, o velho Esteves respondia à dinâmica de definição de papéis dentro do grupo, ao mesmo tempo em que isso o ajudava a lidar com sua real biografia.

A questão que realmente está em jogo não é se Esteves é quem diz ser, e sim o fato de que a fabulação por ele engendrada mobiliza memórias afetivas de um coletivo que raramente se excita e que, sob o efeito dessa narrativa, reage de maneira positiva e afetuosa.

pus-me para diante da cadeira, a encarar o velhote com uma antecipação enorme e ele atirou-se para dentro dos meus olhos e confirmou, sim, é verdade. eu vivia em lisboa e ia sempre àquela tabacaria. é verdade sim. os meus ouvidos afundaram incrivelmente no insondável da cabeça e eu fiquei só a ver aquele rosto. o rosto de um homem com mais quinze anos do que eu, sorridente. aberto, limpo ao mesmo sol que nos cobria, e era como se o próprio maravilhoso genial lindo fernando pessoa ressuscitasse à minha frente, era como dar pele a um poema e trazê-lo à luz do dia , a tocar-me no quotidiano afinal mágico que nos é dado levar. (MÃE, 2011, p.51).

Para o senhor Silva, esse acontecimento foi um divisor de águas, um encontro inesperado com afetos e pulsões que julgava adormecidos para todo o sempre.

Gonçalo Tavares, no capítulo Saúde e Doença do seu livro *Atlas do Corpo e da Imaginação*, afirma que há uma medicina de situações: [...] ***"criamos uma situação para nos curarmos. No fundo prescreve-se uma ficção, um imaginário. A ficção e a imaginação curam."*** (2013, p. 521).

A imagem poética do sol, metáfora para uma experiência que traz à luz toda a potência de um velho entristecido, sinaliza que as vivências futuras do senhor Silva serão permeadas por outros sentimentos e que a percepção do mundo que o rodeia não será mais a mesma.

sorri. sorri verdadeiramente como nunca até ali naquele lar [...] o esteves sem metafísica ali contente de sentimento tão genuíno e o senhor pereira tão parecido a um amigo. e eu a julgar que ia ter um ataque de qualquer coisa, porque aquela novidade era demasiada. era uma novidade que, sobretudo no meu estado para morto, continha uma energia de vida radical e inesperada caramba, com oitenta e quatro anos um homem ainda pode ficar deslumbrado e todo incrédulo[...]a vida tem destas coisas, quando não esperamos mete-nos numa grande história. bem, ou num grande poema, que também acaba por contar uma história, ou não é. (MÃE, 2011, p.51).

A possibilidade de ampliar a existência aproximando-se do que reativa um estado de alegria genuína parece tarefa complexa e demasiado subjetiva; para tanto, nada melhor que a poesia.

Eis, pois, a Tabacaria, de Fernando Pessoa.

Tabacaria

Álvaro de Campos, in "Poemas
(Heterônimo de Fernando Pessoa)

Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

Janelas do meu quarto,
Do meu quarto de um dos milhões do mundo que ninguém sabe quem é
(E se soubessem quem é, o que saberiam?),
Dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente por gente,
Para uma rua inacessível a todos os pensamentos,
Real, impossivelmente real, certa, desconhecidamente certa,
Com o mistério das coisas por baixo das pedras e dos seres,
Com a morte a pôr humidade nas paredes e cabelos brancos nos homens,
Com o Destino a conduzir a carroça de tudo pela estrada de nada.

Estou hoje vencido, como se soubesse a verdade.
Estou hoje lúcido, como se estivesse para morrer,
E não tivesse mais irmandade com as coisas
Senão uma despedida, tornando-se esta casa e este lado da rua
A fileira de carruagens de um comboio, e uma partida apitada
De dentro da minha cabeça,
E uma sacudidela dos meus nervos e um ranger de ossos na ida.

Estou hoje perplexo como quem pensou e achou e esqueceu.
Estou hoje dividido entre a lealdade que devo
À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora,
E à sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro.

Falhei em tudo.
Como não fiz propósito nenhum, talvez tudo fosse nada.
A aprendizagem que me deram,
Desci dela pela janela das traseiras da casa,
Fui até ao campo com grandes propósitos.
Mas lá encontrei só ervas e árvores,
E quando havia gente era igual à outra.

Saio da janela, sento-me numa cadeira. Em que hei-de pensar?

Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou?
Ser o que penso? Mas penso ser tanta coisa!
E há tantos que pensam ser a mesma coisa que não pode haver tantos!
Génio? Neste momento
Cem mil cérebros se concebem em sonho génios como eu,
E a história não marcará, quem sabe?, nem um,
Nem haverá senão estrume de tantas conquistas futuras.
Não, não creio em mim.
Em todos os manicómios há doidos malucos com tantas certezas!
Eu, que não tenho nenhuma certeza, sou mais certo ou menos certo?
Não, nem em mim...
Em quantas mansardas e não-mansardas do mundo
Não estão nesta hora génios-para-si-mesmos sonhando?
Quantas aspirações altas e nobres e lúcidas -
Sim, verdadeiramente altas e nobres e lúcidas -,
E quem sabe se realizáveis,
Nunca verão a luz do sol real nem acharão ouvidos de gente?
O mundo é para quem nasce para o conquistar
E não para quem sonha que pode conquistá-lo, ainda que tenha razão.
Tenho sonhado mais que o que Napoleão fez.
Tenho apertado ao peito hipotético mais humanidades do que Cristo,
Tenho feito filosofias em segredo que nenhum Kant escreveu.
Mas sou, e talvez serei sempre, o da mansarda,
Ainda que não more nela;
Serei sempre o que não nasceu para isso;
Serei sempre só o que tinha qualidades;
Serei sempre o que esperou que lhe abrissem a porta ao pé de uma parede sem porta
E cantou a cantiga do Infinito numa capoeira,

E ouviu a voz de Deus num poço tapado.
Crer em mim? Não, nem em nada.
Derrame-me a Natureza sobre a cabeça ardente
O seu sol, a sua chuva, o vento que me acha o cabelo,
E o resto que venha se vier, ou tiver que vir, ou não venha.
Escravos cardíacos das estrelas,
Conquistámos todo o mundo antes de nos levantar da cama;
Mas acordámos e ele é opaco,
Levantámo-nos e ele é alheio,
Saímos de casa e ele é a terra inteira,
Mais o sistema solar e a Via Láctea e o Indefinido.

(Come chocolates, pequena;
Come chocolates!
Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates.
Olha que as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria.
Come pequena suja, come!
Pudesse eu comer chocolates com a mesma verdade com que comes!
Mas eu penso e, ao tirar o papel de prata, que é de folhas de estanho,
Deito tudo para o chão, como tenho deitado a vida.)

Mas ao menos fica da amargura do que nunca serei
A caligrafia rápida destes versos,
Pórtico partido para o Impossível.
Mas ao menos consagro a mim mesmo um desprezo sem lágrimas,
Nobre ao menos no gesto largo com que atiro
A roupa suja que sou, sem rol, pra o decurso das coisas,
E fico em casa sem camisa.

(Tu, que consolas que não existes e por isso consolas,
Ou deusa grega, concebida como estátua que fosse viva,
Ou patrícia romana, impossivelmente nobre e nefasta,
Ou princesa de trovadores, gentilíssima e colorida,
Ou marquesa do século dezoito, decotada e longínqua,
Ou cocote célebre do tempo dos nossos pais,
Ou não sei quê moderno - não concebo bem o quê -,
Tudo isso, seja o que for que sejas, se pode inspirar que inspire!
Meu coração é um balde despejado.
Como os que invocam espíritos invocam espíritos invoco
A mim mesmo e não encontro nada.
Chego à janela e vejo a rua com uma nitidez absoluta.
Vejo as lojas, vejo os passeios, vejo os carros que passam,
Vejo os entes vivos vestidos que se cruzam,
Vejo os cães que também existem,
E tudo isto me pesa como uma condenação ao degredo,
E tudo isto é estrangeiro, como tudo.)

Vivi, estudei, amei, e até cri,
E hoje não há mendigo que eu não inveje só por não ser eu.
Olho a cada um os andrajos e as chagas e a mentira,
E penso: talvez nunca vivesses nem estudasses nem amasses nem cresses
(Porque é possível fazer a realidade de tudo isso sem fazer nada disso);
Talvez tenhas existido apenas, como um lagarto a quem cortam o rabo
E que é rabo para aquém do lagarto remexidamente..

Fiz de mim o que não soube,
E o que podia fazer de mim não o fiz.
O dominó que vesti era errado.
Conheceram-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-me.
Quando quis tirar a máscara,

Estava pegada à cara.
Quando a tirei e me vi ao espelho,
Já tinha envelhecido.
Estava bêbado, já não sabia vestir o dominó que não tinha tirado.
Deitei fora a máscara e dormi no vestiário
Como um cão tolerado pela gerência
Por ser inofensivo
E vou escrever esta história para provar que sou sublime.

Essência musical dos meus versos inúteis,
Quem me dera encontrar-te como coisa que eu fizesse,
E não ficasse sempre defronte da Tabacaria de defronte,
Calcando aos pés a consciência de estar existindo,
Como um tapete em que um bêbado tropeça
Ou um capacho que os ciganos roubaram e não valia nada.

Mas o dono da Tabacaria chegou à porta e ficou à porta.
Olhou-o com o desconforto da cabeça mal voltada
E com o desconforto da alma mal-entendendo.
Ele morrerá e eu morrerei.
Ele deixará a tabuleta, e eu deixarei versos.
A certa altura morrerá a tabuleta também, e os versos também.
Depois de certa altura morrerá a rua onde esteve a tabuleta,
E a língua em que foram escritos os versos.
Morrerá depois o planeta girante em que tudo isto se deu.
Em outros satélites de outros sistemas qualquer coisa como gente
Continuará fazendo coisas como versos e vivendo por baixo de coisas como tabuletas,
Sempre uma coisa defronte da outra,
Sempre uma coisa tão inútil como a outra,

Sempre o impossível tão estúpido como o real,
Sempre o mistério do fundo tão certo como o sono de mistério da superfície,
Sempre isto ou sempre outra coisa ou nem uma coisa nem outra.

Mas um homem entrou na Tabacaria (para comprar tabaco?),
E a realidade plausível cai de repente em cima de mim.
Semiergo-me enérgico, convencido, humano,
E vou tencionar escrever estes versos em que digo o contrário.

Acendo um cigarro ao pensar em escrevê-los
E saboreio no cigarro a libertação de todos os pensamentos.
Sigo o fumo como uma rota própria,
E gozo, num momento sensitivo e competente,
A libertação de todas as especulações
E a consciência de que a metafísica é uma consequência de estar mal disposto.

Depois deito-me para trás na cadeira
E continuo fumando.
Enquanto o Destino mo conceder, continuarei fumando.

(Se eu casasse com a filha da minha lavadeira talvez fosse feliz.)
Visto isto, levanto-me da cadeira. Vou à janela.

O homem saiu da Tabacaria (metendo troco na algibeira das calças?).
Ah, conheço-o: é o Esteves sem metafísica.
(O dono da Tabacaria chegou à porta.)
Como por um instinto divino o Esteves voltou-se e viu-me.
Acenou-me adeus gritei-lhe Adeus ó Esteves!, e o universo
Reconstruiu-se-me sem ideal nem esperança, e o dono da Tabacaria sorriu.

A marca maior da obra de Fernando Pessoa é a presença de heterônimos.

Rogério de Almeida escritor, poeta e professor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), no livro *"O criador de mitos: imaginário e educação em Fernando Pessoa"*, parte [...] ***"de uma premissa bastante importante para a interpretação desses múltiplos poetas que vivem em um único poeta, a de que essa pluralidade não é um privilégio de Fernando Pessoa, mas, característica de todos nós. Evidentemente nem todos somos poetas, nem mesmo temos que pensar em nós dessa óptica já que culturalmente nossa economia psíquica pensa justamente contra, operando recortes em busca de coerência de um eu, mas teremos dificuldades em negar que há algo em nós que ultrapassa a identidade que nos forja".*** (2011, p.94).

A identidade proclamada pelo velho Esteves situa-se em um campo de intangibilidade nebuloso e suscita de chofre a dúvida: quais as razões que mobilizavam a aceitação pelos asilados de ser ele o homem sem metafísica inspirador de um poema de Pessoa?

Rogério de Almeida trabalha habilmente com a noção cara à obra pessoana, o fingimento, [...] ***"que não deve ser confundido aqui com a "mentira", mas aproximado da noção de forja, em que, assim como o ferreiro modela o metal e lhe dá forma, o poeta modela suas sensações e lhes dá a forma de uma visão de mundo [...]".*** (Ibid., 2011, p.171).

o elegante e eterno esteves sem metafísica que vivia ainda, falando e contando como se os livros aumentassem, como se a tabacaria e o álvaro de campos e o fernando pessoa estivessem em uma continuação. (MÃE, 2011, p. 95).

Ao criar, pois, um *mito* dentro do Lar da Feliz Idade, Mãe opera um desdobramento das duas maiores características da obra de Pessoa.

Questionando e desconstruindo a ideia de que cada sujeito é apenas e tão somente um, imprimiu assim a possibilidade de uma marcação identitária múltipla capaz de questionar e desconstruir padrões normativos impostos pela instituição.

Envolvido que estava com a poesia que a vida lhe reservara, o senhor Silva foi surpreendido pela visita da filha Elisa. Desta feita, porém, a recepção foi diferente: o velho pai conseguiu enxergar a filha na sua mais desprotegida meninice.

era ainda pequena, como acho que somos todos nós para as coisas mais tristes. o doutor bernardo deixou-nos sozinhos mas eu não quis conversar. quis só que ela ficasse com aquela espécie de perdão, o único que eu conseguia dar-lhe. era um perdão rápido e pequeno [...] eu não poderia contribuir para um sofrimento demasiado grande da minha filha. e também a raiva que me aquecera contra o meu filho havia de ser boa parte de uma combustão exagerada de gestos que nunca teria. era da infelicidade tão grande e de estar tão magoado, tão perplexo com o que é uma família, afinal. (Ibid., 2011, p. 52).

Essa percepção do envelhecer, certamente não nos parece estranha, desconhecida. Com pequenas variações são histórias como essas que ouvimos em nosso dia a dia. Uma família acuada, um idoso ressentido, poucas saídas ou caminhos alternativos, o sofrimento instalado. E como por inércia, esse percurso é admitido quase como único pela sociedade e de repente, só falamos dessa velhice, abstendo-nos assim de refletir sobre outras possíveis. (DEMASI; LOPES; FONSECA, 2015, pp.22-23).

Atento ao desfecho do encontro entre pai e a filha, doutor Bernardo, o médico da instituição, convida o senhor Silva para uma conversa e surpreende-se ao perceber que o assunto que mobilizava sobremaneira seu velho interlocutor não era o confronto com a filha e sim o deslumbre de ter conhecido o Esteves sem metafísica de Fernando Pessoa.

Ao ponderar a possibilidade dessa história não passar de "coisa da carochinha", recebeu como resposta que deveria estar invejando não fazer parte de um poema de Pessoa.

Senhor Silva acabara, pois, de encontrar a transcendência através da poesia.

achei que o esteves sem metafísica, com seus quase cem anos, era a melhor senhora de fátima do lar. (MÃE, 2011, p. 53).

E assim embalado, o velho viúvo finalmente fez as pazes com a morte de Laura, desintoxicou-se da fúria que vinha alimentando, conseguindo trazer para perto de si a melhor imagem da mulher.

a laura, se fosse viva, desmaiaria de emoção diante daquele homem. ela era assim, sem limites no deslumbre. a minha laura não sobrevivera para aquele dia, mas quereria que eu aproveitasse. foi a primeira vez que essa ideia encaixou na minha

cabeça, decorridos quase cinco meses da sua morte. a minha laura quereria meu bem, quereria que eu ficasse para ali encantado com aquela descoberta, sozinho mas a fazer as vezes dos dois. como a descobrir para os dois algo que só eu tivera oportunidade de descobrir. (Ibid., 2011, p. 53).

A vida para o senhor Silva finalmente era digna de ser pensada. E foi então que ele encarou o desejo represado de ir ao túmulo de Laura. A esse momento chamou de volta à realidade.

[...] e que a vida era só isto. é só isto, um novo modo de ter saudades, ou de lhes sobreviver. (Ibid., 2011, p. 54).

Todavia, a vida é muito mais. Naquela noite houve um incêndio na "ala dos desenganados". Os moradores do Lar da Feliz Idade viveram momentos de pânico e medo de serem os próximos a enfrentar a morte de maneira tão cruel.

Foi o senhor Pereira quem alertou o amigo sobre o que acreditava ser a verdadeira causa do incêndio que matara três moradores.

já aqui há uns anos foi a mesma coisa. é um crime. põem sim, que quando eu cheguei já aqui alguém me contara que o faziam. devem ter quem dê mais para entrar. têm de despachar estes velhos. tome tento no que lhe digo, eles têm que despachar estes velhos para meterem aqui outros com maior pagamento. muitos destes velhos perdem as fortunas e ficam abandonados, não vai ser por caridade que alguém lhes enfia os tubos para respirarem e lhes muda os lençóis.[...] eles aqui ficam todos à espera de que não pensemos, mas se deixarmos de pensar estamos enterrados[...].(Ibid., 2011, p. 55).

A rotina do senhor Silva, velho de 84 anos, paulatinamente ganhava contornos desafiadores do ponto de vista prático e emocional. Descobertas, conexões, mudança de patamares: assim ia se configurando um longeviver que ainda reservava a todos os moradores do Lar da Feliz Idade muitas surpresas. Com letras maiúsculas.

Capítulo V Testemunhas do tempo

"O rosto é como uma mistura de chegadas e partidas."

Gonçalo M. Tavares.

Nesse capítulo quem conta a história não é mais nosso senhor Silva. Outro narrador se encarrega de fazê-lo e, desta feita, usará as maiúsculas e minúsculas como determinam as regras gramaticais vigentes cá, no Brasil, e lá, em Portugal.

A liberdade para não respeitar as regras foi concedida apenas ao senhor Silva, que, por ter tanto a lembrar e contar, não poderia se ocupar de mais uma convenção – o que, ao fim e ao cabo, não acrescentaria nada importante em sua já tão grande jornada.

Acontecimento de tamanha grandeza, o incêndio mobilizou por algum tempo todas as emoções dos moradores do Lar da Feliz Idade. Além das baixas entre os utentes terminais, eles agora tinham pela frente as diligências policiais, que alteravam a rotina da instituição e traziam insegurança e desconforto aos moradores. Os homens da lei não levaram em consideração as peculiaridades do local investigado, e o tênue equilíbrio estabelecido entre os moradores foi desarranjado pela presença ostensiva de estranhos.

Dona Leopoldina teve seu quarto revistado e, para espanto dos policiais, na parede exibia um impecável e conservado pôster do ídolo do futebol em Portugal de décadas passadas, o peruano Teófilo Cubillas.

Sabemos que os velhos tem uma relação física com o afeto através dos objetos: quase como colecionadores de memória investem, nas mais diversas coisas, sentimentos profundos e muitas vezes difíceis de lidar.

Nesse sentido, o pôster escancara o fato de que o tempo passa diferente em cada espaço-tempo da subjetividade social.

Dona Leopoldina trazia para seu presente uma emoção vivida no passado e que teimava em existir através das coisas no tempo.

O fato desconcertante é que, ao contrário do pôster do craque no quarto do asilo – conservado, limpo, sem amassados e marcas do tempo – a imagem que tinham na delegacia já estava velha, esgarçada, suja e carcomida pelos anos.

Que estranha sensação aquela, a de entrar num lar da terceira idade para descobrir uma juventude no Cubillas que na judiciária não se conservava. (MÃE, 2011, p.60).

Como lidar com tal paradoxo: encontrar, no mundo dos velhos, algo conservado apesar do tempo e, onde supostamente tudo seria mais novo e vivo, a reprodução de Teófilo Cubillas se encontrar desmoronada e sem vida? Tal percepção perturbou os investigadores, que timidamente ensaiaram uma reflexão.

Era a prova gritante de que um dia todos eles haviam sido jovens, magros, ágeis e sobretudo esperançados num futuro melhor, e, tinham estragado tudo. (Ibid., 2011, p.61).

Não parece gratuito o fato de esse balanço da vida, feito tão rapidamente pelos oficiais, ter acontecido justamente onde tudo é antigo. Apesar de mais jovens do que todos que ali estavam, eles perceberam que a vida que levavam era tão ou mais combalida que a dos velhos, e que foram incapazes de conservar, até mesmo num pedaço de papel, a juventude essencial.

Perturbados com o pôster e com a movimentação dos velhos, os policiais são abordados pelo senhor Silva, desta feita tratado como António Jorge da Silva.

"O senhor viu alguma coisa, é isso?"

"Eu não vi nada, até estava a dormir. Só depois ouvi o Esteves a dizer que era uma tragédia."

Então e por que não vai descansar? Estamos a fazer nosso trabalho, e já não demoramos muito."

"O senhor agente acha que nós somos velhos e não prestamos para mais nada?"

"Eu não disse isso. O senhor não está a entender. Estamos a trabalhar."

"E eu não posso ver? Não sou uma criança. Já vi muita coisa." (Ibid., 2011, p.64).

Angustiado por ter sido impedido de ver e de ter tido ignorado todo o repertório de mundo visto e vivido: assim sentiu-se o senhor Silva ao ser convidado a se retirar do local da investigação.

Cerceado na necessidade de se conectar à dinâmica de investigação, impedido de ver a cena ao seu redor, o senhor Silva sentiu-se inseguro. Gonçalo M. Tavares interpreta que [...] ***"vejo porque quero estar seguro, porque quero detectar perigos."*** Assim sendo, podemos inferir que o fato de estar ali com os olhos bem abertos conferia segurança ao velho Silva e, indo mais fundo na interpretação proposta**,** [...] ***eu vejo para não sofrer, para não ter um acidente, para não morrer. Eis a primeira função da visão: uma função de sobrevivência, uma função que surge no meio de um organismo que tem medo, organismo que sabe que os outros, as outras coisas podem ser perigosas, podem ser a causa de.*** (TAVARES, 2013, p.362).

Sentir-se tratado como uma criança é sempre uma situação perigosa. Despidos de nossa integridade, ficamos à mercê de estratégias de esvaziamento da essência do sujeito.

Essa é uma reclamação que ouvimos constantemente dos velhos e que sabemos ser uma maneira de demarcar os espaços de atuação permitidos, caracterizando-os como sujeitos incapazes de responderem por seus atos.

O senhor Silva reage ao marcar território e aproximar-se dos oficiais, dizendo aquilo que todos – direção do asilo e policiais – não queriam ouvir.

"Não havia lugar para mais velhos. Percebe? Não havia lugar para mais ninguém." (MÃE, 2011, p. 64).

Diferente de uma criança, o senhor Silva não se apequenou diante da resistência soas investigadores que o impediam de ver, ouvir e falar o que, ao final, mostra-se coerente com o fato de eles estarem, sim, sem energia para repetir fórmulas e crenças que, no limite, só ajudavam a manter velhos arranjos sociais e ultrapassadas maneiras de se relacionar com as diferenças.

Enfim, era tudo muito calado onde se esperava a morte, até o que se dizia perdia sentido e funcionava apenas como uma reverberação do silêncio, coisa nenhuma, coisa rigorosamente nenhuma.

Os policiais assim o pensavam e todos se calavam a lembrar o que quer que fosse sobre cada um dos três falecidos, alguns já para ali esquecidos havia muito tempo sem proferirem palavra ou vontade, eram só ocupações. Ocupavam, e depois não. (Ibid., 2011, p. 65).

Esse rodízio perverso iria, a partir de então, permear mais intensamente a rotina dos velhos: chegadas e partidas que dariam outra feição à velhice do senhor Silva.

Capítulo VI Libertar a vida onde ela é prisioneira

"Tudo que é belo é indeterminado."

Joseph Joubert.

A convivência com o velho Esteves fez os pensamentos do senhor Silva se inundarem de poesia.

Estupefato, ouviu o relato de Esteves sobre como se dera o encontro dele com Fernando Pessoa. Concordou com ele que a Tabacaria era um lugar que nada tinha de especial e pôs-se a pensar sobre o lugar onde estaria Laura.

eu, como todas as pessoas que perderam alguém, com ou sem fé, pensei que a laura estaria num lugar qualquer, como reduto último de uma qualquer consciência reconhecível e que me reconhecesse, e fitei o esteves sem metafísica cheio de vontade de o embalar enviado a preceito para onde fosse esse lugar da laura. esse lugar onde ela o encontrasse. depois da nossa conversa, pensei por momentos que se aquele homem de quase cem anos morresse poderia encontrar a laura no caminho. (MÃE, 2011, p. 72).

O trabalho de luto vivenciado pelo senhor Silva prosseguia lento e dolorido, diferente do amigo Pereira, que não tivera um casamento feliz, e por isso afirmava ter experimentado um processo de luto mais fácil e breve.

Quarenta e oito anos juntos, desfrutando as dores e as delícias de uma vida em comum, lendo e relendo os poemas de Pessoa e, sobretudo, sendo cúmplices nos momentos dolorosos dessa jornada. ***Mas nem sempre um bom enlaçamento amoroso permite um luto mais fácil, pelo contrário, para alguns exatamente, pelo laço que foi bom e forte, a perda sentida é como insuportável, um buraco difícil de ser bordeado. Como a morte não deixa uma escrita, é um puro real sem nome, impõe escritas possíveis sobre sua mudez e a necessidade de dar destinos à dor.*** (MUCIDA, 2009, p.123).

O filósofo e poeta francês Gaston Bachelard, no livro *A Poética do Espaço*, nos faz uma provocação pertinente à potencial condição da poesia de trazer calma àqueles que se encontram exacerbados com a própria existência.

Se um filósofo fosse psiquiatra, [...] ***"aconselharia o paciente com angústia, quando a crise se manifestasse, a ler um poema de Baudelaire, a pronunciar suavemente a palavra baudelairiana dominadora, a palavra vasto, que transmite calma e unidade, essa palavra que abre um espaço, que abre o espaço ilimitado".*** (1976, p. 325).

Mas a ideia da morte andava lado a lado com a poesia, que acabara de reentrar na vida do velho Silva. Paradoxalmente, em momentos de puro regozijo frente ao velho Esteves, era assaltado pela fantasia de matá-lo, para assim o velho sem metafísica poder encontrar Laura no caminho e contar sobre virou personagem da "Tabacaria".

Perturbado, o senhor Silva debatia-se com o fato de ter pensamentos que não poderiam povoar a mente de quem não acreditava na transcendência.

Para tentar sair da armadilha por ele mesmo engendrada, decidiu ir ao cemitério visitar o túmulo de Laura: uma atitude concreta que julgou ser capaz de amainar os pensamentos que o faziam sentir perdido de si mesmo.

Como imaginar que os moradores do Lar da Feliz Idade poderiam se afastar da ideia de uma morte próxima se havia um cemitério ao lado da instituição e se estavam, portanto, isolados duplamente da vida pulsante da cidade?

Para o senhor Silva a situação era ainda mais incômoda, pois, Laura estava enterrada numa área contígua à ala em que morava e possível de ser avistada da janela de seu quarto.

O historiador Paul Ricœur, no livro *A memória, a história, o esquecimento*, afirma que [...] ***de fato, a sepultura não é somente um lugar à parte de nossas cidades, esse lugar chamado cemitério onde colocamos os despojos dos vivos que retornam ao pó. Ela é um ato, o de enterrar. Esse gesto não é pontual; não se limita ao momento do enterro; a sepultura permanece, porque permanece o gesto de sepultar; seu trajeto é o mesmo do luto que transforma em presença interior a ausência física do objeto perdido. A sepultura como lugar material torna-se, assim, a marca duradoura do luto, o resumo do gesto de sepultura.*** (RICŒUR, 2007, p. 377).

não me cheguei ao muro, nem ao portão, não atravessei sequer a exígua estrada que separa o cemitério do lar, fiquei do outro lado a ver os mármores e os terríveis vultos religiosos, com aspecto de mártir nada apaziguador, e fiquei a ver as flores e apreciei o modo como iam secando decadentes e esperavam por serem substituídas. só depois dei uns passos para mais próximo. foi quando minhas pernas começaram a tremer, e percebi que era impossível ainda fazer aquilo, não teria nunca coragem para entrar naquele lugar sozinho, porque na minha cabeça tal gesto levantaria um pedaço da minha pele, queimaria cada pedaço de minha carne, e eu assustava-me como se assustam afinal as crianças que não sabem defender-se e que não dimensionam sequer a ameaça a que estão sujeitas. (MÃE, 2011, p. 73).

O senhor Silva ficou imóvel. Para Gonçalo M. Tavares, a [...] *"**imobilidade é não sair da posição anterior, trata-se de uma ligação fixa, não desejada, ligação ao passado**".* (2013, p.122).

E foi no passado mais distante – a infância – que o velho viúvo encontrou a representação para seu desamparo, e ele voltou-se à Senhora de Fátima como objeto de uma atitude que comportou raiva e imaginação lúdica.

fiquei furioso e já me andam a irritar aquelas pombinhas agarradas à nuvem onde ela está pousada. parti-as. (MÃE, 2011, p. 73).

A trajetória do senhor Silva estava a se construir com a alternância de momentos de passividade/raiva e episódios de vitalidade/reação: em última instância, observa-se a evolução de um quadro que, no princípio da narrativa, parecia fadado ao mais completo infortúnio. Vislumbramos, pois, um homem velho apropriando-se de sua força vital.

não podemos ficar velhos e vulneráveis a todas as coisas, temos de nos rebelar aqui e acolá, caramba, temos de estar a postos para alguma retaliação, algum combate, não vá o mundo pensar que não precisa de tomar cuidado com as nossas dores [...] éramos como perigosos, manifestamente perigosos contra o mundo [...]. (Ibid., 2011, p. 74).

Essa resistência não nos parece ameaçadora e se aproxima do que Gilles Deleuze e Félix Guattari afirmaram ao explicar-nos a razão de, já velhos e experientes filósofos, desejarem responder à pergunta "o que é a filosofia?". Para eles: [...] ***"há casos em que a velhice dá, não uma eterna juventude, mas, ao contrário, uma soberana liberdade, uma necessidade pura em que se desfruta de um momento de graça entre a vida e a***

morte, e em que todas as peças da máquina se combinam para enviar ao porvir um traço que atravesse as eras...” (2010, p. 07).

E sentindo-se assim, livre, foi que o senhor Silva partiu para o salão de convivência dos moradores a brincar com as pombinhas que jaziam mortas e a provocar reações de estranheza, incredulidade e indignação como a de dona Leopoldina que reagiu de modo agressivo deixando, porém, escapar algo de seu passado sexual.

a dona leopoldina levantou-se atazanada como uma fera e pegou numas tralhas suas ali de uma mesinha. desviou-se de nós num desprezo profundo e passou. subitamente , no delírio do seu amuo, parou no corredor, olhou para trás a assegurar-se de que a observávamos na chacota, e coçou o rabo enorme metido com certeza numa cueca medonha, pôs a mão no lugar proibido e achou que fez grande coisa para sair dali como se tivesse dado uma lição de vida[...] e o senhor pereira contava-nos que o cubillas foi quem a comeu de virgem e era troféu digno de um peruano daqueles, o cu da menina, queria ele dizer. o esteves ria-se e respondia, por isso lhe dá comichão. (Ibid., 2011, p. 75).

A personagem dona Leopoldina nos propicia uma reflexão sobre a sexualidade na velhice. Assunto tabu para muitos velhos e seus familiares, temos notícias cada vez mais frequentes de como eventos ligados a experiências passadas ou presentemente vividas são motivos de perplexidade e preocupação. Envolvimentos amorosos eventuais ou relacionamentos mais duradouros entre velhos são motivo de desconfiança e, muitas vezes, objeto de proibição e boicote.

Parece circular pela sociedade um não-dito cruel, qual seja, o de que um corpo envelhecido é impossibilitado de exercer atração sexual e expressar-se sexualmente.

A psicanalista Ângela Mucida afirma que [...] ***a psicanálise trabalha com o termo “pulsão em vez de conceitos como “natureza” e “instinto”“. A pulsão marca a diferença dos seres falantes em relação aos outros animais. Constitui-se de um conjunto de intervenções do Outro, suas marcas, e de traços os quais não se nomeiam. Por isso o objeto do desejo é sempre algo inefável, e nesse campo transita nossa sexualidade.*** (2009, p.139).

O que dona Leopoldina não pôde exprimir através de palavras o fez com gestos que escancararam facetas de suas pulsões recobertas pelo tempo.

Comportamentos semelhantes em ambientes onde a presença de velhos não é regra causam surpresa e constrangimento, o que acaba por nos mostrar que ainda estamos muito longe de lidarmos razoavelmente com a exteriorização de nuances da sexualidade dos velhos e a expressão de pulsões, socialmente determinadas a permanecerem guardadas nos recônditos da intimidade de cada um de nós.

Américo foi, pois, o representante da ordem enviado para acalmar os ânimos dos velhos atiçados pelas bizarrices do senhor Silva e as reações nada pudicas de dona Leopoldina.

parecem putos, dizia ele, não zangado mas interessado em impor a ordem. não têm vergonha na cara, estes homens desta idade, parecem putos. éramos velhos tolos a trazer da tolice uma promessa de vida qualquer. (MÃE, 2011, p. 76).

Insta nos atentarmos à recorrência de observações feitas pelo velho Silva sobre comportamentos infantis, como se fossem "tábuas de salvação" que o retirariam do insuportável real que vivia, levando-o apenas por pouco tempo para as raias da liberdade de subverter regras, anunciar fantasias, sorrir de si mesmo.

Ecléa Bosi, refletindo sobre o velho e a infância, sustenta que nos anos juvenis [...] ***"não havia ainda o constrangimento dos limites, nosso diálogo com os seres era aberto, infinito. A percepção era uma aventura; como um animal descuidado brincávamos fora da jaula do estereótipo."*** (1994, p. 83).

Mas a "aventura" do senhor Silva não durava muito: era assolado pela culpa de ter-se rendido momentaneamente ao "devaneio de festa alguma" e novamente sentia o peso da solidão.

a mariazinha, obviamente, não intercederia por mim nem me responderia [...] eu devolvi-lhe uma das pombinhas. depositei-a como morta sobre a mesa de cabeceira. não significava nada, apenas que não era mais divertido. que a morte não era divertida e que estávamos todos a morrer, disso é que precisava de me lembrar [...]. (MÃE, 2011, p.76).

O desvio da dor, experimentado através de mais uma experiência lúdica, não é capaz de libertar o senhor Silva da ideia de morte e de se reconciliar com sua perda. Mais uma vez ele sucumbe ao desdobramento conhecido: a exaustão emocional.

o que pensaria de mim a laura. capaz de me entreter ao invés de secar o corpo à fome, obrigá-lo a abdicar de me suportar. que maldição, porque não haveria de obedecer à minha vontade de acabar. (Ibid., 2011, p.76).

A resposta para a indagação parece simples: na verdade, o senhor Silva não desejava se acabar. A morte de Laura abrira a janela através da qual passou a vislumbrar a ideia de que [...] ***a inautenticidade espreita a prova da morte do outro, é indubitável: a confissão secreta de que a morte, que levou nosso próximo mais querido, de fato nos poupou, abre o caminho para uma estratégia de evitamento, a qual esperamos, também nos poupará no momento de verdade do face a face com a nossa própria morte.*** (RICŒUR, 2007, p. 370).

Mas a caminhada rumo ao apaziguamento interno ainda estava no começo para o senhor Silva.

Trancado em si mesmo, não contava com recursos externos para ampará-lo nessa jornada: a escuta possível acontecia através de Américo, profissional sensível que já conhecia as agruras das velhices asiladas e que, além da prática, tinha com o senhor Silva uma relação afetuosa.

Por um lado, a percepção do senhor Silva é de que fora obrigado a deixar toda a experiência de vida do lado de fora dos muros, toda a experiência de vida nos além-muros do Asilo. Por outro, o amor que tinha por Laura despertava respeito e solidariedade à dor da perda da mulher, e, ainda, uma manifesta inveja de Américo, que aos trinta e um anos já não tinha esperanças de amar e ser amado como o velho homem que consolava.

esse era o segredo que só o tempo guardava. só o tempo revelaria tal milagre. o tempo, e a sensibilidade de quem via o tempo diante dos olhos a acabar-se a cada dia. (MÃE, 2011, p.77).

Porém, antes de acabar-se, o senhor Silva teria que libertar sua vida de onde ela era ainda prisioneira.

Capítulo VII O medo e o mal de mãos dadas

"O dever da memória é o dever de fazer justiça, pela lembrança, a um outro que não o si."

Aristóteles.

O senhor Silva tinha uma história para contar.

Era a história de todos os "silvas" de Portugal que viveram sob a égide de um regime autoritário, cujo rosto era o de um "paizinho" benevolente e garantidor da ordem e do progresso para todos os portugueses.

Era o ano de 1950 e o jovem António Jorge da Silva havia passado ao largo da Segunda Guerra Mundial e acabado de se casar com Laura.

Pobre. Muito pobre. Mas cheio de esperanças no regime, no futuro e no poder da Igreja, que intercederia por eles junto ao Senhor todo poderoso.

eu e a laura começámos por pensar que nada nos faria mal. que a custo nos tornaríamos úteis na máquina social e estaríamos abrigados num teto onde os nossos filhos nascessem com os nossos nomes portugueses e orgulhosos. (MÃE, 2011, p. 83).

Porém, quando a vida pela primeira vez mostrou-lhe a face dura da morte, o senhor Silva e Laura estavam sozinhos. Foram abandonados pelo regime, pela Igreja e por Deus.

aprendi tudo ao contrário depois. ser religioso é desenvolver uma mariquice no espírito. um medo pelo que não se vê, como ter medo do escuro porque o bicho-papão pode estar à espreita para nos puxar os cabelos[...] eu aprendi que aqueles crentes se esfolavam uns aos outros de tanto preconceito e estigmatização. e aprendi , no dia em que perdemos nosso primeiro filho, que estávamos sozinhos no mundo. atirados para o fundo de um quarto sem qualquer ajuda. e eu ainda fui pedir ao padre que nos fizesse chegar ao hospital, que fosse rápido, porque as águas tinham se

rompido e a laura não se mexia [...] e o homem disse umas quantas vezes que tudo estaria na vontade de deus. (Ibid., 2011, p. 83).

Através desse relato, podemos imaginar o quão aviltante foi para o senhor Silva receber logo na sua chegada ao Lar da Feliz Idade uma imagem da Senhora de Fátima!

Desrespeito a um velho, vítima das promessas vazias da religião e que, ao ser acolhido assim, sentiu-se mais uma vez cercado de falsos crentes, como aqueles que o cercavam quando era jovem.

As experiências de um filho natimorto na juventude e a morte da mulher na velhice foram determinantes para a percepção de estar "sozinho no mundo".

O filósofo Ludwig Wittgenstein afirma que [...] ***o que vejo faz-me sentir, e sentir é um acontecimento, é um facto, algo que pode ser assinalado na biografia pessoal e íntima de cada um: eu, no dia tal, às tantas horas e minutos, senti isso. A visão pensada materializa algo dentro do corpo.*** (1996, p. 111). Portanto, nessa perspectiva, o senhor Silva tinha uma marca em seu corpo com a qual não soube "negociar" e que ficou cravada também em sua biografia.

não foi culpa do padre, nem da igreja e nem de deus. foi só o triste acaso de sermos miseráveis num país de miséria que não esperava de nós mais do que o brio e o sacrifício mudo [...] esperaram que a vida se prezasse ainda, feita de dor e aprendizagem, feita de dor e esperança, feita de dor e coragem, feita de dor e cidadania, feita de dor e futuro, feita de dor e deus e salazar . (MÃE, 2011, p. 84).

Para nos ajudar a entender o que as forças em jogo naquele momento perpetraram na vida da família Silva, Silvana Tótora reflete que [...] ***os governos instituídos provocam as paixões tristes, porque necessitam delas para dominar, impondo um sistema de compensações e punições. Os governados, por sua vez, não estão menos isentos de encetar tais tipos de paixões, pois engendram a obediência ao subjugarem seu amor à liberdade pelo desejo de recompensas e a segurança dos bens.*** (2015, p. 36).

Ao elaborar assim, com tamanha clareza, sobre todas as forças que estavam em jogo naquele momento e quais seriam as expectativas para sua vida futura, o senhor Silva aceitou que sobreviveria como prisioneiro daquele território cruel, pois, naquele tempo, ainda estava de mãos dadas com o mal e com o medo.

Capítulo VIII Polifonia de afetos

"E todas as vozes soam diferentes na solidão!"

Friedrich Nietzsche.

Até então, os personagens apresentados por Valter Hugo Mãe viviam no Lar da Feliz Idade não por escolha própria, mas por decisões tomadas pelas famílias. Seus breves relatos sobre as circunstâncias determinantes do asilamento evidenciam que os velhos sentiram-se, em maior ou menor medida, traídos.

Observamos também que, na medida em que os moradores iam tecendo uma teia de relações livremente escolhidas por eles, essa sensação ia perdendo força e aos poucos sendo substituída por um sentido de pertencimento a um grupo de pessoas cuja idade determinava vivências comuns entre eles.

Essa sensação de pertencimento acabava por proporcionar a eles um ambiente satisfatoriamente tranquilo, com uma dinâmica própria, previsível e possível de ser manejada pela direção da instituição.

Nesse sentido, a figura do cuidador Américo surge como fiel de uma balança cujo equilíbrio era sempre, e, no mínimo, tênue.

Como em qualquer grupo, velhos com perfis mais aglutinadores como o senhor Pereira desempenham papel fundamental para esse cenário manter-se estável. Já a presença quase lendária do senhor Esteves municiava os moradores com fabulações que estimulavam de maneiras diversas a imaginação daqueles que a ele se chegavam.

Figuras que carregavam um passado "misterioso" e sedutor, como dona Leopoldina, também contribuíam para o delicado equilíbrio psicossocial do ambiente asilar.

Mas a sagacidade do autor de "a máquina de fazer espanhóis" evidencia-se no momento em que ele nos propõe uma ligeira alteração desse cenário introduzindo um morador que, diferentemente dos perfis até então delineados, decide-se sozinho e livremente a viver no asilo.

Trata-se do Silva da Europa, que aos 66 anos aposentou-se da função de atendente do Hospital onde Laura morrera e seguiu rumo ao seu novo lar.

vim pra cá como os outros, passa a ser a minha casa, não é normal. e eu afligi como se me desse um ataque de coração. ó santos de quem não tem santos, mariazinha da minha vida, digam-me que a minha velhice não vai ficar ainda mais difícil. mas você é um rapaz novo, tem muito para andar. nada disso, já me reformei, e a gente quer mordomias de hotel é quando ainda as aproveita. não vou ficar trancado em casa sozinho a varrer o chão e a fazer sopa, ó senhor silva, pense lá bem. já fiz sessenta e seis anos, pode-se dizer que estou na terceira idade. venho para aqui como hóspede, com juízo, para variar não é. e você um comunista esquisito, ora confesse lá. (MÃE, 2011, p. 89).

O senhor Silva da Europa sabia perfeitamente que a sua presença era como o vislumbre de um peixe vivo fora d´água.

Comecemos pelo fato de ter muito menos idade do que a média dos moradores do Lar da Feliz Idade, portanto, a resposta para a pergunta que formula era não! Não era normal alguém nessa idade estar lá.

Os estranhamentos seguiram-se: fez uma verdadeira ode ao estilo de vida do asilo, comparando-o a um hotel com serviços de cama, mesa e banho, o que pareceu ser quase uma ironia direcionada a maioria dos moradores que prefeririam, sim, ainda estarem varrendo e cozinhando, em suas casas, junto àqueles de que gostavam e de quem tinham saudades.

Portanto, o simples fato de o novo morador considerar-se hóspede já mostra o esgarçamento de uma possível linha de conexão entre ele e os outros velhos que, mais realistas, entendiam e sentiam o espaço em que estavam como uma experiência de limites bem colocados, e não escolhas: eram, portanto, todos velhos institucionalizados.

Todavia, nessa tentativa atabalhoada de reconhecer-se e ser reconhecido no Lar da Terceira Idade, o novo morador ainda "deixou escapar" que, diferente de todos os outros, era um hóspede com juízo, permitindo que inferissem que, logo, todos eram velhos sem juízo.

E para terminar, acabou por entregar que reconhecia o senhor Silva como um igual ajuizado, ao considerá-lo um comunista esquisito.

O último aspecto a ser salientado nesse cenário é que, apesar de ter presenciado momentos de total descontrole do senhor Silva no hospital na ocasião da morte da mulher e, depois, na ríspida recepção no asilo, o Silva da Europa reconhecia a lucidez que permeava os posicionamentos e reflexões daquele que seria o contraponto para suas próprias reflexões.

Ainda na perspectiva de povoar o Lar com tipos capazes de sintetizar velhices heterogêneas, somos apresentados a mais um morador.

na porta, quando entrava do quarto para o salão, esbarrei com um indivíduo de olhos grandes e cheios de luz. esbarrámo-nos e ele disse, boa tarde, senhor, chamo-me anísio franco, venho para cá viver.[...] o anísio franco foi a grande aquisição do feliz idade. estava com oitenta e dois anos , sofrera um ataque de ansiedade qualquer que lhes pôs uns problemas no coração nuns exames de chapa escura, e os médicos acharam que ele precisava de não se enervar e de parar com as tarefas malucas que ainda desempenhava . juntamo-nos todos, na tarde seguinte no lugar de sempre, e eu passei a sentir uma enorme compaixão por aquele homem. falava ainda com um entusiasmo que já não se via em ninguém. queria acreditar que a saúde não lhe faltaria e que poderia concretizar tantos projetos. e eu pasmava diante dele porque não concebia o que era chegar aquela idade e ter projetos. o meu projeto era esquecer tudo, era protestar contra a morte de laura convencendo-me de que, depois da morte de alguém que nos é essencial, ao menos a memória do amor deveria ser erradicada também. (Ibid., 2011, p. 91).

A poesia estava na alma do senhor Silva: ao poeta, um par de olhos e um esbarrão bastam para poetar!

Assim como o primeiro encontro com o senhor Pereira – áspero e fugidio – o deparar-se com o senhor Anísio seguiu o mesmo padrão: como que rechaçando qualquer possibilidade de abrir-se uma fresta para um vínculo, o senhor Silva mascarou-se de casmurro mas, imediatamente, percebeu se tratar de um homem especial.

O olhar do senhor Anísio se impôs e comunicou a completude de seu ser.

Gonçalo M. Tavares se ocupou desse tema ao discutir a idade e o olhar. Para tanto, invocou o poeta português Vergílio Ferreira, que fala também da importância do olhar. *"**É neste que o Eu se aloja, diz: "o olhar é um espírito presente, é nesse olhar***

que para os outros se mede decisivamente a idade"". E a isso Gonçalo M. Tavares acrescenta: [...] ***e esta idade do olhar como que exibiria a idade verdadeira, a idade do Eu. Existiria, em suma, a idade do mundo sobre nós, a idade de nossa aparência e do nosso funcionamento que é efeito das circunstâncias da existência – estamos no mundo dos acontecimentos que nos marcaram; e depois existiria a idade que nós temos por cima do mundo, independentemente do mundo, a idade de nós sobre o mundo, reflectida na idade de nosso olhar.*** (2013, p. 369).

O "espírito presente" do senhor Anísio estava escancarado no olhar a lhe conferir a juventude que o senhor Silva há muito desconhecia, apesar de ambos serem octogenários.

Todavia, o plano de um era o total apagamento; o do outro, a continuidade de seus projetos de vida. O mais novo morador, pois, trazia a possibilidade de pensar a velhice em outros termos.

É nessa mesma direção que Gonçalo M. Tavares pondera que [...] ***o que importa não é apenas que um indivíduo sobreviva, mas que a felicidade do indivíduo sobreviva, se mantenha. Saúde vista assim como sinônimo de bem-estar, de bem existir, eu diria: de bem não morrer.*** (Ibid., 2013, p. 299).

Ter tido seus projetos – momentaneamente, acreditava – paralisados não afetou a crença de Anísio no que chamou de "sua saúde", para poder voltar à sua preciosa rotina: a idade cronológica não se apresentava como balizadora de sua existência.

A distância entre as crenças era tão grande que despertou no senhor Silva um sentimento que ele conseguiu nominar apenas como compaixão, afinal, a velhice para ele já estava estigmatizada como tempo de esquecer e apagar todas as memórias: enfim, morte em vida.

A dimensão do entusiasmo do senhor Anísio pela vida parece se assentar na percepção do que genericamente convencionou chamar de *saúde* e que Silvana Tótora trata como *potência da velhice.*

Como afirmar uma potência de velhice em uma sociedade que enuncia a velhice e o envelhecimento como perda e doença? Na medida em que a velhice não é afirmada em sua potência própria, desencadeia-se um profundo ressentimento contra

a própria vida. Afirmar que a velhice é triste é o mesmo que afirmar que a vida é triste, pois só o que é vivo envelhece. (2015, p. 91).

Paralelamente aos pensamentos que senhor Silva articulava, muitos deles carregados de ressentimento e ansiedade, pessimismo e nostalgia, havia a rotina do lar, que acabava por favorecer encontros entre os velhos e momentos de fabulação preciosos para que ele, a partir da escuta de outras histórias de vida, pudesse por em perspectiva a sua própria narrativa.

Nesse sentido, era impossível ficar imune à legítima vontade de viver que emanava o senhor Anísio.

o que me faz correr é sempre o mesmo, uma vontade de saber mais e o de deixar contado às pessoas, nos livros, sabe. deixar nos livros aquilo que se descobre, porque um livro, com o que contém, pode ser uma fortuna eterna. e eu abanava que sim com a cabeça. aquilo sim, eu compreendia. adorava os livros e não me furtara ao exercício de os ler. (MÃE, 2011, p. 93).

Do desejo de esquecer à lembrança de um gostar: esse foi o elo estabelecido entre o novato e o senhor Silva. O deslumbre de uma descoberta que teve o poder de trazer à tona uma experiência positiva, pertencente a um passado de onde precisavam ser recuperados afetos, fruições e criatividade.

O senhor Silva tinha muitas histórias para contar. Não seriam os livros necessários para isso, e sim o estímulo que a presença potente do velho Anísio despertava.

e o homem estava ali tão bem, como a pedir mais vida, porque lhe faltavam não sei quantas páginas desse livro sobre coisas sobre a história de portugal que ele entendeu ser felicidade bastante para deixar aos outros. (Ibid., 2011, p. 93).

O movimento de aproximação do senhor Anísio ao grupo, do qual o senhor Silva já era parte, denotava seu desejo de viver. Recém-saído do mundo do trabalho intelectual, furtar-se da convivência e da troca de saberes seria mortal para o novo morador.

Começamos a entender que o senhor Silva trazia um sólido repertório em sua pequena bagagem: além dos dois sacos de roupa, carregava também o conteúdo de muitos livros lidos e discutidos com Laura.

A sua reação deslumbrada denotava que, intimamente, ele anelava encontrar um interlocutor para suas histórias. Por isso, ao ser provocado pelo Silva da Europa a "contar afinal o que fazia da vida", titubeou, mas acabou fazendo um breve relato de sua biografia.

fui barbeiro. era ajudante de barbeiro quando me casei. em sessenta e três, depois de ter nascido a minha filha, o meu patrão ordenou-me que virasse mestre. mandou - me abrir a minha própria barbearia. e você perguntou o senhor pereira. e eu abri, com um empréstimo que ele me faz e eu paguei em alguns anos [...] virei empresário pequenino, uma barbearia bem gerida vai dando um dinheiro suficiente para uns trapos e umas quantas regras bem definidas. eu tinha uma filha professora de geografia e um filho professor de finanças que até se arranjou para a grécia, não estava nada mal para uma vida de trabalho paga com pobreza poupada. estava compensado pelas minhas forças, tinha trabalhado o necessário para chegar velho com autonomia e equilíbrio. (Ibid., 2011, p. 93).

Assim fora a trajetória do senhor Silva, agora rememorada através do viés do trabalho: equilíbrio perturbado pela perda da parceira desse projeto de vida; autonomia roubada pelos filhos, que definiram o destino de sua vida após a morte da mãe.

Acima do orgulho da profissão, evidencia-se o orgulho pela maneira como construiu o lastro necessário para criar filhos que tiveram muito mais oportunidades que ele próprio.

fui barbeiro, li livros, como deviam ler todas as pessoas que ultrapassaram a condição pequenina do quotidiano e das rotinas. (Ibid., 2011, p. 93).

"De que vale um livro que não nos transporte além dos livros?" [6]

Para o senhor Silva, muito mais do que munição para afrontar seus coetâneos: nos livros encontrava resistência para sobreviver à opressão, à mediocridade e ao medo.

Estava nos livros a passagem secreta para a manutenção de seu equilíbrio. Os poemas que rabiscava abrigavam ***"desejos intensos e iludidos de ser algo a que não chegavam."*** (MÃE, 2011, p.93).

[6]NIETZSCHE, F. W. A Gaia Ciência. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 162.

A chegada do senhor Anísio, portanto, veio funcionar como um estímulo para que o senhor Silva trouxesse à tona traços constitutivos de sua identidade até então apagados.

O novo morador tinha sido conservador do Museu Nacional de Arte Antiga: era um amante das artes e havia levado para o asilo um livro com imagens que supostamente comprovavam a alteração de uma obra de arte pelo regime salazarista.

esta gente do poder faz coisas que são uma porcaria, mas é divertido, ou não lhes parece. nós pasmávamos a passar para trás e para diante o livro que trouxera e onde os painéis se viam a cores. não era muito parecido ao salazar aquele sujeito em pé, ali para o lado esquerdo do conjunto, mas tinha um quê do sinistro que podia ser uma reminiscência do ditador. (Ibid., 2011, p.95).

Mais um morador que, assim como o senhor Silva, teve sua história de alguma maneira atravessada pelo salazarismo.

A boa nova era que aos poucos iam descobrindo afinidades e trocando deslumbres: o poeta Almada Negreiros era adorado por ambos, assim como Fernando Pessoa.

O senhor Anísio presenteara os velhos com fragmentos da arte antiga e esses retribuíram com a presença literária do senhor Esteves: eis, pois, que foi descortinada a possibilidade de o velho Silva adentrar em outro campo relacional, cujo ponto de convergência seria a arte.

Luiz Costa Lima, pesquisador das humanidades, no livro "História, Ficção, Literatura" faz uma reflexão que vem ao encontro do que observamos acima. Para ele, [...] ***também o gesto inicial da arte se define por uma postura assumida perante a ilusão. Essa postura pode se aproximar do efeito narcotizante se der a crer que, ante o tempo implacável - que desfaz a beleza, a vitalidade e a esperança próprias à juventude - e a ilimitada maldade humana, só a arte poderia tornar constantes a experiência de paz e regozijo intelectual.*** (2006, p. 149).

"Paz e regozijo intelectual": estados tão necessários para acender o interesse do senhor Silva pela vida e livrá-lo de padrões limitantes.

Capítulo IX Breve como tudo

"O mundo era tão grande que ele estava sentado."
Clarice Lispector

Um ano após ter chegado ao que então chamou de "matadouro", senhor Silva já não gastava sua energia vital na manutenção de posturas e aparências esvaziadas de sentido.

Paulatinamente começou a explorar as possibilidades ainda não descobertas e a olhar para a própria experiência. Aos poucos dava vazão ao seu verdadeiro ser, conseguindo, assim, lidar de maneira menos amarga com a morte de Laura.

Mas ainda tudo doía.

havia passado o primeiro ano e a dor era profunda mas talvez começasse a surgir a tal saudade de que me falara. aquela saudade benigna que já não quer magoar mas celebrar o passado. era verdade que não podia desprezar o passado. entre o turbilhão de dificuldades acabei por resumir a vida em saldo positivo. talvez por isso fosse tão violento ter que aguentar a perda de tanto que se conseguiu. (MÃE, 2011, p.103).

Ao aceitar mais generosamente o tempo, o senhor Silva começava a vislumbrar a possibilidade de encontrar em suas experiências negativas conteúdos relevantes para poder, finalmente, fazer um balanço de sua vida.

Foi somente depois de um ano que o viúvo de Laura conseguiu ir ao cemitério visitar o túmulo da esposa e, só então, racionalizou esse evento.

mas foi para mim estranho constatar isso. que a laura sepultada era exatamente igual aos que por ali abundavam. (Ibid., 2011, p.103).

Encerrava-se assim um ciclo na vida do senhor Silva. A lembrança da exuberância contagiosa de Laura não despertava mais a sensação de [...] ***"uma injustiça talvez para o que fora em vida."*** (Ibid., 2011, p.103).

Liberto, assim sentia-se preparado para refletir sobre sua trajetória de um ponto de vista mais profundo e menos duro consigo mesmo.

Emocionalmente fortalecido, desejou abrir-se verdadeiramente para Américo, o outro com quem vinha construindo uma história com afetos muito parecidos com os que já, de muito, conhecia.

E foi justamente nesse ponto que senhor Silva definitivamente sentiu-se pronto para deixar seu lugar de *ser cuidado*, para *cuidar*.

talvez fosse pretensioso de minha parte meter-me nessas questões, porque também compreendia que ele era um profissional e havia que se proteger, mas era certo que ele ia sabendo de todos. os nossos males e poucos desejos, sabia como nos custavam os dias, e nós não sabíamos nada dele. descontávamo-nos largamente de seu rol de amigos quando o contávamos decisivamente no nosso. ele sorria apenas, com ligeireza e sem querer tomar o assunto nas mãos. (Ibid., 2011, p.104).

O senhor Silva já havia conseguido compreender o papel de Américo e a complexidade que envolvia a relação utente/cuidador.

Lembremo-nos de que já no início da estadia no Lar da Feliz Idade, o senhor Silva sente-se genuinamente acolhido por Américo, que não era enfermeiro, mas tinha o "dom" de acolher e cuidar. Compaixão. Pesar que em nós despertam a infelicidade, a dor, o mal de outrem. Américo tinha compaixão pelo senhor Silva e por todos que cuidava. No decorrer da narrativa o encontramos envolvido em diversas situações delicadas, sem nunca afrontar os velhos, e sempre se impondo com a firmeza necessária para transmitir a todos a segurança delicada da qual careciam.

Como todos aqueles que escolhem como profissão o *cuidar do outro*, ele desenvolvera mecanismos psíquicos de defesa próprios para sobreviver com equilíbrio a situações que implicavam sofrimento, medo e tristeza.

sabes, rapaz, nós estamos para aqui metidos como animais domésticos, limitados e cheios de necessidade e cuidados, é verdade, e somos de facto parecidos com miúdos, porque vamos ficando atrapalhados das ideias, muito cansados para seguir com as coisas todas, e confundimo-nos constantemente, fazendo asneiras que não se esperam de adultos, mas somos, sobretudo quando estamos sossegadamente sentados, adultos, e metemos cá dentro da cabeça uma experiência de uma vida inteira que já viu de tanta coisa. às vezes, avançando já a parte da senilidade a que vamos sucumbindo, podias aproveitar um pouco mais a nossa amizade, porque

estamos a anos-luz da tua idade, mas temos um passado que é genericamente o teu presente e o teu futuro. (Ibid., 2011, p.104).

O senhor Silva parece ter desejado construir um caminho seguro para essa aproximação.

Detenhamo-nos primeiramente na necessidade que teve de explicar os velhos se utilizando de uma analogia a animais domésticos e crianças. Embutidas de significados que nos remetem a fragilidade e doçura, as imagens trazidas garantiram uma recepção empática.

Gonçalo M. Tavares, ao refletir sobre ideias e caminhos, afirma que [...] ***Wittgenstein chama ainda a atenção para o facto de que explicar remete para certo encantamento, o encantamento de ligar as coisas que antes não estavam ligadas. Ficamos maravilhados com as explicações precisamente porque são ligações.*** (2013, p. 67).

Portanto, podemos presumir que o senhor Silva assumiu com certo conforto as características delineadas na sua fala. E mais: não foi uma escolha ingênua, pois sabia que a ligação que construíra através da linguagem/imagem trazia em seu bojo o poder de sensibilizar Américo.

Tampouco nos parece aleatório o fato de ter formulado a imagem dos velhos experientes, colocando-os sentados. Tal posição é capaz de nos remeter imediatamente ao universo dos velhos sábios líderes tribais, patriarcas de clãs orientais, doutos veneráveis: lugares de forte e desejada marcação identitária.

Paradoxalmente, a menção à senilidade aparece nesse quadro como marca de uma lucidez construída a partir da auto-observação e a da observação de seus iguais. Aqui, podemos perceber o senhor Silva reagindo de maneira construtiva, afastando-se assim de seus medos e aceitando olhar de frente para aquilo que o curso da vida lhe apresentava.

ele sorriu e não disse nada. era um rapaz solteiro, sem amores, como se tivesse sido perdido por alguém que não o sabia voltar a encontrar. (MÃE, 2011, p.104).

O passado já era visto como um patrimônio valioso a ser compartilhado, mas, naquele momento, Américo ainda não estava pronto para dividir seu presente e seu futuro com o senhor Silva.

Tudo era uma questão de tempo.

preparem-se sofredores do mundo, o tempo não é linear. o tempo vicia-se em ciclos que obedecem a lógicas distintas e que vão se sucedendo uns aos outros repondo o sofredor, e qualquer outro indivíduo, novamente num certo ponto de partida. (Ibid., 2011, p.105).

A nossa vida parece caminhar em linha reta. Comumente pensamos que vivemos uma sequencia de momentos unidos por um fio. Mas essa linha não é contínua, pois temos espaços em certos pontos onde tudo pode recomeçar.

Ao envelhecermos – mais um recomeço – nos damos conta de como passamos a perceber as coisas de maneira diferente do ciclo anterior e vivemos nossas experiências de novas maneiras.

O senhor Silva considerava-nos, todos viajantes desse túnel do tempo, sofredores. E nos explica o porquê fazendo de seu sofrer, poesia.

é fácil de entender. quando queremos que o tempo nos faça fugir de alguma coisa, de um acontecimento, inicialmente contamos os dias, às vezes até as horas, e depois chegam as semanas triunfais e os largos meses e depois os didáticos anos. mas para chegarmos aí temos de sentir o tempo também de outro modo. perdemos alguém, e temos de superar o primeiro inverno a sós, e a primeira primavera e depois o primeiro verão, e o primeiro outono. e dentro disso, é preciso que superemos os nossos aniversários, tudo quanto dá direito a parabéns a você, as datas da relação, o natal, a mudança dos anos, até a época dos morangos, o magusto, as chuvas de molha-tolos, o primeiro passo de um neto, o regresso de um satélite à terra, a queda de mais um avião, as notícias sobre o brasil, enfim, tudo. e também é preciso superar a primeira saída de carro a sós. o primeiro telefonema que não pode ser feito para aquela pessoa. a primeira viagem que fazemos sem a sua companhia. os lençóis que mudamos pela primeira vez. as janelas que abrimos. a sopa que preparamos para comermos sem mais ninguém. o telejornal que já não comentamos. um livro que se lê em absoluto silêncio. (Ibid., 2011, p.105).

A passagem do senhor Silva para esse estágio foi abrupta e doída demais; as mudanças o confundiram e, amedrontado, refugiou-se na raiva.

Refugiado na raiva refletia sobre as vitórias conquistadas ao ultrapassar cada evento relatado, e concluía admitindo o poder do tempo.

o tempo guarda cápsulas indestrutíveis porque, por mais dias que se sucedam, sempre chegamos a um ponto onde voltamos atrás, a um início qualquer, para fazer pela primeira vez alguma coisa que nos vai dilacerar impiedosamente porque nessa cápsula se injeta também a nitidez do quanto amávamos quem perdemos. (Ibid., 2011, p.106).

Cápsulas indestrutíveis! Lirismo merecido para a evocação das lembranças que às vezes nos socorrem, outras nos atiram nas trincheiras de uma guerra vã contra o tempo.

Tomado por pensamentos que o remetiam à perda do objeto de seu amor e ao paradoxal poder do tempo que faz tudo esmaecer e tudo reviver, o senhor Silva decidiu apostar em um novo ciclo no que dizia respeito à desastrosa e quase fatal tentativa de aproximação à dona Marta.

Depois de recuperada do episódio em que foi atacada pelo senhor Silva, apagara de sua memória tudo o que poderia levar à autoria do ataque e seguia combalida pelos salões do Lar da Feliz Idade. Mas, ainda reagia à presença do carteiro: tinha esperança de receber uma carta do marido que a institucionalizara e desaparecera.

o carteiro entregou ao américo um molho de cartas onde estava a aquela que eu falsificara cuidadosamente para dona marta. levei umas horas a redigir aquela carta. não porque fosse longa, que não era, era breve como tudo, mas porque era importante que dissesse algo bem pensado, algo para lhe fazer um agrado, uma carta segura com garantias de fornecer alegria à velha calada. (Ibid., 2011, p.106).

Foi o que bastou para dona Marta lembrar-se do que, no íntimo, nunca tinha se esquecido: fora ele, o velho Silva, quem a atacou. No momento do rompante revelador, dona Leopoldina, a outra velha, também desembestou a gritar e a histeria tomou conta do lugar.

a dona marta que não parava de se abanar, incerta das ideias ainda mais do que do corpo, agarrara-se a carta e juntava-a ao coração como se comesse pelo peito uma dor e uma felicidade infinitas ao mesmo tempo. (Ibid., 2011, p.107).

Nem o tempo conseguira apagar a saudade que maltratava o senhor Silva e mantinha dona Marta viva.

Capítulo X Pia Fraus

"O que é feito por amor, ocorre sempre além do bem e do mal."

Friedrich Nietzsche.

Foi um choque para o senhor Silva ter seu segredo revelado quando pretendia justamente redimir-se de seu momentâneo desatino através do envio de cartas amorosas para dona Marta.

Além de sua vergonha frente à velha, teve que se haver com os amigos que, constrangidos, foram lhe prestar solidariedade. O primeiro a aparecer, para surpresa do velho Silva, foi Cristiano Silva, o "papagaio falante".

mas naquele dia foi ele quem me procurou no quarto e me disse que há um lado errado em todos nós. não há o que fazer. existe e manifesta-se de vez em quando. (MÃE, 2011, p. 111).

A observação do mais jovem morador do Lar da Feliz Idade deixava clara a sua incapacidade de perceber que o ato praticado pelo senhor Silva estava longe de se tratar de algo errado, e era na verdade a manifestação de um processo psíquico mais complexo e não percebido pelo grupo como tal.

Compelido a falar sobre o que aconteceu naquela madrugada fatídica, o senhor Silva resgata a lembrança do esforço que fazia para sentir-se satisfeito e mesmo assim era invadido pelo medo em forma de abutres e corvos.

Com a chegada do senhor Pereira, seguiu-se a narrativa da aflição causadora do ataque à dona Marta. Aqui devemos nos ater a um pequeno, porém importante detalhe relatado. ***precisava de lhe dizer alguma coisa, já nem sei bem o quê.*** (Ibid., 2011, p.112).

Era sobre o amor que o senhor Silva queria conversar com dona Marta e, no entanto, pressionado pela exposição de sua perturbação, "esqueceu-se"! Tal mecanismo é em seguida "explicado" por ele.

a vida aqui é mais complicada do que simples.[...] na verdade a vida é sempre mais complicada do que simples, pense só na máquina que é o corpo e como opera noite e dia para lhe permitir estas aventuras todas [...].(Ibid., 2011, p.112).

Ao nomear de aventura o que havia sucedido, percebemos que o senhor Silva tem a clareza de que se tratava de algo fora da expectativa dos acontecimentos minimamente previsíveis e manejáveis.

A complexidade por ele atribuída à vida parece estar justamente no fato de não saber exatamente como enquadrar a experiência vivida e, portanto, o incômodo sentido potencializou-se.

Dona Marta, por sua vez, teve de se haver com um fato que a tirou de um lugar emocional conhecido, qual seja o de quem espera: a carta recebida funcionou como uma chave que abriu a porta do cômodo onde estavam escondidos todos os seus pensamentos.

Gonçalo M. Tavares nos diz que ***"o mundo do pensamento pode-se separar tanto do outro mundo que algo se quebra."*** (2013, p. 289). Algo havia realmente se quebrado dentro de dona Marta, e aos apelos do doutor Bernardo para que aproveitasse a estada no asilo respondeu com a crueza de quem vive na pele os limites de uma vida institucionalizada.

e ela subitamente parou. ficou como perplexa encarando o médico. tinha o envelope já aberto numa mão, a carta na outra, e fixava ainda o rosto do doutor bernardo. depois disse, a gente aqui não aproveita nada. eu tenho de pensar na minha casa e como deve estar bonita como sempre esteve, porque se pensar no que é estar aqui ponho o corpo no chão e digo-lhe para morrer. *(*MÃE, 2011, p. 112).

Américo testemunhou a conversa travada na sala do doutor Bernardo e foi contar para o senhor Silva que ele não seria acusado de nada. Longe de ser um emissário do mal, tentava assim amainar os sentimentos do velho, que, perplexo com a atitude do cuidador, desejou saber a razão dessa atitude.

porque mo vieste dizer, américo. e ele deitou os olhos para o chão, ficou por ali atrapalhado com dificuldade em fitar-me e não respondia. havia algo a responder que ele guardava para si. depois disse-me apenas que lhe parecera assim. era como

uma vontade, mais do que um dever. talvez. e eu completei, talvez uma amizade. (Ibid., 2011, p. 113).

Era como estivessem acontecendo ciclos menores dentro de um grande ciclo, qual seja, a viuvez e a vida institucionalizada. A experiência de conectar-se amorosamente com aqueles a quem se elege amigo era a prova inequívoca de que essa dinâmica poderia também representar aberturas para novas possibilidades.

E ao final, o Silva da Europa acabou refletindo sobre a velhice.

quando dizemos que antigamente é que era bom estamos só a ter saudades, queremos na verdade dizer que antigamente éramos novos, reconhecíamos o mundo como nosso e não tínhamos dores de costas nem reumatismo. é uma saudade de nós próprios e não exatamente do regime e menos ainda do salazar [...] sobretudo temos saudades, porque somos velhos e quando novos a robustez e a esperança curavam-nos de muita coisa [...] (Ibid., 2011, p. 117).

Embora fosse o mais novo do grupo, a ideia de limitação permeava o raciocínio do Silva da Europa e estava assentada sobre o redutor binômio "saúde *versus* doença". Ou estamos doentes ou estamos saudáveis: não existe nesse raciocínio o meio-termo, a possibilidade de transitarmos vitalmente pelas duas esferas.

Importante lembrar que o Silva da Europa era um trabalhador da área da saúde e, portanto, forjado pelos moldes aos quais têm se oposto os profissionais com entendimentos e práticas que vão na contramão dessa lógica.

Silvana Tótora, refletindo sobre "a grande saúde do corpo", afirma que: ***[...] "Nietzsche compreende o corpo no sentido ampliado de uma pluralidade de relações de afetos e forças. Assim o estado doentio, para ele, abrange as dores e os sofrimentos advindos do pessimismo que cresce na proporção da diminuição da potência para enfrentá-los".*** (2015, p. 115).

À luz dessa reflexão podemos entender a razão pela qual a conversa dos velhos sobre saúde esbarra na questão política.

A experiência do Salazarismo, como afirmamos anteriormente, conferiu aos portugueses marcas indeléveis em suas vidas: foram atravessados pelo que Nietzsche chamou de afetos tristes.

Ao olhar para trás, atribuem a capacidade de terem sobrevivido ao regime ao fato de, na época, serem jovens e, portanto, "saudáveis".

Porém, nos parece que a construção dessa lógica está invertida: eram saudáveis porque foram capazes de ***"intensificar seus sentimentos de potência"*** (TÓTORA, 2015, p.114) e essa capacidade pode ser acionada em qualquer fase de nossas vidas, em qualquer idade. Portanto, a relação estabelecida de forma direta entre saúde e idade deve ser pensada como saúde e potência de vida.

quem fomos há de sempre estar contido em quem somos, por mais que mudemos ou aprendamos coisas novas. (MÃE, 2011, p. 117).

Assim Valter Hugo Mãe sintetiza a discussão: a potência de vida está dentro de nós sempre, pronta para ser acionada. Só depende de nosso desejo. Como que, inevitavelmente, a conversa rumou para assuntos que se misturavam com o campo tratado anteriormente, surgindo como possíveis respostas ao que não se pode responder ser respondido: fé, Deus e religião.

Em meio às tentativas de animar o amigo, o senhor Anísio apostou no discurso religioso atentando para o fato de que "distinguia muito bem a Igreja e a fé"***;*** o Silva da Europa refutou a colocação e afirmou preferir ser um comunista a acreditar que Deus existia, e, encerrando a discussão, o senhor Silva acaba por professar sua fé na vida.

ficámos em silêncio por uns momentos, com deus ou sem deus, debaixo do milagre da luz que nos tratava tão bem quanto às plantas. sorri sozinho. era uma abundante refeição de luz. (Ibid., 2011, p. 117).

Quatro velhos tentando encaixar a experiência do senhor Silva dentro de moldes rígidos e amortecidos.

O desejo dos quatro de expandir suas perspectivas de vida através de indagações profundas ia dissolvendo suas visões de mundo.

[...] pus-me a fazer contas para trás e a ver coisas. concluí também que a maior parte daquilo em que acreditamos nos dá medo e isso levamos a ficar de boca fechada.[...]éramos por igual todos cidadãos da mesma coisa. a andar para frente com os instintos de sobrevivência a posto como antenas. eis a missão certa, a propaganda que não podíamos dispensar, sobreviver, segurarmo-nos, e aos nossos,

abrir caminho até morte adentro. essa é que era a essência possível da felicidade. aguentar enquanto desse. (Ibid., 2011, p. 118).

O senhor Silva ainda aguentaria muita vida pela frente, sem medo e boquiaberto.

Capítulo XI Como se estivéssemos para morrer

"Somos todos quem nos supusemos."

Álvaro de Campos.

Os velhos do Lar da Feliz Idade já tinham se esquecido do incêndio do andar superior quando os inspetores judiciários apareceram com mais perguntas. Afinal, ***"a morte de três pessoas, mesmo que apenas corpos à espera de nada, ainda era coisa séria."*** (MÃE, 2011, p. 121).

O senhor Silva, que acabara de refletir sobre o medo nos fazer ficar de boca fechada, sentiu na pele as implicações de abrir a boca.

Por conta de ter, um ano antes, comentado com o investigador que já não havia mais lugar para velhos, foi procurado para confirmar o que dissera.

e ele encarou-me especificamente a mim, e continuou, o senhor tinha-me dito alguma coisa, já não me lembro o que foi. e eu abri a boca como espantado, e ele insistiu, o senhor veio falar conosco e disse-nos algo, não se lembra. o outro agente aproximou-se e pôs-se do lado dele à espera que eu respondesse algo e eu nada. apenas a boca aberta sem nenhuma palavra.[...] segundo agente afastou o primeiro do nosso pé e ouvi-o comentar, são velhos, já não dizem nada de jeito, deixe-os estar quietos. [...]. (Ibid., 2011, p. 121).

O senhor Silva apropriou-se de todos os estereótipos de um velho caquético para livrar-se do assédio dos investigadores e, principalmente, de seu medo.

Por sua vez, os investigadores aceitaram sem nenhuma restrição esse comportamento abobalhado do senhor Silva, pois o mesmo coube perfeitamente no entendimento que tinham sobre um velho morador de asilo.

Poderíamos sintetizar o ocorrido da seguinte forma: não falar não significou que o senhor Silva não tivesse o que ser dito. Já não ouvir significou que os investigadores não conseguiram escutar o silêncio do velho Silva, presos que estavam a uma ideia preconcebida sobre a velhice.

Assentada inclusive no imaginário dos próprios velhos, a noção de velhos confusos das ideias se fez presente também na observação do senhor Anísio que ainda conferiu à estratégia o valor de colocá-los em um lugar de pseudo segurança.

o anísio sorriu e acrescentou, para alguma coisa serve estarmos velhos, fazemo-nos de tontos e não podem mais nada. (Ibid., 2011, p. 121).

Em um procedimento consentâneo com todas as observações construídas acima pelos velhos, eis que o médico da instituição, ao conversar com os policiais, ratifica o discurso vigente de que velhos são seres à beira da incapacidade.

e eles de um lado para o outro a verem se o doutor bernardo era capaz de conseguir uma conversa razoável com os utentes do lar. ele dizia que já tinha passado muito tempo e que as pessoas ali eram esquecidas pela idade e era natural que fossem esquecendo mais ainda. (Ibid., 2011, p. 122).

Mas a percepção de que: **[...] "*era certo que o feliz idade tinha interesse em despachar aqueles que morreram já só ligados às máquinas e a comerem por agulhas".*** (Ibid., 2011, p. 122), crescia entre os velhos e os impregnava com o medo de terem, do dia para a noite, o mesmo fim que os três velhos vítimas do incêndio.

Nessa "economia da senescência" da instituição asilar, o rodízio que se praticava entre os velhos no que dizia respeito ao perfil das acomodações disponíveis era visto com muita reserva e apreensão pelos utentes. A partir de uma lógica própria a uma instituição fechada, os espaços mais saudáveis e humanizados eram disponibilizados para aqueles que, segundo critérios médicos, poderiam usufruir plenamente dessa condição.

Para aqueles considerados pacientes sem condições de interação e necessitados de atendimento ambulatorial, seriam destinados quartos no andar superior, sem vista para o jardim: vista que, ironicamente, era do cemitério.

Foi lá que puseram o velho Esteves sem metafísica, às vésperas de completar cem anos.

puseram-no num quarto no andar de cima, com vista para os mortos e na companhia de um vegetal dos grandes. era o senhor medeiros, coitado, uma relíquia do lar que se metera silêncio adentro fazia séculos e não se sabia se podia pensar, todo o dia, todos os dias, deitado sobre o ombro esquerdo, os olhos parados na porta

de entrada como se quisesse ir ver o lado de lá e mais rigorosamente coisa nenhuma. nós fomos ver como era aquilo e entendemos a diferença entre quem, como nós, ainda habitava os quartos do jardim, e aquela gente ali posta no fim. (Ibid., 2011, p. 123).

O mistério que permeia uma vida mantida à custa de medicação e procedimentos médicos capazes de prolongar *ad infinitum* a vida fora escancarado pelos velhos.

O velho moribundo Medeiros era a imagem do medo do mais novo companheiro de quarto, o senhor Esteves.

Américo, que os acompanhava na visita, afirmava que o senhor Medeiros não significava nenhum assombro, pois estava "descerebrado". Mas o senhor Esteves percebia o quadro de outra maneira.

a intensidade de seu olhar era de tal modo que eu sabia que fazia um esforço para me dizer algo.[...] a mim parecia que estava encurralado ali dentro, sem movimento nem voz, a descontar o tempo da pior maneira, lentamente. era demasiado lento, era impossível que não sofresse e não amargurasse pela raiva do destino e até pela sede de vingança. [...]. (Ibid., 2011, p. 123).

Gonçalo M. Tavares nos ajuda a situar a percepção do velho Esteves ao afirmar que: ***[...] "o menos e o mais não se relacionam unicamente com a qualidade, mas com uma mudança: ver ou ouvir menos não é ver e ouvir pior, mas sim mudar a forma de ouvir; mudar a maneira de receber".*** (2013, p. 444).

Portanto, o senhor Esteves teve que se haver repentinamente com duas situações que potencialmente o abalariam: a ida para o andar superior e a companhia do moribundo Medeiros.

Sobre quadros como esse, Norbert Elias pondera não estar seguro de: ***[...] "até que ponto os próprios médicos sabem que as relações de uma pessoa com as outras têm uma influência co-determinante tanto na gênese dos sintomas patológicos quanto no curso tomado pela doença."*** (2001, p. 103).

O tempo se incumbiria de responder a pergunta levantada por Norbert Elias. Até lá o Esteves sem metafísica seguiria perplexo com seu destino, aviltado pelo fato de comemorar seu centésimo aniversário na ala dos moribundos sem nem de longe sentir-

se como tal. Ele seguiria fortalecendo-se com a presença dos amigos que não se furtaram a comemorar seus cem anos com bolo e cantoria.

era importante que sentisse que ainda havia por ali muito carinho por si, que muitos de nós o queríamos para lá das conversas tolas[...] e começaram todos a barafustar e o esteves não sabia muito bem o que dizer. estava à espera que dispersassem para partir o bolo e refazer-se da surpresa. ó amigo esteves, dizia-lhe o senhor pereira, então achava que não lhe fazíamos uma festa. você não parece conhecer os amigos que tem. (MÃE, 2011, p. 127).

Era o amigo que chegara sem metafísica à quarta idade. Era o homem que fez um pacto com a imaginação e por isso resistia bravamente à ideia do declínio e da solidão.

Capítulo XII Como se nada fosse

"A noite passada uma voz murmurou ao meu ouvido:

"Uma voz que murmura ao seu ouvido não existe".

Jean Claude Carrière.

O senhor Silva tinha uma história para contar e escolheu o Silva da Europa para ser o seu interlocutor. Era a história do dia em que não se apequenou frente à urgência de um jovem fugitivo da polícia de Salazar. A história que o colocava ao lado daqueles que resistiram ao regime:

uma década antes e eu não teria tido coragem para aquilo. teria sido transparente de mais e nunca esconderia o valor inteiro de uma pessoa. era demasiado para que eu, tão frágil de tudo e sempre desprotegido, o pudesse avaliar. dentro da minha barbearia, zelando pela sua mas agora também pela minha sorte, ficara o homem em fuga. um homem muito mais jovem do que eu , ao contrário de ter se habituado á ditadura, andava a miná-la como sabia, tirando brechas aqui e acolá para que ao menos se soubesse que o povo gangrenava descontente. (MÃE, 2011, p. 132).

Voltamos, assim, à ideia desenvolvida anteriormente sobre os ciclos de nossas vidas. De alguma maneira, o senhor Silva conectou o momento que desejou relatar aos acontecimentos recentes por ele protagonizados no Lar da Feliz Idade.

estávamos havia algumas horas a conversar sobre acolher e proteger alguém. [...] e depois eu lembrara-me de como escondera o jovem estudante que me pôs a ferver contra o regime. (Ibid., 2011, p. 139).

Acolher e proteger.

Àquela altura, o senhor Silva já se sentia acolhido no seu novo lar, já tinha construído vínculos sólidos com outros velhos, aprendido a entender como Américo manifestava o seu gostar, se arrependido de algumas atitudes e, a saber, desculpar-se... Maneiras de ser que se formularam a partir dessa nova experiência de vida.

O senhor Silva não deixava de se surpreender com as novas possibilidades de sentir e ter respeito por todos da dinâmica do seu tempo particular de se deixar afetar pelas novas emoções que estava a experimentar.

É bom lembrar que, quando os filhos decidiram institucionalizá-lo, a faceta de pai protetor – marca substancial de sua personalidade –, foi-lhe como que roubada, e de chofre viu-se tolhido no uso do arsenal emocional fundante de sua trajetória de vida.

entrei em casa como se nada fosse e não disse palavra laura sobre o assunto. o seu coração humano entenderia talvez o gesto, mas os filhos já dispostos à mesa, tão pequenos e a exigir segurança e sustento, davam-lhe medos e prudências para tudo. preferiria, tenho a certeza, de que nunca nos arriscássemos a nada. era o modo que tinha de fazer a sua parte pelo mundo. não bulir com coisa alguma. não arranjar nem querer confusões. por isso não gostava que eu discutisse com ela as coisas da política. queria que a política não fosse um assunto lá de casa. (Ibid., 2011, p. 139).

Eis uma reflexão do senhor Silva que deve ser observada com parcimônia. Consideremos que há apenas cinco anos o casal tinha passado por um evento traumático, qual seja, o aborto do primeiro filho. Viviam naquele momento como que a realização do projeto de família que haviam planejado. Podemos assim inferir que qualquer ideia que os fizesse vislumbrar um sinal de perigo seria de pronto evitada.

Ao admitirmos que senhor Silva seria devotado ao seu papel de protetor da estabilidade e da segurança da família, faz todo o sentido que ele tenha se apavorado com a possibilidade de seu gesto causar um transtorno considerável à ordem familiar estabelecida.

Porém, inferir que Laura desaprovaria a atitude antes de tudo essencialmente solidária para com o jovem fugitivo, nos parece uma tentativa de camuflar conteúdos latentes da história.

mas ao menos uma vez, ao menos ali, pudesse eu estar para além da merda de homem amorfo que fora e superar as minhas expectativas. (Ibid., 2011, p. 134).

Laura nunca soube que o marido posicionou-se finalmente contra o regime que, no limite, os havia enganado, deixando-os a mercê da sorte quando mais precisavam do aparato de um Estado que supostamente zelava pelos seus "filhinhos". Nunca soube que o homem com quem viveria por décadas sonhava com o final do regime e com a

possibilidade de um país onde seus filhos vivessem com liberdade e dignidade. Nunca soube do medo que desde sempre acompanhara o seu amado António Jorge da Silva.

eu deixava que a sociedade fosse apodrecendo sob aquele tecido de famílias de bem, um mar imenso de famílias de aparências, todas numa lavagem cerebral social que lhe punha o mundo diante dos olhos sublinhado a lápis azul, para melhor vermos o que queriam que apreciássemos. (Ibid., 2011, p. 133).

E o regime queria que os portugueses apreciassem Salazar, o futebol, a Igreja, o bom vinho e o fado. Ah! Amália Rodrigues [...] ***"a maior voz da desgraça e do engano dos portugueses."*** (Ibid., 2011, p. 134).

divirtam-se gentes da minha terra, não é desgraça ser pobre, punha-se amália a dizer, e que numa casa portuguesa há pão e vinho e um conforto pobrezinho e fartura de carinho. (Ibid., 2011, p. 134).

Atentemos para o fato de que o senhor Silva acabou perdoando Amália Rodrigues por ter emprestado a voz e o talento monumental ao salazarismo. Ele parece ter encontrado pontos em comum entre eles, portugueses de boa índole, que apesar e além de toda a subserviência civil, sobreviveram: ela, que com seu fado encantou os portugueses reprimidos pelo regime; ele, como um homem "acarneirado" cujo ato de coragem o fez ser visto pelo jovem que escondeu, assim:

foi a primeira vez que, num certo sentido me chamaram de um bom fascista. ou mais correctamente, me chamaram de bom homem que, por acaso, seria fascista. (Ibid., 2011, p. 136).

Bom homem e bom amigo, pois foi a ele que o centenário Esteves recorreu quando se sentiu tomado pelo horror que a noite trouxera e tomara forma no corpo inerte do senhor Medeiros.

o medeiros hoje, a ganir, dizia, morre filho da puta, morre filho da puta. senhor silva, o medeiros falou a gemer, falou certinho, filho da puta, vais morrer filho da puta, morre e durante um bocado não se calou com isto. não se cala. [...]o homem geme mais do que nunca e eu estou a ter visões. fico a achar que existem máquinas que nos tiram a metafísica, senhor silva. [...] parece que me vão tirar a metafísica para me enterrarem depois correspondendo ao poema, entende. (Ibid., 2011, p. 138).

Frente às visões que tinha, assustou-se sobremaneira com a máquina que lhe roubaria sua metafísica. Frente aos tempos finais de sua vida, sim, admitiu ter metafísica! Admitiu, assim, que ter passado a vida carregando uma ausência tão grande era insuportável. Admitiu que o verdadeiro Esteves escondeu-se atrás dessa ausência e que não, não poderia aceitar esvaziar-se daquilo que era ele essencialmente – daquilo que podemos fugir por cem anos, mas num momento da mais pura lucidez, encontramos: nós mesmos.

e eu começo a ficar atordoado e sem pensamento e assim é mais fácil. (Ibid., 2011, p. 139).

Gonçalo M. Tavares, ao trabalhar com noções de racionalidade e limites, constrói um fragmento do *Atlas do Corpo e da Imaginação* chamado "desamarrados de tudo". Nesse trecho encontramos uma reflexão muito pertinente à fala selecionada acima, na qual o velho Esteves afirma ter ficado sem pensamento. Gonçalo pondera que [...] ***"o mundo do pensamento pode separar-se tanto do outro mundo que algo se quebra. Os raciocínios ficam sós. Como uma criança que se perdeu do seu amigo (o mundo exterior) – não do seu pai – quando reencontra já não o reconhece."*** (2013, p. 28).

Uma cisão parecia ter se estabelecido. O Esteves sem metafísica era ao final um velho a experimentar emoções contundentes na mais profunda solidão. Por isso foi à procura de amparo. Foi à procura do Senhor Silva, que, momentaneamente, percebeu-se alguém capaz de proteger.

Com uma imagem que remete à infância, dois velhos homens tentam resistir aos seus mais profundos medos.

subitamente ficou quieto, silenciado, como se tivesse vindo pedir colo à mãe, ao pai, como se fosse criança e tivesse medo do escuro. (MÃE, 2011, p. 139).

Assim, dormiram juntos, na mesma cama, envoltos pela mesma escuridão do desconhecido que permeava suas aflições.

o esteves tinha feito cem anos e amanhecera a rir. fernando pessoa não faria melhor por ele. eu e o américo estávamos extasiados com a maravilha daquele acontecimento. sim , acontecem coisas mirabolantes neste mundo, a imaginação da realidade é delirante. é maravilhosamente delirante. (Ibid., 2011, p. 139).

Mais uma vez é Gonçalo M. Tavares que ampliará nosso entendimento quanto à percepção do senhor Silva sobre a imaginação ao refletir que [...] ***"a ficção e a imaginação curam."*** (2013, p. 320).

Curaram, ao menos por uma noite, os medos e assombros de dois Silvas envoltos em muita metafísica.

Mas para a morte não há cura.

Capítulo XIII De onde tudo vem e onde tudo acaba

"Antigamente sabia-se [...] que se trazia a morte dentro de si, como o fruto o caroço."

Rainer Maria Rilke.

O senhor Silva tinha reconhecido em João Esteves um porto seguro para ancorar a necessidade que tinha de encontrar algum sentido dentro do universo em que havia sido colocado. No amigo sem metafísica depositou a poesia de uma vida inteira e permitiu-se usufruir a liberdade que o tempo lhe conferia: imaginar.

Gonçalo M. Tavares pondera que: ***[...] "A imaginação não é assim um ver correcto, pelo contrário: é um ver errado, um ver que distorce, um interpretar que falha"***. (2013, p.383).

Nesse sentido, no velho Esteves o senhor Silva encontrou a possibilidade de continuar a acessar sua potência criativa, sua capacidade de fabular, de se sensibilizar com os conteúdos implícitos na construção assimilada de que o amigo era um personagem real de Fernando Pessoa.

o senhor sabe que aquele homem é alguns dos melhores versos de fernando pessoa. aquele homem é a nossa poesia problematizada. a longevidade dele foi uma demorada marcha contra a derrota. (MÃE, 2011, p. 143).

Dividir com aquele que acreditava ser uma lenda viva da poesia portuguesa sua cama, lugar síntese de nossa intimidade, foi, portanto uma experiência repleta de significados positivos que, em última análise, conferiram ao senhor Silva alegria, orgulho e, ainda, o retorno à experiência que lhe era tão cara, qual seja, de ser aquele que protege e acolhe.

Ainda em êxtase do que havia vivido na madrugada anterior que o senhor Silva soube que o amigo havia morrido.

a morte do joão esteves, glorioso esteves cheio de metafísica, foi um duro golpe. o doutor bernardo disse que morreu feliz. encostara-se a conversar com ele no

gabinete, muito descontraído a contar-lhe os sonhos palermas da noite anterior, e subitamente hesitou numa frase e já estava morto. (Ibid., 2011, p. 143).

Como um golpe. Assim a morte do velho Esteves foi percebida pelo senhor Silva. Ele que há tão pouco havia começado a encontrar nos moradores do Lar da Feliz Idade possibilidades de trocar a solidão que sentia pelo convívio amistoso, via-se às voltas, mais uma vez, com a morte.

Com a morte de Laura, morrera o amor; com a morte de João Esteves, a poesia.

ficávamos pobres de fantasia. perdia-se o elemento da fabulação maior do feliz idade. a partir de então seríamos mais velhos a entrar na senilidade. uns babões sem interesse nem valor especial, apenas um amontoado de ossos moles que ia aguentando o tempo sem nenhuma glória particular. (Ibid., 2011, p. 144).

Atentemos para a metáfora escolhida pelo senhor Silva – ossos moles – para dizer dos velhos utentes que, com a morte de Esteves, seriam privados da convivência com alguém nobre e que, de alguma maneira, engrandecia a todos.

Se pensarmos que são os ossos que dão sustentação ao nosso corpo, podemos concluir que os mesmos "amolecem" quando perdemos a nossa força vital, e essa força está diretamente conectada ao sentido que colocamos em cada minuto de nossa existência.

Silvana Tótora, pondo em perspectiva a discussão sobre política, corpo e velhice, nos convida a pensar na direção oposta àquela percebida pelo senhor Silva, afirmando que: ***[...] "uma vivência rica de experimentos inusitados não se deixa afetar pelo temor da solidão, por isso é exigente nas companhias e valores adotados. Estar aberto aos afetos não exclui a seleção, pois é do princípio seletivo que se diferencia a força da fraqueza. Tem-se em si mesmo a melhor companhia e também nos amigos que o provocam, mas não se destroem. Eles partilham e festejam com a alegria dos que não excluem o sofrimento e a dor, mas o tomam como estimulantes."*** (2015, p.146).

Como num poema que anunciasse o fim de uma longa e fabulosa história de vida, o senhor Esteves pôs-se a contar ao doutor Bernardo os sonhos aterrorizantes que tivera.

Contou sobre a voz que clamava pela sua morte, do horror de viver no quarto que sabia ser a antessala do seu fim e de como havia encontrado conforto junto ao corpo do amigo Silva.

Todavia, faltou completar um último verso.

pois, e tenho pesadelos destes porque me puseram naqueles quartos lá de cima. eu ainda me levanto, e ir para ali espreitar o cemitério à janela não me agrada. e depois o doutor bernardo respondeu, se calhar a solução é pô-lo mesmo a dormir com o senhor silva todas as noites. e o esteves riu-se, atirou a cabeça para trás a rir e começou a dizer, eu ia adorar, olhe a companhia dele ia me fazer sonhar só com coisas. e não disse mais nada. [...] ficou com um sorriso nos lábios porque nem se apercebeu que, no meio daquilo, o corpo o tinha mandado embora. ficou ali especado, o corpo, sozinho do esteves. o corpo deixou-o sozinho. (MÃE, 2011, p. 144).

Lá ficara o velho Silva a viver então à procura das palavras não ditas pelo amigo e que, ironicamente, poderiam ser os pedaços que faltavam para compreender quem era realmente.

parecia que diria coisas boas, coisas bonitas, calmas, pacíficas, sossegadas, felizes, coisas de alguma espécie. mas já não disse nada. (Ibid., 2011, p. 144).

Sonhos impartilháveis.

João Esteves não conseguia entender o que, afinal, Fernando Pessoa captara em sua alma para elegê-lo personagem central de seu poema Tabacaria. Assim como ele, o senhor Silva jamais saberia como inspirava os sonhos do amigo.

Faltaram as palavras.

Mais um não-dito a acompanhar os dias do senhor Silva.

quem acreditaria em mim agora quando eu dissesse que ali viveu verdadeiramente o esteves sem metafísica da tabacaria do álvaro de campos do fernando pessoa. quem não acharia que eu enlouquecera, se nenhum livro comprovara a existência de tal homem. (Ibid., 2011, p. 144).

Esse drama recorrente da velhice – não ser acreditado, não ser levado a sério – permeia as inquietações do senhor Silva.

Aqui não importa se o objeto de sua preocupação é real ou fruto de um exercício calcado no imaginário sustentado pelos moradores do Lar da Feliz Idade: como se a prova da existência do "Esteves sem metafísica" de Pessoa estivesse assentada na presença de João Esteves no Lar da Feliz Idade, senhor Silva sofre pela perda da prova viva e verdadeira de seu deslumbre.

Ao refletir sobre a linguagem e a experiência, ainda Gonçalo M. Tavares pondera que: ***[...] "não ter palavras para isto que aconteceu é deixar isto que aconteceu fora do mundo: as outras pessoas nada poderão perceber. Não ter palavras para é deixar que esse objeto alvo da nossa mudez saia do mundo (ou nem sequer entre)."*** (2013, p. 175).

Valter Hugo Mãe desenvolve ainda a ideia do livro como resistência de vidas que caminhavam para o apagamento. Ao evocar a ausência de um livro que prove a veracidade dessa existência, parece aludir à ausência de uma escrita de uma vida que, como afirmou certa vez o poeta Manoel de Barros em entrevista: ***"deve ser repleta de visões, pois, a visão vem acompanhada de loucuras, de coisinhas à toa, de fantasias, de peraltagens."***

João Esteves teve tempo de contar sobre as suas visões ao doutor Bernardo, e o conteúdo latente dessa narrativa encerra todos os medos desse velho centenário.

o doutor bernardo veio dizer-me que o esteves se lembrava bem dos pesadelos todos da noite anterior, que estava a rir-se da máquina para roubar a metafísica a um homem e achava que eu era um anjo dele. (MÃE, 2011, p. 143).

Que história de vida terá tido esse homem que precisou incorporar um personagem para justificar em si mesmo a ausência de sutileza e profundidade? Em que medida o encontro com essa *máscara* viabilizou uma velhice com um pouco menos de sobressaltos e longeva?

Considerando que o envelhecimento é um processo que começa desde que nascemos e é repleto de perdas e ganhos, cabe inferir que as respostas para as questões acima podem ser encontradas em diversas fases da vida de João Esteves.

Jack Messy, psicanalista francês, no livro "A Pessoa Idosa Não Existe – Uma abordagem psicanalítica da velhice", afirma que: ***[...] "cada um de nós, no decurso do envelhecimento, portanto durante toda vida, está sujeito à organização de suas***

construções psíquicas, em função das múltiplas aquisições e perdas, de ameaças e de ataques relacionados com vínculos que unem o ego com o objeto". (1993, p.33).

Permeava os pensamentos de Esteves a certeza de que tinha, sim, muita metafísica e que permitia que dela fosse privado para justificar a afirmação poética de que era um homem sem metafísica. Algo como afirmar no fim da vida que atrás da máscara que usava havia uma personalidade, um sujeito escondido.

A visão da máquina que levaria embora sua sensibilidade, portanto, apavorava-o, e o refúgio que encontrou para o seu medo foi estar ao lado do senhor Silva, que ele considerava seu anjo da guarda.

Para os amigos, Esteves tivera sorte, pois morrera rindo-se de seus fantasmas. Para senhor Silva, entretanto, a vida no Lar da Feliz Idade perderá o sentido.

a elisa veio visitar-me nessa altura. percebeu como eu retrocedera no tempo com a morte daquele amigo. a morte, afinal, dizia-lhe eu, vem mesmo de todos os lados e leva-nos tudo, mesmo aquilo a que nos agarramos para lhe fugir. se o tempo não é linear, a morte não é unidirecional, acomete-nos como um círculo fechando. um cerco. o esteves era como uma boia para que eu flutuasse, e agora vou ao fundo, elisa, é tudo muito ingrato. (MÃE, 2011, p. 145).

O senhor Silva, ao conhecer o velho Esteves, havia aberto as portas de seu coração, e agora novamente experimentava a sensação de vulnerabilidade e parecia não ter mais vontade de dar outra chance à vida.

Sentia-se impotente para apreciar e receber apoio da filha e dos amigos, e ia aos poucos "afundando" junto às lembranças de Esteves e Laura.

Por isso dormia.

ultimamente passava tempo mais metido na cama [...] eu fazia esforço. mas depois voltava e enfiava-me debaixo dos cobertores como a sentir mais frio e a não querer manter-me acordado. (Ibid., 2011, p. 146).

Nietzsche, no livro *Aurora*, em que critica os ideais religiosos, morais e metafísicos, nos oferece um aforismo sobre o tema, que, aparentemente nos parece banal, o *dormir muito*.

"Que fazer para se estimular quando se está fatigado e desgostoso consigo próprio? Um recomenda a mesa do jogo, outro o cristianismo, um terceiro a agitação. Mas o melhor, meu caro melancólico, ainda é dormir muito, no sentido próprio e no sentido figurado! Assim se reencontrará a manhã. A habilidade da arte de viver consiste em intercalar no momento oportuno o sono sob todas as formas." (1983, p. 188).

Interessante observar quantas vezes no nosso dia a dia não nos deparamos com velhos que muito dormem e por isso suscitam comentários preocupados dos familiares, ou ainda insinuações jocosas e generalistas.

Refletindo sobre o aforismo acima, não seria dormir uma válvula preciosa de escape para um lugar onde a experiência do tempo é outra, e a possibilidade de um acordar mais leve faz-se presente?

eu sabia bem o que isso era. o que era ultrapassarmos as dores até que os dias, só por si, nos começassem a aparecer valiosos o suficiente. até chegarmos em um momento em que a luz do sol nos parece uma dádiva inestimável e vale a pena viver apenas para fazermos a fotossíntese das tardes, melhor ainda com uma conversa despreocupada com os colegas. (MÃE, 2011, p. 146).

O tempo de dormir passara, mas a angústia de continuar vivendo ainda assombrava o senhor Silva.

olhei a minha filha e perguntei-lhe, como é que tu achas que se convence um velho como eu do valor da vida depois da morte da mãe. como achas que se justifica a vida para alguém depois dos oitenta anos quando perde a mulher que amou e com quem partilhou tudo durante meio século. quarenta e oito anos. (Ibid., 2011, p. 146).

Outra experiência impartilhável permeava a perplexidade de Elisa, que não podia fazer mais do que pedir ao pai que continuasse vivo. Por ela. Pelos filhos dela. E o senhor Silva queria poder conseguir responder assim aos apelos da filha:

eu queria muito que a minha velhice não tivesse de ser a sobrevivente do casal, porque a laura, com o seu modo de resistência, saberia implodir melhor do que eu, mantendo intacta a estrutura exterior, atendendo sem falhas aos apelos quotidianos dos nossos. eu queria ser o lado pragmático do casal. mas eu era o dos poemas, o lado

mais burro e incompetente dos afetos, ainda que aqui e acolá dotado de tanta fantasia e beleza. (Ibid., 2011, p. 147).

Depois de tantos e tantos anos convivendo com a mulher, era assim que o senhor Silva entendia as forças que estavam em jogo nessa relação. De partida, coloca como certa a possibilidade de Laura "resistir" à sua morte, pois, para tanto, ela trazia consigo todos os predicados de ordem prática. Em nenhum momento o velho viúvo pareceu considerar que, sem ele, a esposa poderia deixar o de papel de mantenedora do suposto bom andamento da família e escolher viver outras experiências.

Assim operando esse raciocínio, o senhor Silva armou para si uma armadilha: se, nos capítulos anteriores, ele se gabava de ser o provedor da família, aquele sobre quem recaíam todas as preocupações e decisões de pragmáticas, agora ele passa a se auto intitular a parte afetiva da relação.

Percebemos assim a dificuldade de olhar para trás e conseguir fazer uma avaliação equilibrada do vivido. E tal incapacidade estava longe de ser resolvida.

Elisa manteve-se ao lado do pai até o senhor Silva apresentar melhoras efetivas.

Para ela, a presença do Silva da Europa era tranquilizante.

a elisa há muito trocava umas palavras com o silva da europa e gostava de lhe perguntar por mim e pedir por mim, como faziam os pais às professoras dos seus filhos. (Ibid., 2011, p. 147).

Mais uma vez senhor Silva aproxima a experiência da velhice à das crianças num exercício masoquista, posto que inúmeras vezes ele já havia reiterado que apesar das aparências e do que se ouvia comumente, velhos não são seres sem discernimento que necessitam de cuidados básicos para sobreviverem.

Mas mesmo assim pensando, não conseguia deixar de sentir-se assim tratado pela filha.

Quanto ao Silva da Europa, o senhor Silva alimentava um sentimento dúbio: ao mesmo tempo em que já admitia nutrir por ele certo carinho, aborrecia-se com o fato de ele ter escolhido livremente lá viver.

o silva da europa era tão mais novo que a maioria dos utentes do lar que podia ser um funcionário, alguém útil ali dentro e, no pensamento de elisa, era uma sorte

que tivesse se apegado a mim por amizade, porque poderia contar com ele. e eu observei como ele era mais novo, estaria agora com sessenta e sete anos, era um moço ainda capaz de se pôr em qualquer lugar e em qualquer situação. estar ali seria quase um masoquismo, um profundo mau gosto. (Ibid., 2011, p.147).

Escolher espontaneamente morar em uma instituição de longa permanência pode parecer, para velhos como o senhor Silva, um acinte, quase um desrespeito à vida, já que, para estes, lá estar significa algo parecido com a perda da liberdade, do livre arbítrio.

nunca lhe passou pela cabeça que pode ser cruel demais para si ficar aqui ano após ano a ver-nos morrer, até que cheguem os outros e provavelmente morram igualmente antes de si. ele ficou calado um minuto. depois disse, o colega silva está a esquecer-se de que trabalhei a vida inteira num hospital, já vi de tudo para se matar uma pessoa. eu sei que as pessoas morrem, caro amigo, eu sei o que é isso. (Ibid., 2011, p. 147).

A história de vida do Silva da Europa explicava a sua relação com a morte. Aos sessenta e sete anos já havia entendido a precariedade essencial do existir, e com isso lidava muito bem.

Portanto, não via nos rostos dos velhos utentes do Lar da Feliz Idade o fim, e sim a possibilidade de uma relação de troca e aprendizado. Via velhice e morte como partes essenciais do processo chamado vida.

Mais pragmático, o Silva da Europa centrava suas reflexões no que poderíamos chamar de questões ligadas ao processo político e social em que estavam todos imersos.

Ao ouvir a história da máquina de roubar a metafísica do velho Esteves, afirmou:

a ditadura é que quis pôr a todos rasos como tábuas, sem nada lá dentro apenas o andamento quase mecânico de cumprir função e bico calado. a ditadura colega silva, a ditadura é que foi uma terrível máquina de roubar metafísica dos homens. (Ibid., 2011, p. 148).

Américo continuava a ser aquele em quem o senhor Silva depositava toda confiança. Com ele sentia-se seguro e amparado, e foi para ele que pediu ajuda para continuar a empreitada da escrita das cartas para dona Marta.

eu contava-lhe que escrever aquelas cartas me parecia como escrever sobre mim. aquelas cartas eram sobre mim e ajudavam-me a pensar. ajudavam-me a transformar em literatura o que parecia nem ter verbalização possível. e por vezes não tinha mesmo. mas, semana após semana, procurando uma forma de o explicar, sempre havia uma palavra, uma frase que chegava mais perto do que queríamos dizer do que, afinal estávamos a sentir. (Ibid., 2011, p. 148).

Num fragmento do envelhecer, que bela síntese da arte de escrever faz Valter Hugo Mãe! Um caminho aberto para dizer o que não consegue ser dito, um encontro com aquilo que não imaginávamos existir dentro de nós, a descoberta de uma voz calada à espera de ganhar o mundo.

Escrever como saída para a angústia e o medo que acompanhavam o senhor Silva. Escrever para descobrir quem realmente era.

Maurice Blanchot, escritor e ensaísta francês, na obra "O livro por vir", faz uma reflexão sensível e bastante apropriada para entendermos o significado de escrever para o senhor Silva.

Ele afirma que: ***[...] "esse poder de representar pela ausência e manifestar pelo distanciamento, que está no centro da arte, poder que parece afastar as coisas para dizê-las, mantê-las à distância para que elas se esclareçam poder de transformação, de tradução, em que é esse próprio afastamento (o espaço) que transforma e traduz que torna visíveis as coisas invisíveis, torna-se assim visível nelas e se descobre então como o fundo luminosos de invisibilidade e de irrealidade de onde tudo vem e onde tudo acaba."*** (2005, p.79).

Foi lançando mão desse "poder" que o senhor Silva saiu da cama: não queria mais dormir; sua melancolia tinha dado espaço ao desejo de contar. Desejo que estava represado desde o dia em que tentou dizer sobre o amor para dona Marta usando a força física: naquele momento o senhor Silva desconhecia a potência da escrita que nele habitava, o lugar de onde tudo vem e onde tudo acaba.

Capítulo XIV Uma leveza muito grande

"'Eu fiz isso', diz minha memória. 'Eu não posso ter feito isso', diz meu orgulho, e permanece inflexível. Por fim – a memória cede."

Friedrich Nietzsche.

A chegada de um novo morador causou estardalhaço no Lar da Feliz Idade. Era um homem forte, irado, preso à cadeira de rodas e ao orgulho de ser "o espanhol Enrique de Badajoz de Portugal".

tivera um esgotamento qualquer que o punha mais para maluco do que para velho. era velho também, mas apresentava um caso sobretudo mental e, para ficar cheio de sedativos e amarrado a uma cama a pensar em extraterrestres. (MÃE, 2011, p. 153).

A descrição feita pelo senhor Silva deixa claro que o comportamento do novo utente era totalmente diferente do que até então conheciam. Facilmente é descrito como maluco e, portanto, fazia-se necessária – até em nome da paz do asilo – a contenção do velho através de amarras e sedativos.

Cena nada incomum em ambientes asilares, a violenta chegada do espanhol que urgia ser tratado como português despertou no senhor Silva o desejo de contar. Mas já não tinha para quem.

de facto, havia muito que o feliz idade não vivia um momento de glória assim. pusemo-nos nas cadeiras do pátio a espremer tudo aquilo, como se pudéssemos no fim ir contá-lo ao esteves e o tempo passava desse modo. (Ibid., 2011, p. 154).

E no pátio seguiu-se uma longa conversa sobre cidadania, apequenamento e inércia do povo português, que acabou por encerrar-se com mais uma máxima politizada do Silva da Europa.

e vocês não estão a ver, é infernizar. é preciso que as coisas peguem fogo para que se mexam. pôr esta gente a praticar a cidadania, a optar, participar, decidir como se puder decidir. [...] entre a derrota social e o comezinho do nosso lar ia uma leveza

muito grande. como se nada, enfim, pesasse mais nos pratos da balança. (Ibid., 2011, p.157).

Ao refletir sobre a velhice e a vida, Jack Messy recupera uma carta de Freud a Ernest Jones na qual afirma que: ***[...] "com as pessoas velhas devemos ficar contentes quando a balança quase se equilibra entre a inevitável necessidade de descanso final e o desejo de aproveitar ainda um pouco do amor e amizade dos que lhe são próximos."*** (1993, p. 35).

O senhor Silva parecia estar experimentando a sensação relatada por Freud. No decorrer dos seus dias ia percebendo os sinais que seu corpo emitia ao mesmo tempo em que dava vazão aos seus desejos. Porém, ficava cada vez mais evidente o descompasso entre a percepção que tinha de suas emoções e a tradução desse conteúdo aberto durante as horas de sono.

naquela noite, quando já poderia esperar uma calma maior e um triunfo até sobre minhas ansiedades, voltei aos pesadelos. aos meus pesadelos. mais uma vez julguei que pássaros negros vinham de pairar sobre as crianças e procuravam-me para me debicarem o corpo. e eu tentava fugir e novamente sentia-me apenas um olhar vagueando, errando indistinto pelas coisas sem saber como materializar-me. eu sonhei que tentava fugir dali, que tentava salvar de fome desses horríveis animais o que restava de mim, talvez a alma, que afinal existiria e estava despida como única memória do que fui. (MÃE, 2011, p. 158).

Um verdadeiro impasse estava colocado e o resultado era o aumento de sua angústia latente.

Esta ideia de angústia em relação ao que, no limite, diz respeito à finitude, foi tratada por Jack Messy ao discutir o velho e sua morte.

A partir de sua experiência com a análise dos discursos dos velhos, ele afirma que: ***[...] "a angústia é justamente o indefinido, que aparece frente ao desconhecido; é vivida inconscientemente sob a forma de um estado afetivo ou um sintoma. Donde resulta que seja mais naturalmente uma questão de medo, ou seja, conforme Freud, de angústia, diante de um perigo real expresso corporalmente, e cujo objeto tem uma denominação. Se a ideia de morte nem sempre causa medo, não quer dizer que a morte, esta desconhecida, não nos angustie sem o sabermos".*** (MESSY, 1993, p. 33).

que vertigem medonha a de se perder o corpo e se ficar á mercê da grandeza dos espaços, sem lei da gravidade, sem coisa nenhuma. (MÃE, 2011, p. 158).

Frente a esse quadro logramos perguntar: qual seria o suporte psicológico à disposição de moradores, cujo processo de envelhecer se mostrava atravessado por esse tipo de experiência?

Praticamente nenhum. O doutor Bernardo, desde a chegada do senhor Silva ao Lar da Feliz Idade, tratou apenas com carinho e atenção as demandas que chegaram ao seu conhecimento. Não consta que depois do incidente envolvendo dona Marta a instituição tenha dispensado ao velho Silva algum tipo de abordagem direcionada à formulação de um diagnóstico das condições psíquicas que sustentavam comportamentos de natureza agressiva. Como se a instituição desejasse assim esquivar-se da responsabilidade de oferecer recursos práticos para a manutenção do equilíbrio emocional do senhor Silva – recursos que, em última medida, poderiam aliviar seu sofrimento evitando assim episódios de natureza violenta, como os que já havia protagonizado.

o doutor bernardo queria muito que eu não voltasse a fechar-me no quarto. já passara o pior, dizia-me ele. é natural que faça o luto do senhor esteves, compreendo que gostasse muito dele, e já passou pelo pior. mas é preciso que se mantenha ativo, que saia para o seu sol de sempre e que não se deixe deprimir. senhor silva, não ganhamos nada em nos deprimirmos, é só o que nos vale, mantermos a cabeça desperta para isto ser mais fácil. e eu perguntei, isto o quê, senhor doutor, isto o quê. (Ibid., 2011, p. 158).

Aquilo que doutor Bernardo não conseguira nomear também não poderia ser alvo de um "breve receituário de bem viver".

Ao afirmar que era preciso que o velho Silva se mantivesse ativo, nos deparamos com a repetição do discurso corrente do envelhecimento ativo. Manter-se sempre alerta, pirilampo, responder adequadamente às demandas da instituição... Apelos que se mostram, na prática, inúteis e geradores de mal estar para os velhos que, assim como o senhor Silva, entendem a vida de maneira absolutamente distinta.

Apelar para que o senhor Silva mantivesse a cabeça desperta, sem sequer abrir-se para a escuta dos pensamentos que o velho tinha em mente e das emoções que o

sufocavam, parece ser a síntese do que encontramos em larga escala em instituições fechadas.

E para terminar, doutor Bernardo apela para que o senhor Silva não se deixe deprimir, como se isso fosse algo que se escolhe, e logo, que se pode pedir a alguém.

O encontro, pois, tratou-se de uma sequencia de lugares comuns perpetrados pelo doutor Bernardo, personagem que sintetiza, no limite, o quase irresponsável discurso médico.

Bem melhor seria se o senhor Silva saísse do gabinete do médico aliviado, depois de ouvir uma colocação como a apresentada por Silvana Tótora ao tratar de outro personagem ficcional, do filme *História Real*, de David Lynch.

"Assim como a vida, o corpo também não aguenta carregar ressentimentos, rancores, raiva, ódio... É preciso desfazer-se do peso dessas paixões tristes para ganhar leveza e desfrutar do prazer da pura e simples existência." (2015, p. 172).

Quase que instintivamente, o senhor Silva procurava na escrita prazerosa das cartas para dona Marta a experiência da leveza.

Aos poucos todos os moradores do asilo ficaram sabendo dessa prática do senhor Silva e os mais próximos regozijavam-se ao ler missivas tão poéticas, tão cheias de verdades, lirismo e amor, muito amor.

E foi Américo quem mais uma vez iluminou a vida do senhor Silva ao lhe sugerir que escrevesse um livro.

eles insistiam comigo, como se escrever um livro fosse fácil e estivesse nas habilidades de qualquer pessoa. achavam que deveria escrever poemas [...] a dona marta que não parava de me insultar, coisa com que todos nos divertíamos, naquela tarde emocionou-se. ficou com os olhos brilhantes e chorou. (MÃE, 2011, p. 159).

Nunca saberemos o que o senhor Silva escrevia, mas talvez nos baste saber que ele escrevia o amor, Maurice Blanchot afirma que: ***[...] "quando o poeta fala, é uma fala soberana, fala daquele que se lançou no risco, diz o que jamais foi dito, nomeia o que não entende, apenas fala, de modo que ele também não sabe o que diz."*** (2005, p. 46).

Podemos inferir que o tempo também faz parte dessa soberania, dessa permissão para falar o que sentimos e de alguma maneira, ao longo de nossas vidas, já experimentamos.

O senhor Silva tinha aberto esse canal para expandir a amorosidade que guardava, mas a ideia de deixar fluir sentimentos nobres e valorosos era logo dominada pelo ressentimento e pela raiva.

depois pensei melhor. se escrevesse alguma coisa, alguma coisa que deixasse à humanidade como partilha de um sentimento qualquer, haveria de ser aterrador. gostaria de deixar um texto que os amaldiçoasse de verdade, como de mentira andam por aí tantos textos de bruxos e curandeiros. haveria de deixar-lhes um testamento de ódio a partir da morte da minha laura, para que ao menos parassem de louvar a deus e começassem a pôr nos objetivos coisas mais simples e lúcidas. (MÃE, 2011, p. 160).

Urge observarmos a reiteração de elementos que em situações anteriores marcaram presença: a não aceitação da morte de Laura e o ódio dirigido ao universo religioso.

Não havia lugar para leveza e o senhor Silva ainda não conseguia resistir aos apelos de sentimentos duros que tanto o faziam sofrer. Um sofrimento que não dava tréguas e invadia suas noites.

adormeci, entrei pesadelo adentro e os abutres vieram imediatamente buscar-me a carne. entraram pelo quarto e não hesitaram em desfazer-me. não havia poesia capaz de salvar um homem de tal coisa, e nenhuma metafísica seria capaz de encontrar retórica para mediar um diálogo com os furiosos e esfaimados bichos voadores. (Ibid., 2011, p. 160).

O senhor Silva inicia o relato de horror manifestando que a poesia e a metafísica eram incapazes de salvá-lo. Como se tivesse tentado acreditar que a existência de ambas seria suficiente para apontar-lhe uma rota e fuga possível.

O desejo de vida e o desejo de morte: o senhor Silva entendeu que não havia retórica possível que fizesse a mediação desse mistério.

não sei muito bem quando percebi que o que restava de mim estava já a meio do corredor. percebi infimamente que mudara de lugar e que, em restos de mim, ia saindo do quarto, passando algumas portas e procurando, sem saber, alguém. nessa

noite a dona marta estava com o rosto virado para a parede. dormia para o seu lado direito de encontro à parede branca num sono muito calmo que não anunciava nenhum mal. nesta noite eu levara comigo um livro, não sei sequer qual. e durante muito tempo nem me lembraria que assim acontecera. eu tinha um livro na mão e a porta não estava fechada. mas não leria nada e não seria pela leitura que ali fora. (Ibid., 2011, p. 160).

O que ainda restava do senhor Silva dava-lhe forças para carregar um livro, receptáculo de toda poesia que permeara sua vida e do amor possível de ser nomeado. Mas nem mesmo o livro, metáfora da possibilidade de resposta para sua angústia existencial, conseguiria estancar o esvaziamento de sua lucidez. Já era um caminho sem volta.

os pássaros deixaram-me sem corpo e a metafísica questionava o destino de minha identidade. para onde iria, o que seria de mim depois que o corpo me deixasse sozinho, o que seria de mim depois da morte. estava já tão habituado a imaginar-me depois da morte. era uma busca constante por uma transcendência qualquer que me contradissesse. que contradissesse as minhas convicções de que não existe nada depois da vida. (Ibid., 2011, p. 160).

Eis, pois, que o senhor Silva finalmente declarou o nome de seu adversário mais cruel: a morte!

Cansado de procurar alguma explicação que apontasse para a existência de algo depois da vida, apostou na morte.

a dona marta a dormir era como um ridículo animal que não atentava na sobrevivência. um animal idiota que descurava a sobrevivência e se expunha frágil aos imaginativos meios que a natureza tem para extrair a vida de alguém. e a natureza deu-lhe por umas vezes com o livro na cabeça. directamente na cabeça, sem falha, umas pancadas fortes e pesadas que apertavam a cabeça da mulher de encontro com a almofada até que, nuns segundos tão breves, voltasse ao mesmo ponto, exatamente ao mesmo ponto d encontro à parede. mas era diferente porque entretanto ficara de olhos abertos e deixara de respirar. (Ibid., 2011, p. 161).

Desinvestido de toda metafísica e desumanizado, o senhor Silva, caçador de si mesmo, partiu em direção à sua presa fácil, dona Marta, a quem considerava idiota por, basicamente, acreditar no amor.

O senhor Silva matou dona Marta e voltou para o quarto.

afinal, no feliz idade era estupidamente fácil assassinar alguém. eu não o saberia. não o poderia saber. quando acordei de manhã julgava ter dormido profundamente a noite inteira. assim o julguei por muito tempo. (Ibid., 2011, p. 161).

Senhor Silva estava certo.

No Lar da Feliz Idade era mesmo estupidamente fácil assassinar alguém. A direção da instituição sabia que senhor Silva já havia tentado matar dona Marta. Mas nada mudou. A porta do quarto estava aberta, não havia cuidadores nem enfermeiros a rondar os corredores, afinal, dizem os orgulhosos gestores, velhos não podem fazer isso, esquecendo-se que o desejo de morte é inerente a qualquer indivíduo e está longe de ser privilégio da velhice.

Capítulo XV Fugir de nada

"Ouve-se dizer ainda que os velhos são de humor azedo, atormentados, irascíveis e rabugentos – e avaros, se os examinarmos bem. Mas esses são defeitos inerentes a todo indivíduo, não à velhice."

Cícero.

Fazia-se o tempo do senhor Silva haver-se com as velhices do corpo e da cabeça.

Conforme já anunciara ao Silva da Europa, pouco a pouco os velhos morreriam num desfile de horror anunciado e, para sua mais profunda tristeza, o primeiro a confirmar seu vaticínio foi o senhor Pereira.

durante a noite a senilidade chegou ao senhor pereira como até então não acontecera. ele sentava no pátio envergonhado e não tinha explicação a dar.[...] o senhor pereira não era velho o suficiente para se sujar pernas abaixo durante o sono. digo que não era porque mantinha ainda uma cabeça boa e nem a idade justificava aquele avançado na decadência. (MÃE, 2011, p. 165).

A avaliação do quadro do amigo feita pelo senhor Silva mostra-nos o quão difícil é o entendimento de processos fisiológicos que repentinamente se instalam nos velhos: do dia para a noite são acometidos por doenças cujos sintomas os fazem passar de um estágio para outro do longeviver.

era possível que o senhor pereira estivesse a ganhar daquelas doenças à séria que se encavalitam umas nas outras atacando o corpo por todos os lados. ele não nos encarava, deixava-se apenas a perceber que estávamos ali e depois dizia, já não é só fiar mais fraco, é ficar doente também. (Ibid., 2011, p. 166).

Ao senhor Silva restava acompanhar os acontecimentos que envolviam o evoluir da degradação da saúde do amigo, que a cada dia ficava mais frágil.

Foi também durante o sono que o senhor Pereira experimentou uma situação em que ficou exposta sua vulnerabilidade.

o senhor pereira começou a sonhar que estava no lugar certo. começou a achar que estava sentado no lugar certo, e que até tinha sido complicado lá

chegar[...] mas justamente quando sentia que não poderia aguentar mais, o senhor pereira sentiu-se sentado e seguro e de que não havia mais ninguém na casa de banho. estava só e satisfeito. foi assim que se sentiu. exatamente como fazem os bebés, que fazem xixi na cama. e o senhor pereira fez na cama e acordou minutos depois, alterado de terror, incrédulo, imerso no odor nauseabundo que quase lhe impedia os sentidos. ele não acedeu imediatamente ao que ali acontecera. (Ibid., 2011, p. 167).

Difícil imaginar os sentimentos envolvidos nesse episódio. Certamente humilhação seria um deles.

Um homem que repentinamente perdera o controle de suas necessidades fisiológicas e ficara por alguns difíceis momentos desorientado, à mercê do terror.

Um ponto de inflexão na história do senhor Pereira, que há muito se adaptara à vida no asilo e era assim capaz de encontrar alegrias no seu dia a dia.

depois acendeu a luz e começou a tirar o pijama limpando-se com os lençóis e chorando. chorava já abrindo as portadas da janela e pensando na vergonha, envergonhado de si mesmo, sozinho, a meio da noite, a febril luz do pequeno candeeiro a arder e ele envergonhado e procurando decidir. (Ibid., 2011, p. 167).

Decidiu jogar a roupa de cama e o pijama sujos no vão da escadaria, rumo à porta de entrada do asilo: muito mais do que livrar-se da sujeira, queria livrar-se daquela marca da decadência colada naquele episódio.

Logicamente sua estratégia não passou impune. Foi descoberto pela enfermeira, que além de não ser capaz de acolher sua dor, ainda o ameaçou.

o odor intenso continuava e foi o que, em pouco tempo, lhe pôs ali a enfermeira do turno da noite. a exclamar contra tudo, a chamar-lhe porcalhão, não por ter feito na cama, mas por ter ido despejá-lo na rua, logo à porta do lar.[...] a enfermeira da noite pôs-se a dizer que se calhar, era melhor que passasse para os quartos da ala esquerda. não lhe dizia diretamente que estava maluco e igual aos outros, era porque na ala esquerda a ronda é mais apertada, porque os velhos estão por ali a abafar a todo momento e a arrancar o soro, e um velho que decidisse fazer asneiras àquelas horas dava mais jeito ser vigiado naquela lado do feliz idade. (Ibid., 2011, p. 168).

O senhor Silva vai aos poucos nos contando do que se tratava exatamente a ala esquerda. Foi a primeira vez que se referiu a esse lado do asilo como a área reservada a "malucos", além de pacientes terminais.

Na ameaça da enfermeira estava contida também a carência de uma formação que garantisse outro olhar para o episódio. Mesmo considerando a perplexidade da profissional ao se dar conta de que o velho "cagão e porcalhão" havia passado dos limites quando jogou toda a sujeira na porta do asilo, não nos parece aceitável a incapacidade da profissional de perceber e depois aplacar os terrores sentidos pelo velho morador.

Interessante refletirmos sobre um significado latente do gesto do senhor Pereira: deixar aquilo exposto na porta de entrada da instituição poderia ser a síntese do sentimento dos velhos moradores que se sentiam como lixo à espera da remoção final.

Feitos de altos e baixos eram os dias do senhor Silva. O fluxo da vida se encarregava de fazer possível sua vida no asilo e a filha Elisa era uma presença esporádica.

a elisa não trazia notícias nenhumas e, subitamente, dei por mim a dar-lhe contada vida no lar. foi uma estranha sensação a de entregar que, afinal, entregava os pontos à minha filha, fragilizando-me daquela maneira, confiando no seu discernimento para guardar as minhas e as peripécias dos outros velho, como se lhe pusesse um diário na mão e me reconfortasse na sua confissão. ela não viera contar-me nada, percebi quase dramaticamente, viera ouvir, fazendo as vezes da filha preocupada que, com aquela dedicação, acompanhava minha velhice aborrecida e triste. (Ibid., 2011, p. 166).

Não havia jeito. O senhor Silva não estava aberto a movimento algum da filha em direção a uma relação amorosa que gerasse bons frutos para ambos.

Se não fosse visitá-lo, seria a filha ingrata que abandonara o pai; se o visitava era aquela que apenas cumpria o papel de filha preocupada e ciosa das demandas práticas e emocionais do pai. Se contasse algo, era a filha sem alma que prendera o velho e ficara a fazer o papel de mensageira do mundo extramuro; se não viesse com notícias era aquela que se arvorava no papel de confessora do pai... Estava, pois, instalado um

dilema! Difícil avançar na reconstrução de uma relação em que uma das partes tem a autoimagem corrompida pelo rancor.

Além de reagir negativamente à visita da filha, o velho Silva sofria também ao inferir como seriam as conversas de Elisa com doutor Bernardo.

o doutor bernardo, depois, trocava umas palavras com ela. seguramente alegravam-se os dois por o tolo do velho estar mais amestrado, amansado como convinha para não levantar problemas nem criar angústias grandes a que tem ainda uma vida. (Ibid., 2011, p. 166).

O senhor Silva avaliava os sentimentos que moviam a filha a partir da imagem que construíra de si mesmo dentro do Lar da Feliz Idade e isso, além de falso, era uma injustiça para com Elisa, posto que, na realidade, ele não estava nem "amansado" nem "amestrado". A insistência em acreditar que era um velho manso e contido expunha parte de uma cisão que o senhor Silva trazia em torno de sua personalidade. Dentro dele, um vulcão prestes a entrar em erupção. Para o mundo externo, um velho conformado, às vezes melancólico, mas adaptado ao mundo asilar.

A questão que vai então se delineando é: como seria possível sustentar essa tensão formulada?

não podia parar de os odiar um pouco e saber que algum mal se mantinha no meu íntimo. um desprezo que, discretamente, podia vir ao de cima numa qualquer situação. (Ibid., 2011, p. 166).

O senhor Silva começava a lidar com sua face perversa e insuportável. Mas seus medos não davam trégua e faziam de seus dias experiências insuportáveis e suas noites povoadas de pesadelos.

Os abutres continuavam a atacar o senhor Silva. Desta feita estavam à procura das cartas que escrevera para dona Marta e lhes foram devolvidas por Américo e trancafiadas numa gaveta.

No sonho, o senhor Silva tentava proteger dona Marta colocando as mãos sobre seu corpo.

como a dar as minhas próprias mãos ao bico dos assassinos, como se me matasse eu, que afinal não me importaria morrer, achava. (Ibid., 2011, p. 169).

"Achava". Percebemos que o desejo de morte não se sobrepunha a outros impulsos, como o de proteção, ainda que impossível, à dona Marta.

Havia, portanto, outros acertos a serem feitos pelo senhor Silva. Os pássaros lhe dariam uma trégua deixando, pois, seu quarto.

[...] talvez fartos das investidas contra a minha oscilante loucura que não lhes entregava tudo sem uma tão complicada luta. (Ibid., 2011, p. 169).

À medida que os sonhos eram mais frequentes, o velho Silva ia posicionando-se de maneira diferente frente aos conteúdos sonhados: algo se fazia presente, mesmo que o pilar desse resistir fosse a sua loucura.

Já o senhor Pereira, ainda mais abatido, não encontrava forças para estancar seu declínio, e a instituição, frente às dificuldades de um velho no estado em que se encontrava, resolveu "terceirizar" o problema acomodando-o no quarto ao lado do quarto do senhor Silva. Como se isso não bastasse, esse havia sido o quarto da falecida dona Marta e esse fato atormentou mais ainda o combalido Pereira.

o senhor pereira, afinal, mudou-se para o quarto da dona marta. pegaram nos trastes dele e em duas horas estava acomodado no lugar da morta. ficava mais perto de mim, o que não seria um castigo, mas castigava-se de pensar que, por se ter sujado, o punham ali a ver se ainda ia de caminho como o fantasma da outra. (Ibid., 2011, p. 170).

A percepção dos utentes em relação à gestão do Lar parece a de que todas as ações a serem executadas visariam prioritariamente o adiantar de suas saídas da instituição, ou seja, movimentações no sentido de adiantar a morte de cada um daqueles que, ao menos aparentemente, já estavam com as horas contadas.

Existia certamente um problema de fundo a ser contemplado.

Na perspectiva de que isso não passava de uma impressão, toda e qualquer atitude da equipe de gestores do asilo teria de ser permeada por cuidados elementares na condução de processos que, por si só, já são complexos. Se em situações de normalidade a mudança de espaços íntimos já suscita várias questões emocionais, imaginemos no contexto de um lar de velhos!

Além disso, qual seria então o papel que a instituição esperava que fosse desempenhado pelo senhor Silva que, diga-se de passagem, já dera mostras inequívocas de não ser a pessoa indicada para se convocar em situações para as quais se espera um desempenho equilibrado?

Será que o fato de ter acolhido o velho Esteves em sua cama o gabaritaria para acolher o senhor Pereira em um episódio como o relatado acima?

ele envelhecera um ano na última semana. estava abatido dos olhos e não nos encarava. [...] o silva da europa sentava-se e punha-lhe a mão no ombro e dizia, fica aqui mais perto do colega silva, que é uma coisa de feição, se são amigos. (Ibid., 2011, p. 170).

Parece que o Lar da Feliz Idade não estava apto para a gestão de um quadro em que alguns moradores mudavam de perfil e, portanto, do tipo de cuidado exigido, e outros necessitavam de cuidados paliativos no momento em que a vida estava se esvaindo.

Ficou, portanto, por conta dos amigos "Silvas", a missão de animá-lo.

Mas a vivacidade conquistada era efêmera.

pareceu-nos que ainda riríamos como antes, entre mortos e tudo, a fugir da realidade ou a fugir da condição de não ser mais possível fugir de nada. (Ibid., 2011, p. 170).

O senhor Pereira já era um moribundo e todos os amigos já o percebiam assim. assim.

o senhor pereira agoniou-se, inclinou-se na cadeira para a frente e gemeu alguma coisa. o anísio pôs-lhe a mão nas costas , não batendo, apenas fazendo-o sentir a sua presença e que o tomaria se tombasse. o senhor pereira não tombou. levantou-se atordoado e andou até dentro do lar. fomos todos de corrida a vê-lo. vomitava no tapete coçado do salão. os velho sentados nos cadeirões de dentro, a dormitar ou a ver dormitar, ficaram impávidos. uma senhora levantou um pouco a mão como para chamar alguém. mas não disse nada. não devia ter mais nenhum som guardado na garganta. levantou um pouco a mão e continuou vulnerável, quase com um sorriso, um sorriso numa expressão muito vazia, como a pedir desculpa por ali estar. como a pedir compaixão, solicitando piedade. (Ibid., 2011, p. 171).

Estava pintado um quadro com as cores do hiper-realismo!

Como se pudéssemos ver o senhor Pereira numa fuga cambaleante rumo ao nada, ao lugar onde poderia deixar de ser sem ser visto.

Como se pudéssemos acompanhar cada movimento sôfrego da velha Marta que dispôs do corpo frágil para sinalizar o sofrimento encenado na sua frente.

Impossível passar impune por tal experiência. E para o senhor Silva esse quadro suscitou uma reflexão que dizia respeito a sua postura frente àqueles que passaram por sua vida.

o senhor pereira amparava-se no anísio e no silva da europa e a tarde caía. eu não lhe conseguira por a mão. não seria seu amigo o suficiente. ou tinha medo, e não sabia de quê. (Ibid., 2011, p. 171).

Intimamente o senhor Silva já tinha elencado as fontes e raízes de seus medos. Mas era difícil fazer a tradução desse conteúdo, e mais: ao mexer nas sombras de seus pensamentos, teria que estar preparado para as consequências que iriam certamente advir.

Até então, ao menos intimamente, o velho Silva já começara a fazer uma retrospectiva de sua vida, sempre mobilizado por acontecimentos externos que se conectavam de maneira direta ou indireta à sua própria experiência.

De qualquer forma, avançar tendo à frente a névoa do medo não era um exercício fácil.

não creio que algum dia tenha sido suficientemente amigo de alguém. fui sempre um homem de família, para a família, e o raio de ação esgotava-se essencialmente na minha mulher, nos meus filhos, e nos meus pais enquanto eram vivos. mas os que não tinham o meu sangue estariam sempre desclassificados no concurso tão rigoroso dos meus sentimentos. (Ibid., 2011, p. 171).

Frente a tal confissão, podemos agora tentar entender os possíveis mecanismos que atuaram na relação do senhor Silva com a família. Até então, sabíamos que o filho Ricardo não participara do funeral da mãe e nem pessoalmente da decisão de asilar o pai. A filha Elisa, por sua vez, aparece como aquela que passou a cuidar da gestão dos dias do velho pai da maneira e no lugar possível, qual seja no Lar da Feliz Idade.

Suas visitas eram frequentes e sempre envoltas em tentativas de conseguir acessar o universo fechado e cinza do senhor Silva. Enfim, parece ficar claro que as relações entre os três membros da família Silva não fluíam bem.

O que a princípio podia parecer um paradoxo, já que ao longo da sua história o senhor Silva apostou todas as fichas nesse circuito de afetos, acabou se mostrando coerente com o tipo de investimento emocional que o patriarca depositou nesses vínculos.

Imaginemos, pois, uma família cujo universo de afetos estava circunscrito aos seus membros e tal proceder era reforçado continuamente pelo discurso de medo impetrado pelas vozes do regime salazarista, que diziam "cuidado!, zelem e fiquem com os seus, pois seu vizinho pode ser o inimigo!"

encarei tudo como ofício de homem, uma forma de sermos e procedermos como adultos, de modo responsável e bom. (Ibid., 2011, p. 171).

E foi assim, recuperando os princípios que nortearam seu passado e, concomitantemente, tentando encontrar sentido para suas atitudes no presente, que o velho Silva acessou a verdadeira história do rapaz fugitivo da polícia salazarista que escondera em sua barbearia.

e não foi o rapaz estudante, comunista e revolucionário, que ajudei um dia na barbearia, capaz de mudar algo na minha maneira de me preocupar com os outros. se fosse o meu ricardo, se aquele moço no chão da minha despensa fosse o ricardo, acometido de ideias e fulgurante na juventude, teria amaldiçoado o regime por fazer do meu rapaz um perseguido, [...] mas não era nada, o moço. não era senão um moço, com um garrido engraçado nos modos, mas sem sangue meu, como se isso impedisse que a totalidade de suas palavras entrasse no acústico de meus ouvidos. (Ibid., 2011, p. 172).

O senhor Silva entregou o jovem subversivo, comunista, filho de não se sabia quem, à polícia política (PID) de Salazar.

Entregou com requintes de frieza, nove anos depois. Nove anos durante os quais, todos os sábados, o já adulto rapaz sentava-se na poltrona da barbearia do senhor Silva para cortar os cabelos e contar sobre a resistência portuguesa ao regime ditatorial.

O que o jovem Silva então não sabia era que essa história não conseguiria ser apagada. Nem cortada por sua navalha fria. Tampouco sabia – assim como muitos de seus contemporâneos oprimidos pelo regime – que *[...]* ***"quem entra numa multidão direcionada aceita, de certa maneira, suspender as suas palavras e os movimentos individuais, suspende as formas verbais iniciadas no Eu (entra no: nós dizemos); e reduz o mundo das acções, temporariamente, a um: nós fazemos."*** (TAVARES, 2013, p.173).

Durante sua longeva vida, traços e marcas dessa vivência foram se impondo, e somente no momento em que tentava fazer a reescrita do acontecido é que seus ouvidos estavam prontos para ouvir.

achei que fazia o que tinha que fazer. e assim me senti como a saber e a arquivar o assunto como algo de que soubesse apenas a partir da televisão. um homem preso pelo regime e outro acusando-o e eu não era nenhum nem outro, e a vida continuava como se nada fosse porque ao fim de cada dia encontrava a minha laura à espera de aquecer a sopa [...] vivíamos como se queria, perfeitamente integrados na sociedade, sem papel de ovelhas ronhosas, ainda sem igreja, sem amigos, sem dinheiro, sem saber nada do futuro, sem dignidade, sem essa porcaria, que não existe e que me vem sempre à boca, a alma. (MÃE, 2011, p. 175).

De certa maneira, o velho Silva ainda não conseguia apreender o real sentido de seu ato.

Oscilava entre o dever, o medo, a compaixão e o arrependimento, entre tratar o assunto como algo a ser arquivado e o conforto de saber que tinha assim o aconchego do lar a esperá-lo.

Vivia como, no fundo, não queria. Vivia ausências inumeradas e a incerteza da existência da alma, carregando a culpa moral de ter contribuído com os crimes do Estado.

Mas, desde sempre, a sua mais incômoda companhia fora o medo da morte.

casar, amar, comer, ter filhos, viver para sempre. não morrer. nunca morrer, nem deixar ninguém morrer. ninguém do núcleo fundamental, claro está. não deixar nunca que isso aconteça, de outro modo, tudo se desmorona e a luta foi um fracasso. (Ibid., 2011, p. 172).

Todavia o medo da morte já havia se materializado: primeiro Laura, e depois o senhor Esteves. Estava aberta a porta que o levaria à morte pela qual foi o responsável.

lembrei-me da dona marta. de como estava diante da parede. de como ficou morta diante da parede. e algo cruelmente me iludia para que julgasse que eu a tinha morto. como se fosse possível a loucura inventar uma realidade tão obstinada quanto aquela. pensei no senhor pereira ali trancado, zangado e triste, e vi a dona marta, nem a dormir, nem acordada, espantada contra a parede como se espantada estivesse com a coragem que eu tivera, na verdade, a matar. (Ibid., 2011, p. 173).

Como olhar para si próprio depois de descobrir-se um assassino? Como lidar, em última análise com o desejo de morte que fazia morada em seus pensamentos?

O primeiro lugar onde ancorou suas dúvidas e tentou construir respostas foi na velhice.

a velhice, pensei, é o cérebro que alui corpo abaixo, até ficar a atrapalhar o funcionamento dos outros órgãos. imaginem que o cérebro cai corpo dentro e depois se fixa, mal fixo, ali em cima do coração, escorregando lentamente, até cair para cima dos pulmões, mal fixo, e lentamente cai para onde está intestino. e pelo caminho, que porcaria de caminho aquele, que ideias, haveria de fazer com que o coração hesitasse na batida e se esquecesse de amar, como faria com que os pulmões aceitassem parar de voar seduzidos pela matéria e o fulgor da terra, e depois o que restaria dos intestinos, pesados com o cérebro em cima, um cérebro aflito, fora de casa, aflito. (Ibid., 2011, p.173).

O corolário de explicações do senhor Silva foi todo centrado na *velhice* do ponto de vista biológico, enquanto perda e degaste. Um desmoronamento dos órgãos vitais que, enlouquecidos, nos deixariam fora de nós mesmos e esmagados pela aflição.

Mas havia também na percepção do senhor Silva uma aproximação a algo que não sabia dar nome, mas que sentia estar atravessando sua lucidez.

que a velhice era um cérebro a aluir e senti que me aluíam as ideias, desapareciam, e a clareza das coisas escurecia e eu não fazia mais lógica nenhuma no que sempre regulara o termostato da minha febre. (Ibid., 2011, p. 173).

O que conta acima de tudo é, pois, o universo singular do vivido pelo senhor Silva, sua travessia pela memória silenciada, sua chegada à complexidade das experiências vividas.

Ao mesmo tempo em que não pode mais prescindir da reescrita de sua biografia, terá que conciliar esse desejo com o seu Eu cindido; portanto, como nunca, precisará de todos os outros Silvas para sobreviver a esse desafio.

Capítulo XVI Como se uma pedra chorasse

"O que o guiava no escuro era a própria intenção de andar em linha reta."

Clarice Lispector.

O silêncio e o isolamento não comportavam mais a angústia e o medo que acompanhavam o senhor Silva.

Diferente dos primeiros tempos, em que sua marca foi a casmurrice e o afastamento do convívio com o grupo de velhos, sentia então a necessidade do outro.

preferia manter a boca fechada, mas algum estranho efeito tinha em mim o tempo que passava e criando uma dificuldade em me manter sozinho e desligado. (MÃE, 2011, p. 179).

Apesar de ter conseguido trazer à tona os fatos reais sobre o rapaz subversivo que entregara à polícia, ainda não conseguia dividir o peso dessa "descoberta" com ninguém.

ninguém soubera o quanto me amedrontei egoísta naquele tempo do regime. que cagão de homem fui, um burro sonso a remoer por dentro as agruras de aceitar e aceitar sempre calado. não prezei nada do que é amizade. (Ibid., 2011, p. 179).

Que triste constatação! Justamente no momento da vida em que somos assolados por tantas interrogações e temos tão poucas respostas, encontrava-se o senhor Silva a sentir o tempo que perdera aceitando uma vida restrita à convivência com aqueles que imaginava não colocarem em risco sua tão frágil segurança. E agora, velho, teria que se haver com todas as ausências, todos os silêncios, e aprender a encontrar nos Silvas que o cercavam o apoio e a solidariedade de que tanto precisava. Porém, para tanto, antes teria que aprender a *ser* amigo.

por isso não sei o que dizer ao senhor pereira e não percebo nada de lá ir fazer com que se sinta bem.[...] e eu lamentava que assim fosse, como se não lamentasse nada. o senhor pereira sujava-se nas pernas abaixo durante a noite e estava de fraldas na cadeira do seu quarto. não saía dali, nunca sairia com aquele inchaço nas calças. não era tão grande assim e, se não o soubéssemos, não era a ponto de ser

notado. o senhor pereira estava na cadeira e calara-se. queria que o trancasse ali envergonhado e sozinho, para suportar melhor aquilo, para não se sentir mais humilhado ainda. (Ibid., 2011, p. 179).

Essa solidariedade sobre a qual divaga é difícil de ser externalizada porque nela estava embutida a perspectiva de ele próprio, o senhor Silva, estar, em algum momento, na mesma situação que o amigo Pereira. Avaliava: pior do que a vergonha de usar fraldas seria a humilhação sentida pelo amigo e o consequente esvaziamento de sua energia vital.

O doutor Bernardo encarregara-se de contar ao senhor Silva que o amigo insistia em afirmar que via o fantasma de dona Marta perambulando pelo seu antigo quarto.

Como entender a postura do médico?

A mudança de quarto, como anteriormente discutida por nós, parece ter sido uma tentativa de minimizar o impacto do novo quadro clínico do senhor Pereira, posto que ele se avizinharia então do amigo Silva e este poderia acudi-lo numa urgência. Tal procedimento já se mostra inadequado.

Mas avancemos.

Adicionando o fato de estar o senhor Pereira no quarto de uma recém-falecida, podemos inferir que esse dado não passaria impune num universo em que a imaginação e a fantasia corriam soltas, para o bem e, como nesse caso, para o mal.

Falta de sensibilidade e formação. Essas são as deficiências que nos saltam aos olhos ao tentarmos avaliar a atuação do doutor Bernardo. A articulação das demandas próprias dos perfis dos moradores do Lar da Feliz Idade parece, portanto, ser "caseira" de um lado, e irresponsável, por outro.

Não bastasse o temor do senhor Pereira frente às visitas da defunta dona Marta, ficava também exposto o senhor Silva aos relatos funestos do amigo.

mas tudo o que a velha lhe dizia de concreto, direto nos olhos como se fizesse por força maior, era que havia uma morte para cada um, alinhada como em fileiras do exército, aprumada em grande brio para vir colher quem lhe competia no momento certo. a morte era, afinal, a mais organizada das instituições. cheia de afazeres e detalhes, mas muito competente e certeira. (Ibid., 2011, p. 170).

Algo que também nos incita a aprofundar o entendimento dessa interessante descrição da morte é o uso de palavras fisgadas no léxico de instituições ligadas ao aparato do estado: fileiras, exército, brio. Até a linguagem usada pelo senhor Silva estava permeada por fragmentos de um regime autoritário.

Competência e assertividade também aparecem como palavras que caberiam para definir o próprio comportamento de provedor e pai de família encarnado pelo senhor Silva. Dessa perspectiva, até a elaboração da ideia de morte não escapara de expor referências de vida pregressa do senhor Silva.

Apesar de "confiar no doutor Bernardo mais do que queria", foi para ele que confessou o seu último descortinar da realidade.

esteves foi um delírio, doutor bernardo. que estupidez a minha de acreditar que fora personagem do pessoa, uma personagem tão fictícia quanto possível. era uma fantasia e eu só caí nela porque queria tanto encontrar algo que me sustentasse diante do sol. (Ibid., 2011, p. 180).

Em contraste com os processos de aproximação do real com os quais o senhor Silva estava se debatendo, o vislumbrar de que João Esteves não era o Esteves da Tabacaria de Fernando Pessoa não parece ter mobilizado emoções que desestabilizassem o crédulo senhor Silva.

Mais concreta e pungente do que o descortinar de uma identidade fictícia foi a aproximação do senhor Silva ao túmulo de Laura, que se dá exatamente quando consegue se descolar da fantasia que envolvia o falecido amigo Esteves.

sentei-me nas pedras da laura e não tive a menos percepção de que ela estivesse a li a sentir a minha presença. não senti a sua, quero eu dizer. não havia ali nada que pudesse recuperar a sensação de tangibilidade com a minha mulher. (Ibid., 2011, p. 180).

Além de conseguir aproximar-se fisicamente do túmulo da mulher, o senhor Silva finalmente reconheceu que seria impossível manter com Laura algum tipo de conexão, e mais, que não haveria mais vínculos possíveis de serem estabelecidos após a morte de Laura.

O que viveram, viveram. Restaram lembranças e delas o senhor Silva poderia se alimentar e bem viver.

mas verdade que a entrada naquele lugar ganhara sentido, e cada vez mais, desde há muito tempo. algo naquele mesmo silêncio de sempre dizia respeito a um velho homem como eu, sempre atazanado com o saber antecipadamente o que era de sofrer no dia seguinte. depois que a laura morreu os meus objetivos aceleraram-se. objetivos nenhum, apenas a pressa de parar. (Ibid., 2011, p. 180).

Perpassa assim, no conforto de fruir no silêncio dos mortos, a ideia da ânsia de saber como seria o dia seguinte e nunca ter a resposta, o encontro com algo que, por natureza, seria impossível. O senhor Silva não encontraria ***"nenhuma aragem esquisita ou um ruído sinistro que pudesse tresler para achar que do além se comprovava a persistência da vida"*** (Ibid., 2011, p. 180)., e, muito menos sinais que o fizessem descortinar as agruras que o futuro lhe reservara.

Aos poucos, o senhor Silva ia recolocando seus pensamentos e fantasias, e o interlocutor escolhido para dividir essas reflexões era o doutor Bernardo.

Não custa lembrar que, ao saber que no Feliz Idade morava um personagem do grande Fernando Pessoa, o senhor Silva correu a contar a novidade para o mesmo doutor Bernardo que, na ocasião, tentou sutilmente levantar a hipótese de se tratar de pura fantasia.

Na ocasião, Senhor Silva refutou de imediato tal possibilidade e o médico recuou, porém, desta feita, a reação do doutor Bernardo foi outra.

muito do que não existe é do mais importante da vida, não despreze nada, senhor silva, agarre-se a uma fantasia se for boa, que a realidade é benfeita desses momentos mais espertos de lhe fugirmos de vez em quando. (Ibid., 2011, p.181).

Pelo que destaca a análise de Gonçalo M. Tavares, podemos aprofundar os sentidos possíveis de memória e imaginação.

"Na memória que trabalha diretamente com o imaginário o que importa não é tanto a veracidade, mas a intensidade. Não importa se foi assim que aconteceu, importa sim se a memória relatada excita, influencia, se sacode o ouvinte e o engrandece. "Quando e narra uma história imaginativa (com auxílio da memória enquanto ficção inconsciente), o que importa são os defeitos dessa história no mundo que aí veem não a proximidade aos fatos do mundo que já foi e já não existe." (TAVARES, 2013, p. 375).

De certa maneira, a fala do doutor Bernardo foi pautada pelo entendimento exposto acima, qual seja, o de considerar o potencial benefício que o universo imaginado tenha proporcionado ao senhor Silva (e a todos os outros velhos fascinados pelo Esteves sem metafísica) e assim não fechar esse canal de fruição de uma fabulação que, no limite, sacudia a vida dos envolvidos nessa poesia da imaginação.

Lidar com sensibilidades, esse era um trânsito difícil para o senhor Silva. Temia que algo que fizesse ou falasse machucasse ainda mais os já esfacelados sentimentos do amigo.

Por insistência do doutor Bernardo, foi ter com o senhor Pereira, e o assunto escolhido para o encontro foi a descoberta de que o amigo Esteves não era o mesmo de Fernando Pessoa.

Todavia, o senhor Silva já havia deixado de lado a questão da veracidade – ou não – da biografia de João Esteves: o velho Silva decidira se identificar com a intensidade do vivido engendrando assim a possibilidade de ainda usufruir da metafísica herdada do amigo-poema.

O velho Esteves morrera e levara consigo toda a metafísica que o conectara ao senhor Silva. Todavia, sobreviveu o afeto fundamental para dar sustentação aos seus outros vínculos.

eu decido, e devo dizer-lhe que penso nisto há dias, que o esteves era um homem correto e que nos contou a verdade. eu decido assim, senhor pereira, porque prefiro não passar o resto da vida a achar que não conheci ninguém tão incrível, como o esteves e que fui apenas um ingênuo tolo. (MÃE, 2011, p. 182).

Significativamente, por duas vezes, o senhor Silva se expressa de modo determinado e até imperativo – *eu decido –,* o que denota uma fala empoderada. Porém, percebendo a reação emotiva do senhor Pereira, ele logo ameniza o discurso e pluraliza a situação acrescentando de forma solidária que um dia, quem sabe, poderá estar no lugar ocupado agora pelo amigo, e, nesse vislumbre, não mais o *eu*, e sim, o *nós*.

olhe, e cagar toca a todos e , se alguém nos chatear, cagamos juntos, cagamos neles. senhor pereira começou a chorar. um choro duro como se uma pedra chorasse, mas as lágrimas eram bem visíveis na sua pele, encontrando a linha dos lábios onde se detinham. ficamos os dois calados um bocado. (Ibid., 2011, p. 182).

Desde a chegada ao Feliz Idade o senhor Pereira se revestiu de importância particular no caminho do velho Silva. Com paciência, conseguiu conquistar sua simpatia e soube acolher os destemperos e medos daquele que não seria apenas mais um morador e sim, um amigo.

Portanto, chegara a hora de ambos se ajudarem. E foi assim que aconteceu.

se vier ao pátio senhor pereira eu também vou, faço de conta que compreendo para que serve a vida aos oitenta e cinco anos, depois daquilo que perdi. (Ibid., 2011, p. 182).

No pátio encontrara-se com Enrique de Badajoz de Portugal, o novo e irascível morador, que bradava seu direito de ser português.

Os velhos, boquiabertos e desejosos de serem de qualquer outra nacionalidade menos a portuguesa, não entendiam tão estapafúrdio querer.

o enrique de badajoz de portugal veio ao sol numa cadeira de rodas e acompanhado por uma enfermeira que lhe punha a mão no ombro, como se faz a quem está prestes a atacar de salto. passava os olhos por nós e via alvos a abater. era intenso o desejo de nos estraçalhar a todos, talvez pensando que não lhe permitíamos a cidadania portuguesa.[...]estava perto de nós e talvez ouvisse atordoadamente o que para ali se dizia, mas não havia de participar, estava numa realidade à parte. calámo-nos. estivemos um pouco à procura de nada, apenas a sucessão de pequenas coisas, como num filme melancólico. (Ibid., 2011, p. 186).

A percepção do senhor Silva de que era um alvo noturno a ser abatido pelos abutres que invadiam seu quarto parece-nos alastrar-se e ganhar terreno nas situações em que ele estava direta ou indiretamente envolvido. Sendo assim, sentiu que o seu grupo era "alvo" de potenciais ataques do espanhol.

Ainda nessa perspectiva, o senhor Silva afirmou estar o espanhol "numa realidade à parte", ideia com a qual vinha trabalhando desde que passara a ter sonhos "reais" com ataques de abutres.

A julgar por estes indícios, observamos o começo de uma aproximação do velho Silva a conteúdos latentes à espera de serem perscrutados.

e depois o senhor pereira afirmou que talvez fosse um cancro. tenho isto para aqui tudo estragado de cancro. porque de início parecia ser só uma distração do sono com os sonhos, mas agora parece algo mais sério, não sinto nada. tem vida própria e a minha própria morte. (Ibid., 2011, p. 186).

Mas enquanto a morte não chegava, todos os Silvas seguiram envelhecendo como viveram e isso significava que esse tempo não seria mais fácil nem mais difícil, apenas tempo de viver.

Capítulo XVII A máquina de fazer espanhóis

"O que nunca termina de ser respondido é o essencial."

Heidegger.

As investigações sobre o incêndio que matara três velhos e deixara para trás um mistério e três mortes continuavam.

Havia uma mancha de sangue sem explicação no quarto de dona Leopoldina, que, inconformada com a invasão dos investigadores, bradava.

Isso não é lei de o senhor vir para aqui fazer perguntas que não sei responder. Veja lá se na escola fosse assim, fazer aos alunos perguntas de matérias que não foram estudadas, seria o caos. Não é da minha competência explicar uma nica de sengue no chão, e o senhor também não tem competência nenhuma porque também não arranja nenhuma solução e não me vai prender por isso, pois não? (MÃE, 2011, p. 189).

O desafio dos investigadores era duplo: solucionar um crime e apaziguar os velhos. E o quadro fica ainda mais difícil se ponderarmos que a fala de dona Leopoldina fazia todo o sentido: por mais que procurassem, não achavam indícios que os levassem à elucidação do caso.

Em meio a desaforos, o inspetor Jaime Ramos deparou-se com o espanhol Enrique, que gritou:

Somos portugueses. Somos todos portugueses. Estamos livres de Franco, livres de Franco. (Ibid., 2011, p. 189).

E na resposta do inspetor, a explicação para o título desse capítulo.

"Ó senhor, ainda há disto? Estávamos bem era a falar castelhano, com salários castelhanos e uma princesa bonita para as revistas. Que filho da mãe de erro este de proclamarem soberania nos arremedos de uma península". (Ibid., 2011, p. 190).

O desejo dos portugueses de que a Espanha os reconquistasse. Que vivessem bem como acreditavam viverem os espanhóis.

as mulheres portuguesas é que faziam os espanhóis. abriam as pernas e pariam-nos a todos, estes espanhóis enjeitados, arrependidos, com vontade de voltar a casa, para terem melhor casa, melhores salários, uma dignidade à grande e não esta coisa quase a tombar no mar, como se cada vez mais pressionada contra a parede, a suicidar-se, cheias de saudades, remorsos, queixas e tristezas frustrantes. (Ibid., 2011, p. 185).

Detenhamo-nos na necessidade de não perder de vista que os personagens dessa história viveram um longo período sob um regime de exceção, e cada um à sua maneira carregava marcas dessa experiência até a velhice.

Ainda não se disse tudo sobre as implicações dessa experiência na vida dos sobreviventes, mas certamente ingredientes perversos perduram até o final dos dias daqueles a ela submetidos.

Atentemo-nos ainda para o fato de escutarmos, nas entrelinhas das falas dos velhos asilados, ecos do salazarismo.

Assim sendo, as implicações acima determinam uma leitura mais minuciosa dos comportamentos, demandas, medos e caminhos traçados pelos velhos do Feliz Idade.

"O que é digno de questionamento, é literalmente inesgotável", afirmou Heidegger. As repercussões das trajetórias políticas recente dos portugueses também o são.

Capítulo XVIII Sozinhos da maneira errada

"Então, antes de entender, meu coração embranqueceu como cabelos embranquecem".

Clarice Lispector.

Vencida a barreira que tinha para visitar o túmulo de Laura, o senhor Silva passou a fazê-lo com frequência. Mas esse hábito escondia uma das facetas do ressentimento que carregava em relação à morte da mulher.

eu esperava que me deixassem sozinho para correr ao cemitério espezinhar as flores. [...] era um gesto, uma fúria a vir ao de cima que se manifestava pontualmente sem razão nem sentido. apenas uma mecânica que tomava conta do meu corpo e o punha a fazer o que, depois, não me vinha mais à ideia. (MÃE, 2011, p. 193).

O senhor Silva, como afirmou Nietzsche ao tratar do ressentimento, ruminava as injustiças e injúrias sofridas e, na impossibilidade de esquecer o que considerava ser a maior de todas as injustiças – a ausência de Laura –, acionava suas forças destrutivas em direção a tudo que entendia como maneiras de tentar dar conta do inominável que era o amor que se fora.

estas flores idiotas não podem nada contra o que ela era, não são nada para a dignidade que ela tinha e para o amor que nos uniu. (Ibid., 2011, p. 194).

Esse era um assunto que o doutor Bernardo e a filha Elisa tiveram que tratar, apesar de temerem a reação do velho Silva. Mas, pela segunda vez frente ao médico, o senhor Silva astutamente adquire uma postura quase infantil, submissa, safando-se assim de maiores consequências de seu ato.

eu punha as orelhas baixas com ar de asneira infantil e quando admiti que era eu quem espezinhava as flores fi-lo como se a minha voz estivesse no fundo de um poço, com a voz no fundo da coragem, por ser tão difícil estar a dar parte de um velho tonto e teimoso. (Ibid., 2011, p. 199).

O expediente de encarnar um tipo de velho para cada situação, por um lado dificultava que doutor Bernardo e Elisa compreendessem com mais precisão suas atitudes e demandas. Mas, por outro, indicava que o velho ainda tinha o controle de mecanismos refinados que lhe permitiam permanecer no domínio de suas vontades.

No acontecimento seguinte, o papel encenado foi o de furioso da fúria dos inconformados.

eu não assinaria outro testamento. estava irredutível. descobriram naquele tempo que eu fizera um testamento, apenas um mês após a morte de laura, onde excluía o ricardo de tanto quanto podia, que era quase nada. porque a terna lei obriga a que um filho seja contemplado com os melhores naperons. e não voltaria a assinar nada, nem que ele me aparecesse ali, gritava eu, e ele que não me aparecesse ali que eu era bem capaz de reclamar como se tivesse direito de reclamar-lhe a vida de volta . a elisa começou a chorar e eu estava obstinado com a intenção de mandar em mim de novo. (Ibid., 2011, p. 196).

Tirar o filho do testamento e manter sua decisão foi algo que reaproximou o senhor Silva da sua estrutura essencial: ele, o homem família, que só pensava na família, que só amava a família, viu-se traído por um dos que tinham seu sangue! Inaceitável.

eu era muito claro a dizer isso mesmo ao doutro bernardo e à elisa, que não podia admitir que o ricardo pensasse digno de mim, digno de laura, porque não tinha tudo sido um erro. como um amor errado estivera no nosso coração um dia, mas quis ir-se embora, não nos pertence mais e não está mais cá dentro, foi um equívoco, um equívoco da natureza, se quiserem, mas ainda assim , suficiente para que a minha decisão esteja tomada, porque nem sinto que seja decisão alguma, é mais forte do que eu. (Ibid., 2011, p. 197).

Dessa forma, o senhor Silva parecia defender-se e garantir a sua sobrevivência frente aos avanços de movimentos percebidos por ele como potenciais retrocessos na sua vida já tão limitada.

enfurecido ia ameaçando para que não atrevessem a declarar-me inabilitado. (Ibid., 2011, p. 198).

Desgastado pela conversa com a filha e o médico, o senhor Silva foi procurar um ombro amigo: o senhor Anísio o recebeu dizendo que de nada adiantava tanta ansiedade, e como resposta ouviu um longo esconjurar de Deus, dos santos, da fé, da Igreja, de tudo enfim em que o pacato Anísio acreditava.

por que razão o anísio, o sábio anísio de olhos de luz, haveria de ser crente, intrigava-me e ofendia-me. ele sorria. passava as mãos pelos santos, tinha por ali uma bíblia também , e depois dizia-me que era mais uma maturidade de sentimentos, o saber por instinto que não estávamos sós. (Ibid., 2011, p. 199).

Da solidão que conhecia, aquela que sente e sofre pela ausência de outrem, o senhor Silva estava aos poucos se afastando, e foi junto com o senhor Anísio que saiu em procura do doutor Bernardo.

com anísio de braço dado, fui pedir desculpa ao doutor bernardo pelos gritos. reafirmei as minhas convicções e garanti que não deixava de pensar lucidamente nada daquilo que pensara enquanto estiver alterado, mas pedia desculpa porque não queria ser tomado como um velho malvado e queria, isso sim, muito mais importante, que entendesse que estava de cabeça formada como deve ser. o que quero, quero há um bom tempo e não há senilidade que me possa afastar daquilo que, com toda a inteligência e determinação de que fui capaz, decidi. (Ibid., 2011, p. 200).

Acompanhamos, pois, uma sequência de acontecimentos nos quais fica claro o desejo do senhor Silva de empoderar-se. Depois de conversar com doutor Bernardo e de este, aparentemente, aceitar seus argumentos, agradeceu a possibilidade de fazer o mesmo caminho de esclarecimento dos fatos com Elisa e recusou a possibilidade de telefonar-lhe.

não quis telefonar à elisa. agradeci a lembrança mas entendi que o seu incómodo era necessário para que não esquecesse a fronteira do meu domínio. (Ibid., 2011, p. 200).

Quanta lucidez nessa decisão!

Marcava assim o senhor Silva seus limites emocionais, ao mesmo tempo em que reforçava para a filha sua existência como sujeito de sua vida até que os fatos mostrassem o contrário.

A dificuldade estava, em discernir o lugar psíquico exato onde se encontrava o senhor Silva, que vivia oscilando entre o razoável e a perda da razão.

O velho Silva voltou ao cemitério com o amigo Anísio para embelezar o túmulo de Laura e prometeu ao doutor Bernardo que não destruiria mais as flores. Mas o fez.

fiquei a fazer de conta que era de acordo com aquilo. não garantia que não o voltasse a fazer, e voltei, apenas queria que me deixassem em paz e ser capaz de me voltar a rir. (Ibid., 2011, p. 200).

E foi com os outros Silvas que se encontraram no pátio do Feliz Idade e puseram-se a rir das bobagens que diziam uns aos outros.

calámo-nos a ver o que mais nos apetecia dizer e fez-se um breve e curioso silêncio. havia uma certa ansiedade entre os quatro. eu, como desfiando em mim a heresia com que me entusiasmava, o anísio descontando em tudo no bom que era eu ter recuperado a cor e estar animado, o silva da europa quase eufórico por encontrar em mim um espalhafatoso companheiro, á altura das suas intervenções exuberantes e terminantes, e o senhor pereira menos. bastante menos o senhor pereira, percebemos então. E o silêncio quebrou-se quando ele disse, é mesmo da próstata. o cancro. (Ibid., 2011, p. 202).

E então a imaginação do senhor Silva pôs-se a postos e ele começou a visualizar o câncer corroendo as entranhas do amigo.

Não havia limites para a imaginação do velho Silva.

Capítulo XIX Ainda um lugar de vida

"Quanto mais diferente de mim alguém é, mais real me parece, porque menos depende da minha subjectividade."

Fernando Pessoa.

À primeira vista, somos tentados a imaginar que para contar a história de um asilo e seus moradores, nada seria mais didático do que começar pela descrição do espaço e do perfil de cada velho. Mas, com o desenrolar da trama percebemos que tal fórmula não se verificou, e mais: a ausência dessas informações não nos fez falta, afinal "a máquina de fazer espanhóis" se trata muito mais da construção de uma rede de afetos e subjetividades do que de um elencar de relatos conhecidos sobre o envelhecer.

O Lar da Feliz Idade era, portanto, composto por cenários de encontros, descobertas e despedidas. O que acompanhamos foram as cenas protagonizadas pelo Senhor António Jorge da ***Silva*** e seus três coadjuvantes: o Silva ***da Europa***, ***Anísio*** Franco da Silva e Álvaro Silva ***Pereira.***

Dona Marta, Doutor Bernardo, Américo, Dona Leopoldina, Esteves, Medeiros, o espanhol, Elisa, todos esses personagens problematizaram de maneira prática ou emocional a vida com que o Senhor Silva, viúvo aos oitenta e quatro anos, teria que se haver, e foram a síntese de todas as mazelas, medos, potências e desafios do longeviver.

Naturalmente, a presença dos outros 89 moradores implicou, de maneira mais ou menos objetiva, na percepção desse novo universo que se descortinava para o senhor Silva.

Depois de observar diariamente os que o rodeavam, o senhor Silva construiu um verdadeiro *inventário de velhices* e, nesse mecanismo de observação cruzada com o seu repertório emocional, acabou por *desenhar* velhos que de alguma maneira trazia dentro de si.

A descrição dos moradores que por alguma razão tocaram sensivelmente o Senhor Silva é antes de tudo um exercício de generosidade desse velho sensibilizado por tantos afetos.

A artista plástica Karlla Girotto, ao refletir sobre a produção de subjetividades, nos apresenta a ideia de que: [...] ***"possuir a qualidade da generosidade implica ter um pedaço de si no outro e do outro em si, de tal forma natural que ninguém desaparece e o conjunto de coisas dadas passa a ser uma movência, um entre. Um que se dá ao outro que recebe e o contrário também. A generosidade é a paisagem."*** (GIROTTO, 2015, p.29).

A fruição do leitor ao deparar-se com um texto é também uma experiência de imaginar visualmente a paisagem que nos é dada, desenhando sutilezas, idiossincrasias, dobras e aquilo que apenas nossa sensibilidade é capaz de colorir. Essa é mais uma das maravilhas da literatura! Tornamo-nos artistas da vida, capazes de acessar campos que a princípio podem nos parecer inacessíveis.

Assim como o escritor e artista plástico Lourenço Mutarelli criou a ilustração "Pássaros negros" para a capa de *A máquina de fazer espanhóis* a partir das forças que a leitura mobilizou, Karlla Girotto, convidada para desenhar alguns dos velhos apresentados pelo senhor Silva neste capítulo, percorreu trajeto semelhante.

O percurso escolhido pela artista foi o da leitura do trecho referente a cada personagem e, imediatamente depois, as primeiras linhas eram traçadas.

Interessante a observação de Karlla ao ler o primeiro trecho – o de Dona Beatriz. Perplexa, exclamou: *"Acho que nunca desenhei um velho. Só conheço os velhos de minha família e os que convivem conosco... Ficarão todos iguais: os homens vestidos de terno e gravata e as mulheres com coques ou cabelos soltos e muito longos... São todos os velhos da igreja que eu frequentei na infância e meus pais frequentam até hoje."*

O que se deu na sequência, ao desenhar cada velho, foi o encontro, na prática, com a ideia de que não existe apenas uma velhice, e sim várias e múltiplas. Os velhos que foram ganhando vida pelas mãos da artista, que aos quarenta anos flagrou-se temerosa de não saber representar o que acabara de conhecer, tinham particularidades e potências absolutamente diferentes entre si.

Depois de alguns desenhos, Karlla já desejava saber mais e mais sobre os recônditos de cada personagem que desenhava, e problematizava nos desenhos questões sobre o envelhecer que foram mobilizadas pela leitura dos trechos que virão logo abaixo.

O desejo é que o olhar e a imaginação de Karlla Girotto nos aproximem ainda mais, e por outras vias, da experiência do envelhecer.

Comecemos por Dona Beatriz.

a ***dona beatriz dos vestidos a arrastar pelo chão deixou o lar pelo seu pé e sorridente. tinha conseguido convencer as filhas a levarem-na para casa e a suportarem em família a lentidão da despedida . eu achei que as tais xanica e pachi deviam ser, por debaixo das cores e dos odores, pessoas com uma inteligência emocional invejável.[...] quem me dera a mim que me tivessem levado para casa deixado em casa, acomodado no que sempre fora meu.*** (MÃE, 2011, p. 206).

Xanica e Pachi eram as filhas de dona Beatriz, que além de causarem furor com apelidos que remetiam às designações vulgares da vulva, deixaram o senhor Silva admirado com o gesto de levar a mãe de volta para casa.

Ao considerar que supostamente as filhas tinham "inteligência emocional", o senhor Silva adentra o terreno de uma contabilidade aparentemente capenga, posto que não conseguiu trazer para essa equação outros fatores que possam ter determinado a volta de dona Beatriz para o lugar de onde avalia que ela, e todos os velhos, nunca deveriam sair: seus lares. Doenças, limites financeiros, adequação da vida familiar às demandas do velho, todas essas situações podem, no limite, ter concorrido para a escolha das filhas de dona Beatriz em tirá-la do asilo.

O senhor Silva acredita, portanto, na saída do asilo como a saída de um exílio, pois considera que aqueles que lá estão deixaram para trás todas as marcas de suas diferenças assim como as possibilidades reais de sentido para o final de suas vidas.

à nossa direita, com uma mesa redonda de intervalo, sentavam-se cinco senhoras curiosas. eram cinco mulheres que ocupavam a mesa como completas, autossuficientes, um círculo fechado, sem infiltrações, sem o lar dentro delas, apenas em seu redor. aquelas mulheres eram uma aldeia dentro da lar. eram literalmente uma aldeia. (Ibid., 2011, p. 208).

A maneira singular com que as cinco velhas senhoras ocupavam o espaço despertou a atenção do senhor Silva, que identificou no grupo a noção de pertencimento. Juntas, pareciam blindadas contra todas as mazelas da vida no Feliz Idade – e mais, fortalecidas para a velhice.

A ideia de aldeia, tão cara aos portugueses, aparece como sustentáculo da vida possível dentro de um asilo.

passavam as manhãs no tanque a lavar de branco as roupas, a trocarem entre si os sabões grandes e as escovas para surrar os tecidos. ajoelhavam-se na pouca terra do quintal, logo depois do pátio e do tanque, e plantavam pequenas coisas de que se serviam com ciência e cuidado. havia cenouras que desenterravam e se punham a lavar em água corrente para depois irem para a cozinha pegar em panelas pequenas e fazer as suas sopas. as cozinheiras desviavam-se delas, com algum carinho, era visível, porque se punham todas as cinco independentes e ativas como poucos de nós que ali estávamos. (Ibid., 2011, p. 208).

Organizadas que estavam como um rebatimento da sociedade de onde vieram, ou seja, as aldeias, elas replicavam no asilo a mesma rotina que tinham antes de lá estarem.

Assim como nas aldeias portuguesas, a prática das mulheres de lavar roupas em grupo foi mantida por elas. Muito além do ato em si, esse era o momento de partilhar as coisas da vida, amores e dores.

porque se punham todas as cinco independentes e ativas como poucos de nós que ali estávamos. nos vasos de enfeite, onde se plantam umas flores ou uns cactos, elas plantavam ervas aromáticas na terra que sobejava. aproveitavam os ínfimos espaços de terra como se os rentabilizassem para uma economia de cinco que, suspeitávamos nós, ainda era uma economia de saúde e tino da qual poderíamos ter muita inveja. (Ibid., 2011, p. 208).

Plantar e garantir seus alimentos também fazia parte da ideia da manutenção da potência vital de cada uma delas, e como observou o senhor Silva, ao fazê-lo pareciam transmitir aos alimentos que preparavam toda uma ciência que implicava a manutenção da vida com saúde.

Recorrendo a Gonçalo M. Tavares, **"o que importa não é apenas que um indivíduo sobreviva*, mas que a felicidade do indivíduo sobreviva,* se mantenha. Saúde vista assim como sinônimo de bem-estar, de bem existir, eu diria: de *bem não morrer"*.** (TAVARES, 2013, p. 299).

sentadas ali ao nosso pé, almoçavam em conversas discretas. com ar de quem tinha tarefas e as revias brevemente e profundas de responsabilidade. víamo-las naquele círculo fechado, completas, como disse, e o lar passava em seu redor, não penetrava, não tinha como abalar aquela estrutura de sobrevivência que , á percepção da mesa do lado, parecia uma estratégia fabulosa. (MÃE, 2011, p. 208).

Essa parece ser a descrição de cinco mulheres que encontraram uma nas outras a inteireza necessária para o enfrentamento das mudanças inevitáveis que o tempo carrega.

Gonçalo M. Tavares nesse sentido é lapidar ao escrever que: [...] ***"o que escolhemos para comer, o que escolhemos para ouvir e falar, o que escolhemos para ocupar a nossa cabeça, o nosso pensamento, o que escolhemos fazer. Eis o que determina o vigor de uma existência ou o seu declínio".*** (TAVARES, 2013, p. 328).

Nas escolhas compartilhadas pelas cinco curiosas senhoras, a possibilidade de construção de um coletivo onde as marcas de gênero foram mantidas, assim como os fazeres ancestrais adaptados à vida numa instituição fechada.

Certamente essa saudável forma de resistir e seguir causava inveja àqueles que, como o senhor Silva, lutavam para reencontrar sentido no dia a dia.

junto ao balcão da cozinha estava sempre sentado o senhor ferreira. a cabeça pendida sobre o prato vazio onde ele, de vez em quando, punha a mão como a procura de comida. ficava com o corpo inclinado sobre a mesa, a cabeça a um palmo do prato, os olhos abertos mexendo-se em círculos tentando ver para as outras mesas, tentando ver quem estava ou não na sala.[...] mais tarde quando as pessoas estavam todas servidas, as cozinheiras iam para ali e levavam-lhe a comida à boca e tratavam aquele homem como se fosse delas e assim o aliviassem de alguma tristeza. (MÃE, 2011, p. 209).

O senhor Silva atentou-se ao cuidado das cozinheiras para com o senhor Ferreira e a diferença que isso fazia na vida do velho. Paradoxalmente ao seu impulso por

autonomia e independência, o gesto das cozinheiras remeteu a uma sensação de carinho que o sensibilizou e trouxe à tona a ideia de que isso amenizava a tristeza do senhor Ferreira.

perto de nós costumava estar uma velhota com um xaile sentada. também não a serviam. ficava quieta, embrulhada do frio constante que sentia e via cores baças que imaginava serem pessoas. tinham-lhe posto uns óculos de lentes fundas, mas ela continuava a dizer que não via grande coisa e lá ficava, a oscilar para um lado e para outro, assim a abanar o tronco em direção a quem passasse mais perto, a ver se conseguia definir algo às vistas, a ver se via. morreu. devia ter morrido, pelo tempo que levava já desaparecida dali, deve ter-lhe dado a cegueira de uma vez por todas. a outra cegueira, a que não apura os sentidos alternativos. (Ibid., 2011, p. 209).

Outro perfil sintetizador de um tipo reconhecidamente português: a velha de xale a esconder sua tristeza e a balançar sua história de vida embaçada pelo tempo.

Os óculos, que mais atrapalhavam do que ajudavam como a metáfora da impossibilidade de ver aquilo e aqueles que já não estavam no seu campo de afetos e relações, chamavam atenção pela grossura das lentes, que paradoxalmente não deixavam a velha ser percebida pelo olhar do outro.

A cegueira pela falta de afeto. Aquele que, apesar de ver a todos, não consegue ser visto. Esse não lugar onde nem os olhos podem substituir as palavras.

Uma cegueira generalizada que só ganha luz pela ausência-morte da mulher de xale e ***"todos se esforçando para fazer de conta que aquele ainda era um lugar de vida."*** (Ibid., 2011, p. 209).

numa das janelas, na verdade ali bem junto a um dos vidros que deitavam para o nosso pátio, estava também, dia inteiro, um tal de robertinho. uns centímetros de velho que falava com uma voz de menino, aguda e falhada, [...] gostava de ver toda gente no interior, animando aquele espaço como se fosse uma festa de banquete montado e tudo. fazia o que podia para falar mais alto, se também era maior o barulho, e em alguns momentos uma enfermeira ou outro funcionário ia dar-lhe ordens precisas para que falasse mais baixo. e perguntavam. ó robertinho, com quem estás tu a falar. não está aqui ninguém a ouvir-te. e ele dizia com as pessoas, estou a

falar com as pessoas.[...] falava com as pessoas como se as pessoas falassem com ele também. (Ibid., 2011, p. 210).

Talvez a maior de todas as solidões. A ilusão de ser ouvido.

Tantos e quantos Robertinhos habitam asilos, clínicas, hospitais e, principalmente, nossos lares?

A força do desejo de falar era diametralmente oposta ao seu tamanho e ao tom da voz, e o diminutivo do seu nome o colocava no lugar das crianças, que, assim como ele, são deixadas falando sozinhas quando os adultos são incapazes de ouvi-las.

Não havia escuta para a fala entusiasmada de Robertinho. Os velhos não ouviam o que Robertinho falava e ele continuava falando. Essa era sua maneira de não apequenar-se.

a dona dores e o domingos ficavam sempre sozinhos numa das mesas retangulares um pouco diante de nós, ainda antes das companhias do anísio. a dona dores e o domingos eram mãe e filho, ela muito velha e ele com uma deficiência mental que lhe tirava a maldade e o punha calmo e infantil para sempre. ele não vivia no lar, vinha lá de fora à hora certa para a refeição, e a dona dores fazia-lhe o prato em cima da bandeja e levava-lhe a colher à boca a dizer-lhe coisas engraçadas e a animá-lo, o anísio que ficava ali lado a lado com eles, tinha sempre uma palavra para o rapaz. metia-se com o rapaz como se fosse para o deixar feliz. e o rapaz sorria e comia e depois ia-se embora sozinho, habituado a caminhar para casa pelas beiras das portas, sem dar conversas a desconhecidos sem demora. nunca aconteceu de haver um problema com ele. dia após dia ele vinha abotoado e esfaimado. (Ibid., 2011, p. 209).

O acolhimento dado ao filho de uma moradora nos mostra que a inclusão das diferenças e necessidades especiais encerram sempre a possibilidade de ganhos para todos os envolvidos e, como nesse caso, pode ter o potencial de despertar nos demais moradores gestos de carinho e solidariedade.

Dona Dores continuava exercendo sua prolongada maternidade, o vínculo tão essencial para a vida do filho, e, por consequência, mantinha acesa sua vontade de viver.

E nessa cartografia da sala de refeições, o senhor Silva acaba por descobrir que o amigo Anísio, sempre sentado com as mesmas oito senhoras, estava absorto a olhar uma senhora de discreta elegância e muito desconcerto.

o velho com os olhos de luz iluminava continuamente o mesmo rosto, apenas um rosto, como se necessitado desse rosto, como se querendo dizer-lhe alguma coisa, e a dona glória, a glória do linho como a conhecíamos, comia envergonhada, sem fome nem nada, a corar aqui e acolá, sem falar, sem participara na conversa das outras sem conseguir escapulir-se, sem poder nada contra as investidas ansiosas do nosso sábio amigo. o mais sábio, pensei eu atónito, o único que foi para ali com lata suficiente para pensar, e deixar se sentir, no amor. o filho da grande mãe. (Ibid., 2011, p. 212).

Surpreendendo genuinamente o senhor Silva, o amigo Anísio estava apaixonado!

Encontrar uma parceira no Feliz Idade não estava em nenhuma das conjecturas estruturadas pelo velho Silva e, portanto, ele foi pego realmente de surpresa ao perceber o clima entre os dois velhos na mesa do almoço.

Preso à figura de Laura e à insistente ideia de que a vida só era possível com ela, o senhor Silva fechou-se para qualquer tipo de afeto que pudesse potencialmente tomar o lugar da mulher falecida.

Ao afirmar que o senhor Anísio era um sábio, ele, porém, parece cair em si considerando que o amor, por mais platônico que fosse, poderia sim ser algo positivo e inspirador.

O senhor Anísio chegou ao Feliz Idade trazendo na bagagem a vontade de continuar tendo em sua vida as paixões que sempre o encantaram: a história, a literatura, o convívio com as pessoas, o desejo de continuar a escrever o livro sobre a arte antiga portuguesa... Um encontro amoroso apenas engrossaria a lista já grande de desejos abrigados em sua vida.

Ao reconhecer a existência desses velhos, reparando em suas características mais peculiares e às vezes perturbadoras, o senhor Silva acabava por ampliar seu entendimento sobre as velhices possíveis, e, mesmo sem perceber, recolocava suas

impressões sobre aqueles que até então não considerava dignos de sua atenção, e em alguns casos, compaixão.

Eram muitos. Eram noventa e três moradores que do dia para a noite desapareciam, num desaparecimento que tinha nome: morte.

Acostumar-se com essas ausências abruptas foi um dos aprendizados do senhor Silva.

claro está que, quando alguém morria, eu não tinha percepção de que subitamente alguém ali faltava, alguém que pudesse estar já a ser substituído por outra pessoa. acontecia de estranhar um rosto, achar que seria um rosto novo, mas não era garantido ter razão.[...] a cada fuga, alguém entrava de novo a compor o número preciso de utentes, como um universo perfeito, completo, que se alimenta dos restos do tempo que as pessoas têm. os nossos restos, todos juntos, fazem a vida dos funcionários. por isso, morrer alguém é sempre um acontecimento relativo. com um piscar de olhos, se víssemos melhor, alguém de novo estaria pelas cadeiras e pelas mesas do salão de almoços e nós poderíamos levar um bom tempo a perceber que alguma coisa mudara. (Ibid., 2011, p. 212).

Uma engrenagem em pleno funcionamento que, apesar de já entendida pelo senhor Silva, não deixava de causar espanto por seu perfeito e natural movimento: chegadas e partidas se alternando na reconstrução de um cenário de vida e morte.

diante daquele assunto ficávamos todos demolidos, sem meios. parávamos. podíamos ir observando o que faziam e diziam os outros velhos. observávamos e sentíamo-nos distantes, e ao mesmo tempo, presos ali com ferros. caramba, uma sensação de impotência terrível, a de estarmos sentados numas cadeiras quietas, quietos a sermos apanhados à bruta pela idade, a sermos apanhados à bruta pelas doenças e pelo cínico de quem ainda é jovem e manda em tudo e menospreza como gente a ficar deficiente. progressivamente, como se a glória da vida se consumasse na maior das humilhações. (Ibid., 2011, p. 207).

Diante de certos assuntos, somos todos, velhos ou jovens, apanhados à bruta.

A mesa do sr. Silva.

Dona Beatriz dos vestidos a arrastar pelo chão.

As cincos senhoras curiosas.

Senhor Ferreira.

A velha do xale.

Dona Glória do linho.

Robertinho.

Mãe e filho.

Capítulo XX A maioria da gente é outra gente

"Coração do outro é uma terra que ninguém pisa."

Bartolomeu Campos de Queirós.

Uma vez que o senhor Silva havia percebido o clima amoroso entre o amigo Anísio e a dona Glória do linho, restava-lhe agora acompanhar o desenrolar do ritual de conquista que havia se iniciado entre ambos.

Dividido entre regozijar-se pela vivacidade repentina do amigo e a latente inveja que sentia por estar tão longe dessa experiência, o senhor Silva começou a se manifestar sobre um assunto que há muito deixara de fazer parte de sua rotina: a sedução.

e o anísio, como macho, já muito a partir das reminiscências de outros tempos, circundava aqueles sinais, aproximando-se lentamente do território, aproximando-se lentamente do território. era para ser uma conquista de cuidados. sem riscos, sem ridículos desnecessários. uma corte madura, preparada para ir à volta dos perigos mais óbvios. um galo enamorado mas esperto, o anísio ainda não a beijara e nem sequer lhe tomara a mão. nem pensar. estavam velhos e depois dos amores, era preciso lembrar as aflições que ele tinha de coração. era preciso que não exaltasse nada ali dentro, ou que a animação fosse moderada, para não destruir esse músculo onde se guardam os sentimentos mais extremos. nem seria correto um namoro como o dos adolescentes, fisicamente elaborado e exigente. (MÃE, 2011, p. 218).

A velhice do senhor Anísio estava afetada pelo desejo.

Apesar de perceber-se e atentar-se aos limites físicos que permeavam sua performance – lembremo-nos que a razão de estar no Feliz Idade fora um acidente coronário – o velho enamorado criativamente avançava pelos meandros da sedução.

Sim, estavam velhos. Mas esse fato não era tratado como impeditivo e sim definidor da necessidade natural de adaptação às demandas de funcionamento de um corpo diferente, porém experiente e ávido para o encontro de outro corpo igualmente velho e pulsante como o seu.

Conforme Ângela Mucida afirma, [...] ***"não é a idade que determina a ausência do desejo e, muito menos, a ausência ou a presença de relações sexuais, mesmo que estas possam ser inscritas na velhice sob tecidos diferentes daqueles encontrados na adolescência, nos quais computar os orgasmos é uma forma usual. A sexualidade do idoso pode encontrar caminhos inéditos nos quais o desejo, que não morre, encontra outras maneiras de inscrição."*** (MUCIDA, 2014, p. 157).

era fundamental que aquela fosse uma corte feita de ciências e sonhos de velho. os sonhos de velho são como a memória de peixes. duram uns segundos e por uns segundos já valerão a pena. a expectativa de vida a ser um contínuo e alegria não é nunca mais colocada. tudo é fraccionário. sabemos perfeitamente ao que podemos almejar. e o anísio sonhava assim, em pequenos instantes de cada coisa. sem estragar nada. deixando que a aventura se adensasse para não perder a aventura. (MÃE, 2011, p. 218).

Quanta poesia no descrever da experiência amorosa na velhice!

Inevitável nos remetermos à realidade que encontramos no nosso dia a dia, na qual está envolvido esse assunto-tabu. Deparamo-nos, com uma frequência inaceitável, com situações onde o tema é tratado de forma preconceituosa e jocosa, denotando fundamentalmente a falta de informação e aproximação respeitosa ao universo da velhice. E tudo isso acontece como se aqueles que assim o fazem também não estivessem envelhecendo a cada dia e não fossem experimentar a vivência das pulsões do desejo quando velhos.

Mais uma vez a psicanalista Ângela Mucida traz luz à situação descrita acima afirmando que: [...] ***"diante da angústia que descortina o limite da potência fálica, a qual a velhice escancara, resta a pilhéria como um tratamento possível [...] de qualquer forma, não podemos nos esquecer de que as perdas fálicas recobrem tanto as mulheres quanto os homens, mesmo que de forma diferenciada".*** (MUCIDA, 2014, p. 161).

Atentemos para a descrição que o senhor Silva nos faz sobre essas novas emoções experimentadas por Dona Gloria do linho.

ficava estupefacta, como ficam estupefectados todos os enamorados, absolutamente perplexa com a sorte de ter encantado tal homem, com a sorte de ter

encantado alguém, que era o que a encantava mais, a energia incrível de merecer toda a atenção de alguém, depois de a idade a ir empurrando para o tempo de ficar discreta, ser discreta para melhor se preparar para ser nada. (MÃE, 2011, p. 218).

Não podemos deixar de observar que, diferente do amigo Anísio, o senhor Silva parece avaliar que a velha mulher fora agraciada com um verdadeiro milagre da Mariazinha que tinha na cabeceira; afinal, para as mulheres inseridas numa sociedade tradicional e patriarcal como a portuguesa, ser velha é sinônimo de apagamento total do sujeito.

Dona Glória do linho era uma costureira cheia de virtudes e discrição que envelheceu e desistiu de encontrar um homem que pudesse chamar de seu. Portanto, o senhor Anísio era motivo de uma excitação que desconhecia, mas estava a gostar; de um gozo que já imaginava impossível, mas estava, finalmente, a experimentar.

O relacionamento entre Dona Glória do linho e o velho Anísio foi se fortalecendo, e com o passar dos dias já eram flagrados pelos cantos do asilo a terem conversas com muita intimidade e carinho.

Todavia, saudoso que estava das rodas de conversas com os outros três Silvas, Anísio tentou introduzir a namorada no grupo. Missão difícil, posto que, ciosos de seus papéis masculinos, eles tinham dificuldades em aceitar uma mulher no grupo já tão forte e amistosamente constituído.

e aquela foi uma tarde horrível. aquilo não funcionava de todo com a mulher ao meio. o silva da europa só se punha a dizer disparates de macho, como se lhe coubesse a si meter ideias de ternura no coração da senhora, e o senhor pereira anulava-se, ficava a sentir o cu a subir às dentadas por ele acima, como se o cancro lhe tirasse o direito de pensar noutra coisa, sobretudo no amor, ainda que fosse no dos outros. e eu perdia a paciência para a pose educada de estar sempre a travar o da europa e a espevitar o senhor pereira e, pior, a tolerar o derretido do anísio como se desfazendo em água de rosas pela camisa abaixo. (Ibid., 2011, p. 221).

Cada um dos Silva portou-se exteriorizando uma faceta de sua personalidade. O Silva da Europa disparou a falar e falar como sempre fazia quando percebia estar envolvido numa situação delicada; o senhor Silva tentou reduzir os danos do desastre que se aproximava; o senhor Anísio, distribuindo mesuras e palavras meladas e,

finalmente, o senhor Pereira. Do velho homem que estava sempre pronto a acolher ao velho homem doente que aos poucos ia cedendo espaço para o rancor, a descrença e um profundo medo da morte.

O senhor Pereira sofria com a ideia de estar tomado pelo câncer, e caia cada vez mais nesse poço sem fundo sucumbindo às dores dilacerantes.

Gonçalo M. Tavares ao tratar do tema Corpo e Dor reflete que: [...] ***"a dor insuportável colocará todo o corpo – todas as suas partes – ao serviço dessa dor, sendo que, neste caso, serviço significa atenção virada para ou mesmo: subserviência; a dor forte num certo local do organismo torna todo corpo virado para ela, numa subserviência física que faz anular toda e qualquer vontade".*** (TAVARES, 2013, p. 332).

E a vontade de viver, até então tão cara ao senhor Pereira, fora anulada pela dor.

Porém, vale pontuar que não é raro encontrar velhos que tratam de suas doenças e dores como verdadeiro patrimônio que, quando de interesse dos mesmos, servem como moeda de troca de afetos, cuidados e atenção.

No desafortunado encontro dos Silvas com a dona Glória do linho, verificou-se uma situação em que a exposição da gravidade e das dores causadas pelas doenças da velha e do senhor Pereira serviriam para serem dignos de maior atenção do bom Anísio.

quando temos um cancro dói-nos tudo minha senhora, tudo [...] com sua idade o cancro é só mais uma coisa escrita, não faz nada, agora, um problema nos ossos, como se estivessem a esboroar-se e a meterem-se na carne para se segurarem direitos, isso é que é doer, entendem não tem receita nem melhoria. [...] nada, não se pensa em nada. (MÃE, 2011, p. 222).

Depois dessa improvável conversa, o clima foi ficando mais pesado e o encontro terminou numa triste troca de ofensas entre a velha e o velho já moribundo.

o anísio estava de surpresa no chão, com um ar desolado que lhe solicitava escolher entre o amor e a amizade, uma estupidez antiga, um ciúme infantil. a dona glória do linho perdera o pio. fora tudo demasiado mal-educado para a sua expectativa. e eu não intercedi por ninguém. faltava-me um pouco o ar, como se o ar disponível fosse menos desde há muito tempo. como se fosse mais difícil o simples ato de respirar. já o havia notado. (Ibid., 2011, p. 222).

O corpo do senhor Silva o estava alertando de que algo não andava bem e [...] ***"o corpo não é, pois, apenas uma rede vazia que deixa passar as coisas através dela: o corpo é um volume, isto é, tem lá dentro coisas, partes, órgãos; no fundo: tem lá dentro informação. Todo o volume, enquanto meio orgânico, manifesta a existência interior de um conjunto de informações; porque a matéria é uma informação; mais: é uma notícia: algo que acaba de aparecer. Algo que está prestes a desaparecer."*** (TAVARES, 2013, p.328).

Portanto, o senhor Silva percebera que teria que lidar com um dado novo em sua vida: uma fragilidade imposta por algo que ela ainda não conhecia com exatidão, mas que já entendera se tratar de algo novo e potencialmente capaz de alterar a sua rotina.

Para além da preocupação com os sintomas respiratórios que apresentava, o velho Silva continuava imerso no medo da escuridão que sentia invariavelmente, e nas noites que se seguiam a dias em que de alguma maneira era abalado emocionalmente pelos pássaros negros.

levantei-me, corajosamente abri a porta do meu quarto e percebi que os pássaros se juntaram sobre mim. saí ao corredor e o barulho tornou-se ensurdecedor ecoando no vão do edifício como se fossem mil vezes mais bichos ao meu redor. segui até o quarto dezesseis, abri a porta e assim ficou aberta, sentei-me na cama e observei o senhor pereira. a passarada entrara e fazia no seu quarto o mesmo desespero que no meu. (MÃE, 2011, p. 223).

Pela segunda vez o senhor Silva dividia a cama com amigos: na primeira fora Esteves amedrontado a pedir-lhe abrigo, e agora era ele quem pedia um pedaço possível de segurança na cama do senhor Pereira.

e que lhe deu, senhor silva. não sei. vejo uns pássaros pretos, abutres, a voarem em cima de minha cabeça. é criação dos seus olhos, aqui não entram nem moscas, as janelas não abrem. eu sei, mas acho que é uma forma de ter medo. julguei que não tivesse medo de nada. mas tenho. tem de quê. de ser desfeito, de a morte me desfazer, não sei. depois de estar morto não há de sentir, é o que dizem. quem diz isso, ninguém pode dizer tal coisa. o amigo silva está a ficar espiritual. não, é só de ter medo. (Ibid., 2011, p. 224).

Estamos, pois, em face de uma mudança na configuração dos episódios de terror noturno do senhor Silva, e essa mudança aconteceu justamente quando seu corpo dava os primeiros sinais de algum tipo de fragilidade e descompasso. Era a primeira vez que, ao contrário do que sustentara até então, admitia carregar medos e o maior deles era o medo da morte e do seu desfazimento. Dúvidas e aflições existenciais que começavam a ser divididas com o amigo que, assim como ele, começava a imaginar a própria morte.

Ao argumentar que ninguém poderia afirmar que não era possível garantir o que acontece depois de que morremos o senhor Silva problematiza a questão dos *pensamentos inverificáveis,* conceito elaborado pelo filósofo alemão Ludwig Wittgenstein e discutido por Gonçalo M. Tavares, que acrescenta que: [...] ***"neste inverificável poderemos colocar o acontecimento da própria morte: como posso pensar algo que nunca poderei verificar, olhar de fora? Como pensar na própria morte?"*** (TAVARES, 2013, p.408).

Diferentemente do senhor Silva, o velho Pereira angustiava-se pelo que iria deixar.

eu também tenho medo, mas não é de ser desfeito, é de ir-me embora daqui, de isto acabar. esta merda, perguntei eu, de acabar esta merda, senhor pereira. e ele abanou a cabeça e disse, melhor que merda nenhuma ou merda pior. (MÃE, 2011, p. 224).

Na perspectiva do envelhecimento como processo, verificamos que as relações distintas com a finitude articulam-se diretamente com as experiências de vida de cada um.

O senhor Pereira fora abandonado pelos filhos no asilo, e anteriormente pela segunda mulher, que o traíra compulsivamente. No Feliz Idade preenchera os vazios que trazia com afetos estruturantes de sua velhice: ali era reconhecido como um homem acolhedor, conectado com os moradores, ávido por conviver e conhecer o universo ímpar de cada um que lá chegava. Assim foi com o Senhor Silva. E isso tinha medo de perder.

Nesse encontro repleto de confissões íntimas e desabafos corriqueiros, os velhos puderam dividir suas mais profundas inseguranças, e juntos avançaram em alguns

momentos para um assunto, que, apesar de abafado, sempre permeara os seus pensamentos e fantasias dos velhos. Todos os velhos.

o anísio, que é um gajo inteligente, agora ficou convencido de que é o maior, ele que ainda tem uma mulher. pois é, se calhar é. e que lhe vai fazer, não pode enfiar nada, só se for para lamber, mas já não está em idade de lamber nada, ainda lhe cai a placa. (Ibid., 2011, p. 224).

Encontramos subjacente ao fato de os dois amigos estarem enciumados frente à paixão vivida pelo senhor Anísio, o fato de: [...] ***"que habitada pelo mesmo silêncio de outrora ou inscrita apenas no campo da pilhéria, da piada, ou, por vezes, do chiste, a sexualidade do idoso exibe-se apenas como símbolo do que não funciona mais".*** (MUCIDA, 2014, p. 159) e, nesse caso específico são os próprios velhos a fazer valer e reforçar esse lugar cultural da sexualidade na velhice.

Depois dessa incursão para o tema-tabu sexo, os velhos avançaram nessa seara e puderam deixar fluir uma troca de experiências, preferências sexuais, relatos de aventuras, para, mais aliviados, poderem voltar a falar dos medos que a escuridão da noite trazia.

Já informado pelo doutor Bernardo que o câncer que tinha estava em estágio muito avançado e já não havia como pensar em cura, o senhor Pereira começou a encarar seus medos. E o primeiro fantasma a ser encarado foi o de dona Marta, ex-moradora do quarto que agora habitava.

ela apareceu aí uma noite a chorar e eu disse-lhe para ir para o raio que o parta , que fosse assombrar o marido, que não estou para aturar a dor de corno de uma assombração. e ela. ela nada, ó senhor silva, era uma coisa da minha cabeça, como os seus pássaros [...] ó senhor silva, ambos sabemos que a realidade me entrou pelo cu adentro, a mim já não apanham com a casmurrice de inventar coisas. (MÃE, 2011, p. 226).

Os perigos fabricados pela imaginação de ambos estavam paulatinamente sendo recolocados. A possibilidade da morte real foi mais forte do que aquilo que Bachelard trata como a "sedução do irreal", [...] ***"este querer ver o que não se vê. Estou de olhos fixos no que não se vê, estou de olhos no irreal, vejo o que não existe e posso descrever-te. O irreal torna-se concreto, físico, tocável, real, portanto, por via da***

imaginação. Máquina de produzir realidades, realidades alternativas àquelas que os sentidos constroem." (TAVARES, 2013, p.402).

Para o senhor Silva, todavia, a "máquina de produzir realidades" ainda estava em pleno funcionamento a produzir pássaros negros.

eu sei lá porque os vejo, às vezes vejo coisas com uma clareza que custa a crer que a imaginação tenha tanto talento. (MÃE, 2011, p. 226).

E era com clareza que o senhor Pereira enfrentava a doença. Ressentia-se dos procedimentos invasivos aos quais fora submetido, mas essa experiência não era nem de longe o que o deixava mais combalido.

o que toca a todos não é humilhação nenhuma. não pense que isso é novo para algum velho aqui de dentro. toda a gente já passou pelo mesmo. mas nem toda gente voltou com o meu diagnóstico. (Ibid., 2011, p. 227).

Frente à declaração tão pungente, o senhor Silva rapidamente desvia o assunto e mais uma vez, o tema da conversa volta a ser sexo. Dessa vez, as escapadas da enfermeira da noite com o guarda.

Interessante observar que esse inusitado encontro foi permeado por dois assuntos básicos que se alternavam: medo e sexo, numa alternância que os trazia vagorosamente para a vida.

Já cansados de tanto sussurrarem por medo da vigilância, ajeitaram-se na cama, o que trouxe à lembrança o velho Esteves, que pouco antes de morrer, também tinha ido se meter na cama de um amigo, desta feita, o senhor Silva.

Ambos então concordaram que Esteves tinha sido mesmo personagem de Fernando Pessoa.

sempre me pareceram sinceras as palavras dele, já lho confiei, para mim foi o esteves da tabacaria do álvaro de campos do fernando pessoa. para mim foi. não tenho dúvidas. para mim também. era um amigo. era um belo amigo. (Ibid., 2011, p. 228).

O afeto e a imaginação nublaram a realidade e não tinham mais porque problematizar a existência do bom Esteves, o bom amigo cheio de metafísica.

Todavia a ideia de morte os rondava. Foi inevitável trazerem à baila a morte de João Esteves que, talvez, pudesse ter sido destruido pela força terrível que emanava do moribundo Medeiros.

e também sempre me pareceu verdade quando dizia que tinha medo do medeiros, que este lhe chamava nomes à noite a meter-lhe medo. eu também acho. acho que alguma coisa que lhe havia de roubar a metafísica de uma vez por todas e obriga-lo a sucumbir. o esteves, meu caro, foi morto com toda desfaçatez do mundo. (Ibid., 2011, p. 228).

O espaço físico do Lar da Feliz Idade, conforme já mencionamos anteriormente, reservava aos moradores necessitados de cuidados médicos avançados e aos moribundos uma ala com vista para o cemitério. Não é difícil imaginar o que essa configuração sinistra despertava nos velhos que habitavam os quartos com vista para um jardim público, frequentado por crianças. Ao menor sinal de mudança de andar, estremeciam e eram tomados pelo pavor da proximidade da morte.

Parece-nos que a gestão do espaço e suas implicações no imaginário dos moradores não era algo levado em conta, o que, no limite, legava aos velhos uma ansiedade da qual poderiam ser poupados. Afinal, é importante que tenhamos em perspectiva o fato de que a manutenção dessa gestão incidia sobre a maneira com que um morador desenganado como o senhor Pereira lidaria com sua possível ida para esse espaço: certamente o estado emocional desse velho paciente não ajudaria em nada sua manutenção nesse espaço hospitalar.

Com um misto de medo e excitação, o senhor Silva foi convencido pelo amigo Pereira a fazerem uma incursão ao referido quarto.

você está louco. aquilo assusta-me. entrei lá de dia e fiquei assustado. mas vamos os dois, a gente agarra-se um ao outro e vamos devagar, sem barulho. só precisamos de ouvir, a ver se o esteves tinha razão. se eu for lá em cima morro. não morre nada. antes de si ainda hei de ir eu. senhor pereira, eu vou, mas se der um ataque de qualquer coisa, você fica com o remorso. (Ibid., 2011, p. 229).

Qual seria "o ataque de qualquer coisa" ao qual o senhor Silva estava se referindo? Poderia já ser fruto de sua percepção sobre o estado delicado de sua saúde ou

estaria ele se referindo ao medo de, mais uma vez, perder o controle e atacar um dos moribundos?

Aqui cabe refletirmos sobre outro aspecto da gestão dessa instituição fechada.

Como dito anteriormente, a enfermeira do corredor dos quartos do senhor Pereira e do senhor Silva estava entretida com sua aventura sexual, portanto, todo o movimento que aconteceu no andar de baixo não fora percebido ou comedido por nenhum funcionário.

Já no andar de cima, sabia senhor Silva, os pacientes não ficavam o tempo todo acompanhados pela enfermagem, razão pela qual os ataques impetrados anteriormente pelo senhor Silva não puderam ser evitados.

Tal configuração nos remete à falta de estrutura que instituições que se pretendem acolhedoras e aptas tecnicamente a receber moradores-pacientes velhos apresentam. Excesso de velhos, alta demanda por uma vaga, formação duvidosa da equipe técnica e gestão pouco humanizada da instituição: elementos com alto potencial de se tornarem geradores de situações incontornáveis com custo de vidas.

Assim, livres para acessarem o quarto e acionarem suas maiores fantasias sobre esse espaço de medo, seguiram agarrados um ao outro e na mão o senhor Silva levava uma arma que já tinha se mostrado mortal.

o que é isso. é um livro. para que trouxe um livro, vai ler. não sei. se ele atirar em mim, dou-lhe com o livro na cabeça. é pesado. (Ibid., 2011, p. 229).

Ao entrarem no quarto foram recebidos pelo senhor Medeiros, aquele que alimentava suas fantasias, não o moribundo que há tempos era um corpo a vegetar.

naquele momento o senhor medeiros abriu a boca e disse, morre filho da puta, morre, seu grande filho da puta, e o espanhol respondeu, cabrão de diabo, filho da puta és tu [...] no escuro do quarto, com um pouco de luar que vencia as brechas nas portadas, pude ver os olhos vidrados do senhor medeiros à procura dos meus. uns olhos malignos que sabiam exatamente onde estavam os meus. (Ibid., 2011, p. 230).

Nem o luar, metáfora de uma possível lucidez restante, conseguiu vencer [...] ***"a escuridão – o espaço não visível – como espaço do perigo, o espaço das coisas estranhas; aquilo que não se vê é temível, assusta. É no fundo, estranho porque a***

situação normal é aquela em que as coisas que existem são vistas no momento em que existem – existir e ser visível tornou-se quase sinônimo e tal deve-se a uma necessidade de segurança: aparece, mostra que existes. No entanto, algo não aparece, mas existe. Eis a origem do medo: existo e não me vês." (TAVARES, 2013, p. 362).

A morte imaginada encontrou morada nos olhos malignos do senhor Medeiros e a voz que teimava em servir ao seu dono moribundo amaldiçoava o espanhol e apavorava o senhor Silva.

Lembremo-nos aqui que, a certa altura da aventura de escrever cartas para Dona Marta como se fosse o marido apaixonado da velha, o senhor Silva foi fortemente encorajado pelos amigos a aventurar-se na arte da literatura. Avaliavam que ele tinha uma veia poética adormecida e, mais, que trazia nos recônditos de sua intimidade muitas e muitas histórias merecedoras de serem divididas com sensíveis leitores.

O livro, já afirmara o senhor Silva anteriormente, como escape da mediocridade do dia a dia, concentrava a potência de resistir às mazelas e as ameaças da vida. A morte, nesse contexto, pode ser a síntese do que precisa ser afastado, combatido, e no limite, eliminado.

O senhor Medeiros era a cara da morte. O livro, a arma para combatê-la. Estava armado o confronto e o velho Silva, como nas vezes anteriores, não titubeou.

mas eu fiquei de pé, o livro seguro como uma arma indispensável e aquele medo profundo de estar diante de alguém que, sinistramente, fazia os outros morrerem. [...] e eu bati três e quatro vezes com o livro na cabeça do maldito homem e depois fizemos silêncio. (MÃE, 2011, p. 230).

O que veio a seguir foi um lento e doloroso retorno à realidade.

está a faltar-me o ar, não consigo respirar. o meu amigo gritou-me, chegue-se aqui, chegue-se para aqui senhor silva. e eu recuei, com o peito a rebentar, tombando perto dele como caindo-lhe no colo. não podia bem falar. a dor obrigava-me a contorcer-me, a espernear no chão. (Ibid., 2011, p. 230).

Dois velhos apanhados pelo intangível da experiência do envelhecer e expostos à fragilidade de suas condições: assim ambos foram socorridos por uma enfermeira, como dois putos a serem flagrados depois de uma aventura infantil que resultara num grande e perigoso desastre com consequências, até então, incalculáveis.

a enfermeira entrou. estávamos sem fôlego, assustados, julgando morrer. o senhor pereira lavado em lágrimas, disse, temos medo, temos medo de estar aqui. o senhor medeiros respirava como se nada fosse. eu não o havia morto, nem um bicho assim poderia morrer como morrera dona marta. (Ibid., 2011, p. 231).

Apesar de imerso no medo e no pavor, o senhor Silva ainda conseguiu atinar que não matara o senhor Medeiros e, mais, lembrou-se do que tentava esquecer: um livro fora o objeto com que matara dona Marta.

O livro como a escolha simbólica por algo que contivesse todas as respostas para as questões mais complexas de nossa existência, o objeto-lugar capaz de iluminar a escuridão de nossas incertezas e de nossos medos.

Mas não haveria livro no mundo que desse conta de eliminar tanto remorso e ressentimento enterrados e que agora, na velhice, teimavam em meter-lhe o medo mais profundo que já experimentara.

fora uma ingenuidade da minha parte achar que armado com um livro me armara para todos os inimigos do mundo. (Ibid., 2011, p. 231).

Exauridos e amparados pela enfermeira, finalmente deixaram o quarto.

abandonámos o quarto do esteves iguais a dois ridículos vencidos na guerra. aquilo é uma coisa do diabo, e eu respondia, você tinha razão. e ele chorava sempre e repetia, é um perigo. estamos todos em perigo. (Ibid., 2011, p. 231).

Previamente nos foi dado a conhecer que o senhor Pereira tinha uma teoria conspiratória sobre os incêndios que ocorriam de tempos em tempos no Feliz Idade. Para ele, não se tratavam de acidentes e sim artifícios para que as vítimas cedessem seus lugares àqueles que aguardavam uma vaga na instituição.

Na ocasião, frente à descrença do senhor Silva, o chamara de tolo e afirmara que se eles parassem de pensar estariam enterrados. Tal raciocínio vai de encontro à ideia de estarem todos os velhos em perigo, uma fixação em situações que acreditava conspiratórias.

Ou seja: o que cada um dos dois velhos "viu" no quarto estava diretamente ligado aos conteúdos latentes que carregavam, e ainda, tais conteúdos estariam ampliados pela fragilidade física e emocional em que ambos se encontravam.

a enfermeira perguntava, mas que raio estavam a ver ali aninhados, seus tontos, que raio se havia de ali passar. (Ibid., 2011, p. 231).

Eram os raios da senilidade, que apesar de estarem caindo na cabeça da profissional, não conseguiram fazer com que ela tratasse de tamanho drama com mais compaixão e acolhimento, reforçando assim o que ponderamos acima: além de todos os percalços de uma velhice vivida numa instituição fechada, ainda temos que enfrentar e tentar rapidamente resolver a questão da qualificação e atenção integral aos profissionais envolvidos com todas as questões ligadas ao envelhecimento.

eu achava que ia ter um ataque do coração. qualquer coisa no meu peito se tinha a bater obstinadamente como se procurasse um modo de abrir caminho, acho que me vai parar o coração. sentámo-nos nas escadas. o frio das escadas causou-me um arrepio e eu perdi os sentidos. ainda ouvi o senhor pereira dizer, o meu amigo vai morrer. (Ibid., 2011, p. 231).

O senhor Silva não estava ali a morrer, mas a partir daquele momento ele começava sua jornada rumo ao outro lado de sua história.

Capítulo XXI Ir para o outro lado da cabeça

Eu não sou eu

Nem sou o outro.

Sou qualquer coisa de intermédio

Pilar da ponte de tédio

Que vai de mim

Para o outro.

Mario de Sá Carneiro

Um susto. Fora um grande susto.

O senhor Silva recuperou-se do episódio que o circunscreveu no rol dos pacientes que inspiravam muito cuidado e atenção.

O que restou da incursão ao quarto do moribundo Medeiros foi um corpo frágil, vulnerável e o acréscimo de elementos fantasiosos na sua cabeça.

o espanhol enrique dizia que à noite entravam uns homens pelo seu quarto adentro, cumprimentavam o senhor medeiros, que se mexia e lhes falava com confiança, e depois montavam sobre ele um aparato estranho de cabos e mangueiras, de ecrãs e coisas de computador, como teclados e até godés e tubos de ensaio onde fumegavam preparos químicos. durante a noite, esses homens iam para ali com ar de cientistas secretos, dos quais ninguém sabia nada, e montavam uma tremenda máquina de transformar portugueses em espanhóis. (MÃE, 2011, p. 235).

A descrição feita pelo senhor Silva se identifica claramente com os aparatos médicos utilizados para diagnósticos, avaliações de quadros clínicos, procedimentos e atendimentos de emergência.

Mas para o senhor Silva, o espanhol, o senhor Medeiros e todos os velhos que pelo quarto passaram ou alimentaram em alguma medida sua imaginação, aquele era o verdadeiro portal do inferno.

durante a noite, tantas noites assim acontecia, o antigo quarto do esteves era usado para as experiências mais bizarras de quem inventava máquinas para fins que aceleravam a morte dos utentes. o senhor medeiros, que não morreria nunca, fizera algum estranho pacto com o diabo. (Ibid., 2011, p. 235).

O senhor Silva passava, pois, os dias a elocubrar e a temer o quarto da máquina de fazer espanhóis. A vida no Lar da Feliz Idade fora aos poucos perdendo a força de quando todos os Silvas ainda estavam vivos, e o bom Anísio vivia sem a sufocante companhia de dona Glória do linho.

a mim custava-me falar, sobretudo ansioso e aflito como andava, e ela atalhava os assuntos dizendo, sim, sim, pois é, é um problema. que era para ver se dava assuntos por terminados e me punha longe do anísio. (Ibid., 2011, p. 235).

E foi enquanto mantinham uma conversa incômoda que Américo apareceu com a notícia que iria marcar uma sequência de reflexões profundas do senhor Silva.

entrou, o semblante carreado de quem teria por ofício magoar-nos, e eu voltei a sentar-me. o américo disse, quero que saibam por mim, e que tentem fiar calmos, por mais triste que a notícia seja. eu também estou muito triste. a dona gloria do linho exclamou ai meu deus, quem foi agora. e depois o américo respondeu e ela sentiu um alívio na medida certa do quanto desprezava o senhor pereira. por algum cruel motivo, a presença daquela mulher era a maior alta de respeito que poderiam cometer pelo nosso amigo senhor pereira naquele momento tão impossível de ficarmos sem ele. chorei pelo corredor fora. o américo segurou-me pelo braço e chorou também. (Ibid., 2011, p. 236).

Ora, o que foi comentado anteriormente sobre o despreparo dos funcionários do Feliz Idade encontra na figura de Américo, mais uma vez, seu contraponto.

Seguro na condução de uma situação potencialmente arriscada, qual seja, comunicar a morte do senhor Pereira, especialmente para o senhor Silva, que era o mais íntimo amigo e o mais debilitado, Américo mostrou-se firme e acolhedor.

quando soube, o silva da europa veio procurar-me. não lhe consegui falar porque me faltava o ar e a enfermeira tentava acalmar-me com oxigênio e pedindo que me deixasse sozinho. não larguei a mão do américo. por mais que ela tivesse a intenção de o incluir nos expulsos dali, não larguei a mão do américo. [...] o américo

não me largou. foi essencial para que eu conseguisse, espantosamente, descansar. (Ibid., 2011, p. 237).

Imprescindível, Américo foi a presença que definiu a passagem do senhor Silva por esse choque. Sem ele, poderia ter sucumbido frente à tristeza da perda do amigo e à solidão de não ter uma mão segura, sensível e, por que não dizer, amorosa ao seu lado. Junto com Américo, pôde tirar forças para começar a fazer um grande e necessário balanço de sua velhice.

depois confessei-lhe, precisava deste resto de solidão para aprender sobre este resto de companhia. este resto de vida, américo, que eu julguei já ser um excesso, uma aberração, deu-me estes amigos. e eu que nunca percebi a amizade, nunca esperei nada da solidariedade, apenas da contingência da coabitação, um certo ir obedecendo, ser carneiro. eu precisava deste resto de solidão para aprender sobre este resto de amizade. (Ibid., 2011, p. 237).

Podemos avaliar o quão importante foi a escuta de Américo para a elaboração dos conteúdos que afloraram imediatamente depois dessa perda. Ele, que durante dois anos vinha acompanhando sutil e respeitosamente as conquistas e reveses do senhor Silva; que, por entender a importância da empreitada das cartas para Dona Marta, tornou-se seu cúmplice e incentivador; ele que, no limite, foi o filho que o senhor Silva teimava em esquecer.

Américo era um cuidador. Os cuidadores podem ser um pouco como Américo.

hoje percebo que tenho pena da minha laura por não ter sido ela a sobreviver-me e a encontrar nas suas dores caminhos quase insondáveis para novas realidades, para os outros. os outros, américo, justificam suficientemente a vida, e eu nunca o diria. esgotei sempre tudo na laura e nos miúdos. esgotei tudo demasiado perto de mim, e poderia ter ido mais longe. e eu não morro hoje, rapaz não morro sem acompanhar o senhor pereira para o cemitério. (Ibid., 2011, p. 237).

Encontros, surpresas, encantamentos, medos e solidão. Foi preciso o senhor Silva aceitar o fluxo inexorável da vida para poder, frente à morte, experimentar uma verdadeira epifania do que o viver tem de deslumbrante!

Generoso, ainda pensava o quanto Laura não tinha experimentado, e por isso, lamentava-se amorosamente.

Aceitou francamente o fato de que ter vivido somente para a família havia reduzido suas possibilidades de superação e descobertas, e foi fortalecido por essa revelação.

O senhor Silva finalmente sintetizou seu compromisso com o outro ao afirmar que ainda não morreria, iria ao cemitério ver o amigo ser enterrado, metáfora de um vínculo que seguiria firme até o final.

E também até o final seguiu o senhor Silva a brincar com o amigo: decidiu-se tirar da estátua da Mariazinha, aquela que já tivera dilapidada suas pombinhas, e ficou também sem uma nuvenzinha azul atada sobre sua cabecinha.

[...] bastava-me aquele pedaço de nuvem, um bocado de uma brincadeira, para o lembrar de mim, para lhe deixar ao pé qualquer coisa minha, que mo reclamasse a cada momento, que vencesse os bichos e esperasse o mundo muito tempo. se não existir céu, senhor pereira, já aqui tem o que lhe ofereço, um que não se vai apagar tão depressa, ainda que enterrado na escuridão. (Ibid., 2011, p. 238).

Depois do enterro, o senhor Silva entregou-se, afinal, usara toda energia que ainda lhe restava para estar no cemitério.

fui agarrar-me ao silva da europa, que não disse nada, sustentou o meu peso e calou-se. fui eu quem afirmou, está tudo a acabar. agora está tudo a acabar. (Ibid., 2011, p. 238).

O senhor Silva determinou que tudo estava por se acabar. A filha Elisa foi chamada pelo Doutor Bernardo, que à revelia do moribundo, também tratou de providenciar um padre.

Mas não foi o enviado da Igreja que o velho Silva escolheu para conversar sobre o fascismo do qual foi vítima e algoz, e sobre o qual desejava agora expurgar seu remorso.

a elisa ficou na minha cadeira a passar horas, o candeeiro sempre aceso e eu pedi que me trouxessem o silva da europa, se estivesse acordada. diga-me coisas sobre o fascismo, explique-me como éramos um povo de orelhas baixas e mando de um padreco de voz de menina, e ele sorria. respondia-me, você já sabe tudo, você sabe até melhor do que eu. e eu ria-me e tossia um pouco e, pela primeira vez tratei-o por

colega silva, somos colegas, dois dos muitos, silvestres, muito mal-educados. (Ibid., 2011, p. 238).

Portanto, com elementos simbólicos ricos vamos delineando a grande virada do senhor Silva, um homem que encontrou na velhice sentidos até então encobertos pela poeira dos caminhos que escolheu trilhar.

O Silva da Europa não era apenas aquele que discursava sobre os efeitos perversos do salazarismo sobre o povo português, mas também foi a voz que ajudou o senhor Silva a ver-se melhor dentro do contexto do discurso do agora colega Silva, e, por conseguinte, a poder lidar melhor com o remorso e o ressentimento que sentia frente a esse imenso capítulo de sua vida.

adormeci um tempo depois, o sono inteiro a admirar o céu coberto de pássaros negros que, estranhamente, me fascinaram. (Ibid., 2011, p. 239).

Eis, pois, a aceitação da morte e a transformação do medo em fascínio!

O senhor Silva já vencera uma difícil etapa desse delicado processo.

a partir de então não pude descer. as pernas apressarm-se a desmobilizar o sentido, como não sabendo nadado que sempre souberam, sem caminho, sem ida nem regresso, e os pulmões já não percebiam nada do ar, de como devia entrar e como devia sair. e eu tinha de imaginar tudo pelo corpo. tinha de esforçar-me para que alguma coisa estivesse a operar na máquina estendida na cama. (Ibid., 2011, p. 239).

Um corpo a parar, a esquecer de registros vitais, a seguir errático pelas mãos da imaginação. Uma musculatura que Gonçalo M. Tavares afirma estar [...] ***"inscrita em acontecimentos: a anatomia muscular é influenciada não apenas pelas cargas físicas que é sujeita ou pela herança genética recebida, mas também pelas experiências a que o indivíduo é sujeito. Todos os acontecimentos da existência participam na expressão muscular de um corpo, já que a vontade expressa pelos músculos é uma unidade, se a quisermos assim entender, mas composta por inúmeras partes – umas concretas, materiais, celulares, outras que são apenas vagas perturbações."*** (TAVARES, 2013, p. 84).

O acontecimento no qual o velho corpo estava imerso era seu desligamento.

passaram a deixar-me na penumbra porque achavam que a pouca luz me faria descansar, para que dormisse sempre mais, como indo para a morte nesses momentos de estar desligado. mas não sabiam que desligado eu ia para outro lado da cabeça, onde me sentava no canto escuro do quarto protegendo-me com as mãos em sangue do ataque cada vez mais perto da polícia dos costumes. acusavam-me de matar as pessoas, de entregá-las para a morte, de não querer ser português, de suspirar pela morte para não ter de pagar pelos meus crimes. a morte é o seu mecanismo de fuga, seu pulha, não vamos deixar que se evada tão facilmente. (MÃE, 2011, p. 239).

Aos poucos, todo o sistema psíquico que sustentara por mais de sessenta anos a culpa por ter sido conivente com o regime salazarista foi ruindo. O senhor Silva já conseguira entender o seu papel na complexa estrutura de poder e subjugação mantida em Portugal. Ele era apenas mais uma vítima, e a morte de Laura havia concorrido fortemente para poder se aproximar dessa sombra e encontrar a luz de outros, outros Silvas, outros amigos.

Capítulo XXII Hoje

Uma questão de tempo. O destino do senhor Silva era a ala esquerda do Lar da Feliz Idade.

Américo pelejava para acalmá-lo afirmando que não, ninguém tinha lá morrido, que o espanhol estava vivo e furioso, que ninguém queria apressar sua morte e que para lá ir era uma questão de praxe.

o américo dizia que ainda não era para já e que não podia ser que me mantivessem ali, por causa da praxe, na ala esquerda estava a parte clínica do lar, teria máquinas e cuidados mais atempados. e eu exclamava, clínica. e ele dizia, sim, senhor silva, as pessoas doentes passam por aqueles quartos, temos lá os enfermeiros, e os soros e essas das máquinas para respirar e é melhor assim, não vai ter aqueles ataques de tosse outra vez. é para sentir-se melhor e mais seguro. o senhor silva já sabia disto. (MÃE, 2011, p. 243).

Sim, o senhor Silva já sabia disto, mas numa esfera muito distinta da que Américo poderia supor. Nada do que falasse demoveria a fantasia criada pelo velho e seus amigos, pois, se não fosse naquele quarto, a cara e o medo da morte teriam por eles sido acomodados em outro espaço do asilo.

As máquinas, os tubos, as telas... Artefatos reais à serviço de uma fabulação coletiva.

Mas o ataque que o senhor Silva impetrara contra o velho Medeiros usando como arma um livro, esse tinha sido real e resquícios da violência já haviam sido erroneamente notados.

Enquanto o moribundo Silva não era transferido para ala esquerda, insistia com o amigo Silva da Europa por notícias do senhor Medeiros e do espanhol.

era porque começara a achar que o espanhol enrique tentara esganar o senhor medeiros e este andava com um ar mais baralhado, como se tivesse uns golpes na cabeça[...] colega silva, aquilo é de uma loucura tão convincente que a gente até

fica ali a creditar que aquele homem está a ser atacado por um qualquer grupo de malfeitores... (Ibid., 2011, p. 243).

Apenas imaginar os mal bocados que Esteves passara no quarto do velho Medeiros mobilizou afetos profundos no senhor Silva.

[...] coitado do esteves, coitado do nosso esteves. como se o esteves fosse nosso, e nós, eu e o silva da europa, e o senhor pereira e mais o anísio dos olhos de luz, fôssemos uma família uma outra família pela qual eu não poderia ter esperado. unida sem parecenças no sangue, apenas no destino de distribuirmos solidão uns pelos outros. distribuída assim, a solidão de cada um entregue ao outro, era tanto quanto família. era uma irmandade de coração, uma capacidade de ser leal como nenhuma outra. estendi a mão ao silva da europa e disse-lhe, e o américo, o américo também que é meu amigo. (Ibid., 2011, p. 244).

Exatamente o avesso do que anteriormente afirmara sobre a desnecessidade de vínculos afetivos além dos familiares! O senhor Silva fez uma verdadeira "ode à amizade", a possibilidade de um estranho passar a fazer parte de nossas vidas e que, sim, o respeito e o cuidado pelas pessoas eram experiências transformadoras.

Afinal, é importante que tenhamos em perspectiva que muito além do sofrimento, como Silvana Tótora descreve: [...] ***"a velhice experimentada, como multiplicidades de vivências, sensações, forças, afetos e intensidades fortes demais, explode os limites do organismo e pode roçar e imprimir no corpo as marcas discretas da morte."*** (2015, p.221).

Preocupado com o legado que deixaria, o senhor Silva pede ao amigo Anísio que destrua as cartas de amor que escrevera para dona Marta.

[...] também era o anísio aquele que melhor cederia à minha chantagem. arredado de nós como andava, não esquecido mas sem tempo para o exercício da amizade. foi fácil cobra-lhe a lealdade. vi-o a rasgar em ínfimos pedaços cada carta inviabilizando para sempre a possibilidade de sua leitura. (MÃE, 2011, p. 245).

Totalmente inserido no jogo às vezes perverso das relações, o senhor Silva se aproveitou da fragilidade da posição do amigo frente ao grupo, fazendo-o ceder a um pedido de um moribundo.

O senhor Silva não escrevera um livro com seus poemas. Descobrira que a poesia podia surpreender a todos a qualquer momento, em qualquer lugar.

perguntava-me por que não deixar que ficassem seriam uma história bonita no feliz idade. e eu respondia que não, não o queria, que as histórias bonitas aconteciam por acaso, e eu acabara de aprender que a vida tem de ser à deriva, mais ao acaso, porque quem se guarda de tudo foge de tudo. (Ibid., 2011, p. 245).

Exatamente como Silvana Tótora nos propõe ao escrever que: [...] ***"experimentar a velhice é poder deslizar sobre os problemas, sofrimentos dores e doenças como artistas que inventam saídas alegres e impensadas".*** (2015, p.221).

Imerso em reflexões, lampejos e descobertas e com seu estado de saúde geral deteriorando-se rapidamente, havia chegado a hora de o senhor Silva ser transferido para ala esquerda do Feliz Idade.

falta pouco tempo antónio, pensava eu, falta pouco tempo para tudo isto se desligar. depois, não vais estar em lugar algum. não vais estar em lugar algum. e o coração mexia-se a custo e eu pensava, ainda não, agora ainda não. não que me faltasse algo, não me faltava nada, mas eu sabia que me iam levar para a ala esquerda, tinha de lá chegar primeiro, só depois havia de deixar-me ir. (MÃE, 2011, p. 246).

A ala esquerda do Lar da Feliz Idade concentrava todos os mistérios da finitude e, de certa maneira, a luta possível dos que lá estavam para sobreviverem a qualquer custo.

O senhor Medeiros era a representação acabada do poder biomédico: moribundo desde muito, lá permanecia sob a égide de máquinas que faziam dele um ser fantasmagórico a serviço de uma lógica perversa, qual seja, a manutenção da vida sem a crítica necessária que envolva a qualidade e a dignidade do existir humano.

O senhor Silva guardava suas últimas forças para o encontro final consigo mesmo e o cenário escolhido para esse momento era carregado de sentidos.

Chegar, pois, a esse espaço carregado de significados era a grande oportunidade do nosso caro senhor Silva ter um último *vislumbre*.

Essa ideia é trabalhada pela Professora Silvana Tótora na sua pesquisa sobre a velhice como uma estética da existência.

"Imaginemos que no fluxo natural de nossa existência, temos raríssimos momentos nos quais nos afastamos das normas colocadas socialmente. Estamos todos imersos em discursos de intervenção e controle da vida, o que o filósofo Michel Foucault define como a biopolítica"[7].

O senhor Silva não foi exceção a essa regra.

Todavia na velhice, pôde experimentar uma potência singular de vida através de encontros atravessados por afetos alegres e vivências que romperam paradigmas escravizantes possibilitando assim um olhar menos duro e julgador das escolhas que definiram sua trajetória.

Foi no Feliz Idade que o velho Silva viveu a velhice como potência singular de vida e a cada dia, a seu modo, seguia atualizando seus novos e criativos modos de encarar a vida.

Ao roçar a morte, desobrigado de seguir percursos pré estabelecidos, chegava o momento em que, assim como Deleuze coloca, tudo poderia acontecer.

Era chegada a hora do vislumbre de algo que até então não conseguira reter, o que nunca antes fora visto, que sempre esteve presente, mas só poderia ser acessado por meio de uma fissura, um racha.

É disso que se trata o vislumbre. E é exatamente na velhice que podemos vislumbrar um acontecimento, algo que nos faltava, algo que desconhecíamos e que irá fazer desse momento um acontecimento.

o corpo desligando-se dos sentidos é como distanciando-se, ganhando espaço para exalar quanto tenha para deixar ir embora. e eu estava no quarto o esteves para conhecer tudo, conhecer o sentido da vida, porque coisa devemos defender ou não. ainda que do lado de lá já não exige nada, apenas a memória para os vivos de quem fomos. a memória e a dignidade possível. (MÃE, 2011, p. 247).

[7] Anotações realizadas durante apresentação oral da Professora Dr.ª Silvana Tótora, juntamente com seus alunos – orientados de Mestrado e Doutorado no dia 29/06/2016, pelo Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre o Envelhecimento (NEPE), coordenado pelo Programa Pós-Graduados em Gerontologia Social pela PUCSP, sob o tema: "Desconstrução dos dispositivos da sexualidade: liberações, corpo, erótica e velhice.

Para o senhor Silva, ressignificar o passado era uma necessidade perseguida há muito e por esse desejo resistiria até o fim.

Assim, a primeira noite na ala esquerda foi atravessada por imagens de máquinas gigantescas que eram montadas em cima de seu corpo paralisado de medo. Máquinas que tentavam estabilizar seu corpo e suas emoções.

uma mulher começou a tratar de uns botões, batia num teclado e sintonizava uns interruptores. subitamente fez-se um clarão de fogo e um outro homem disse-lhe, cuidado, ainda incendeias isso tudo outra vez, e ela desculpou-se, disse que eram os ritmos que precisavam de ser reajustados porque eu estava a resistir demasiado. e depois alguém comentava que talvez eu fosse demasiado resistente, e outra mulher respondia, nada disso, está mesmo a precisar, não se mexe, já nem fala, é urgente, é um caso de urgência. (Ibid., 2011, p. 248).

Essa máquina imaginada e temida pode ser entendida como uma metáfora dos dilemas éticos que envolvem a tecnologia como algo que faz o homem ultrapassar limites, ir além, ao mesmo tempo em que carrega um potencial de desumanização.

Um procedimento médico que era percebido como o assalto de seres de outro planeta. Assim foi para o senhor Silva que alimentava a dúvida sobre as tais máquinas de roubar o que era mais caro a cada um daqueles que por ela passavam.

Portanto, a ideia da máquina nos coloca também no campo das discussões sobre ética e moral.

Insta lembrar-nos de que quando, supostamente, a máquina não funcionou como deveria, houve um incêndio cuja repercussão se instalou no campo da ausência de ética: a morte de três velhos. (MÃE, 2011, p. 54)

A ideia de resistência que permeou a experiência noturna do senhor Silva, iria acompanhà-lo e dar forças para continuar vivo até quando pudesse dar voz aos seus mais íntimos desejos.

naquela altura eu tinha de gritar. precisava de dizer que me arrependia, que não queria fica sem metafísica, que me enterrassem com a metafísica e português. arrependia-me do fascismo e de ter sido cordeiro tão perto da consciência, sabendo tão bem o que era o melhor valor, mas sempre ignorando, preferindo a segurança das hipocrisias instaladas. eu precisava de gritar dizendo que queria morrer

português, queria ser português, com a menoridade que isso tivesse de implicar, porque fui um filho da puta, e merecia ser punido, fiz do meu país um lugar de gente desconfiada, nenhum povo unido. eu precisava que me deixassem morrer inteiro. um monte de peles e carnes derrubadas, mas inteiro, com a vergonha de ter sido conivente e o orgulho de ter percebido tudo. (Ibid, 2011, p. 249).

Naquela altura, aos oitenta e quatro anos, António Jorge da Silva, vislumbrou com orgulho a sua mais legítima identidade: um homem inteiro que carregava dentro de si potências positivas e negativas.

porque eu precisava de morrer consciente, recordando cada minuto do tempo com a minha laura, recordando como a vida se fizera em torno dela e da família, como me terá parecido que assim devia ser um homem, como assim me havia bastado a cidadania. assente sobretudo no amor. não me tirem a consciência do amor e de sua perda. (Ibid, 2011, p. 249).

Assim como para os românticos, para o senhor Silva, não havia a possibilidade de vida com beleza se não houvesse uma ligação amorosa.

Laura era a síntese do belo, do amor, da alegria possível e a vida sem ela, significou uma ausência à espera de um reencontro.

na manhã seguinte, hoje, abertas as portadas, entra uma luz pacífica pelo quarto e eu estou bem. (Ibid, 2011, p. 249).

Hoje. Uma vida narrada no tempo da potência de lembrar.

O vislumbre do senhor Silva foi tal qual a de um escritor que frente a uma folha em branco tem uma grande e definitiva inspiração para terminar um texto longo, complexo, incoerente, quase sempre imprevisível, repleto de acasos, encontros, desencontros, melancolia, tristeza e amor.

Esse foi o texto da vida do Senhor Silva.

são as melhoras da morte, com certeza. esse instante piedoso em que nos deixam vir de cima, quem sabe para nos entendermos, para nos rematarmos, antes de ser tudo passado. estive a noite inteira no purgatório da ilusão e acordei para entrar no fugaz turbilhão da memória, recuperando tudo, lembrando tudo como se a vida condensasse em alguns minutos. (Ibid, 2011, p. 249).

Cercado pelos amigos Silva da Europa, Anísio e Américo começou um relato sobre as ameaças do senhor Medeiros e a terrível máquina.

era uma máquina para me tirar o fascismo da cabeça. mas eu já o havia tirado antes, explico eu. eu já o tinha feito a frio, sem ajuda das tecnologias, porque a consciência ainda é dos químicos mais corrosivos, ou dos melhores detergentes se quiserem. (Ibid, 2011, p. 249).

O senhor Silva estava só e pronto para deixar para trás o remorso e o ressentimento. Seu desejo de aceitação do texto escrito de sua vida dispensava qualquer tipo de ajuda representada aqui pela máquina.

os amigos riem-se. e eu insisto, é verdade que o senhor medeiros se põe a dizer coisas, e acho até que se mexe. o américo chegou-se a mim e refutou, senhor silva, isso é uma impressão, e já é um mito deste quarto, o senhor medeiros está como uma planta e nunca poderia falar, foi operado à garganta e tiraram-lhe as cordas vocais há muitos anos. (Ibid, 2011, p. 249).

Américo que do Feliz Idade tudo sabia e a tudo ouvia só no leito de morte do amigo Silva é que acaba por revelar a real situação do velho Medeiros.

Em que medida a ocultação do estado vegetal do que chamou de mito desse quarto, servia aos interesses da manutenção de certo grau de mistério sobre o que realmente ocorria na ala esquerda?

Ou ainda não estaria a administração da instituição fomentando esse imaginário perverso dos velhos para assim mantê-los entretidos, ocupados e consequentemente demandando menos atenção dos enfermeiros e cuidadores?

Hipóteses que não podemos afastar face a tantas distorções que acontecem em instituições fechadas como o Lar da Feliz Idade.

e eu contradigo-o, não é verdade, rapaz, o senhor medeiros fala e tem para aí um pacto com o diabo. o anísio pergunta, isso não é o amigo silva acreditar na transcendência. e eu respondo, só acredito nos homens. só acredito nos homens, e espero que um dia se arrependam. (Ibid, 2011, p. 250).

Ao professar sua fé nos homens, o senhor Silva acabou por aceitar os limites da experiência humana e, por consequência, da falibilidade que nos rodeia.

bastava-me isso, que um dia genuinamente se arrependessem e mudassem de conduta para que fosse possível acreditarem uns nos outros também. mais do que isso, sinto apenas angústia. a enfermeira entrou, aproximou-se de nós, perguntou, o que sente, senhor silva. e eu repeti, angústia, sinto angústia. (Ibid., 2011, p. 250).

Não era possível para o senhor Silva representar o que pressentia se aproximar.

Freud disse: “a angústia é algo que se sente”.

O senhor Silva sentiu a morte.

EPÍLOGO

Pasmo sempre quando acabo qualquer coisa. Pasmo e desolo-me.

O meu instinto de perfeição deveria inibir-me de acabar; deveria inibir-me até de dar começo.

Mas distraio-me e faço. O que consigo é um produto, em mim, não de uma aplicação de vontade, mas de uma cedência dela. Começo porque não tenho força para pensar; acabo porque não tenho alma para suspender. Este livro é a minha covardia.

Fernando Pessoa[8]

[8] PESSOA, F. **Livro do Desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa**. 3ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 170.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram necessários cinquenta e dois anos para conseguir interpretar e analisar duzentos e quarenta e cinco fragmentos do livro *A máquina de fazer espanhóis*.

Só a maturidade fez com que o universo criado por Valter Hugo Mãe fizesse naturalmente total sentido em minha vida.

Ao refletir agora sobre o processo de formulação desse trabalho, concluo que vivenciei cada acontecimento narrado com tal profundidade, que logo já não fazia distinção entre ficção e realidade.

Carreguei comigo os momentos mais duros da trajetória do senhor Silva, enraiveci-me com ele, sofri com seu sofrimento e desejei ardentemente chegar ao ponto em que juntos vislumbrássemos um acontecimento capaz de redimir sua dor e seu remorso.

Com esse velho português entendi o medo mais profundo que o tempo pode trazer, abandonei os meus frágeis temores da morte, entendi que podemos viver intensamente apesar e além de todos os limites, convenções e ameaças que a normatização de nossas vidas nos impõe.

Demorei para me aproximar do último capítulo nomeado "Hoje" e só depois de terminá-lo pude entender que não precisava temer o fim de uma história, da minha história com o livro.

Entendi que a qualquer momento de nossas vidas podemos vislumbrar um acontecimento que potencialize nossa existência.

"Hoje" foi o último capítulo da minha máquina de fazer velhos e hoje pode ser o primeiro capítulo de uma nova história em minha vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, R. **O criador de mitos: imaginário e educação em Fernando Pessoa**. São Paulo: EDUC, 2011.

ARENDT, H. **O Homem em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

BACHELARD, G. **A Água e os Sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BACHELARD, G. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

BARROS, M. **Manoel se considera um songo – parte I**. Caros Amigos, n.117, 11 dez.2006. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/Manoel-de-barros-se-considera-um-songo-parte-i>. Acesso em: 25 jun.2016.

BARTHES, R. **Fragmentos de um discurso amoroso**. São Paulo: Martins Editora, 2003.

BAUMAN, Z. **O amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos**. Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 2004.

BAUMAN, Z. **O Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BESSA–LUÍS, A. **A Sibila**. Portugal: Guimarães Editores, 1998.

BLANCHOT, M. **O livro por vir**. São Paulo: Martins Fontes, 2005

BOFF, L. **Saber Cuidar – ética do humano – compaixão pela terra**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças dos velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

DELLEUZE, G. **Foucault**. Portugal: Vega, 1987.

DELLEUZE, G.; PARNET, C. Diálogos. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DELLEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?** 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

DEMASI, M. A; LOPES, R. G. C; FONSECA, S. C. da. **Afinal de que velhice estamos falando?**. Revista PORTAL de Divulgação. n. 45. Ano V – Jun/Jul/Ago, pp.18-24, 2015. Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.com/revista-nova/index.php/revistaportal/article/view/511/550>. Acesso em: 26 mai. 2016.

ELIAS, N. **A Solidão dos Moribundos. Envelhecer e morrer.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução Salma Tannus Muchail. — 8ª ed. — São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1989.

GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**. Rio de janeiro: Jorge Zahar, 2012.

GIROTTO, K. **Lusco fusco – *afiando* a faca quase no escuro**. Dissertação [Mestrado em Psicologia Social], Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões, conventos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010.

GOMBROWICZ, W. **A Pornografia**. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

LIMA, L. C. **História, Ficção, Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MÃE, V. H. **A máquina de fazer espanhóis**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MESSY, J. **A pessoa idosa não existe**. São Paulo: Aleph, 1993.

MUCIDA, A. **O Sujeito não Envelhece - Psicanálise e Velhice**. Minas Gerais: Autêntica Editora, 2014.

MUCIDA, A. **Escrita de uma memória que não se apaga: Envelhecimento e Velhice**. Minas Gerais: Autêntica, 2009.

NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. Porto Alegre: L & PM, 2014.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da Moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NIETZSCHE, F. **Aurora.** Rés Editora. Porto – Portugal, 1983.

RICŒUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. São Paulo: Editora da Unicamp 2007.

SARTI, C. A. **A família como ordem simbólica**. Psicologia USP, v. 15, n. 3, pp. 11-28, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v15n3/24603.pdf>. Acesso em: 21 mai. 2016.

TAVARES, G. M. **Atlas do Corpo e da Imaginação. Teoria, Fragmentos e Imagens.** Portugal: Editora Caminho AS, 2013.

TÓTORA, S. M. C. **Velhice: Uma estética da existência**. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2015.

WITTGENSTEIN, L. **Cultura e Valor**. Portugal: Edições 70, 1996.

WITTGENSTEIN, L. **O Livro Azul.** Portugal: Edições 70, 1933-1934.